

“
*Vou matar
vocês.
Não adianta
fugir*
”

**Wellington Menezes
de Oliveira**, ao disparar
contra dezenas de crianças,
espalhando a morte
e o pânico pela escola Tasso
da Silveira, no Rio de Janeiro

EXEMPLAR DE ASSINANTE

VENDA PROIBIDA

11 ABRIL 2011 | Nº 673 | R\$ 8,90



Vamos agora cuidar dos vivos

Deixo minha filha mais velha na porta da escola e, como todo pai brasileiro nesta sexta-feira de manhã, sinto medo. Aquele horror a que, até pouquíssimo tempo atrás, acreditávamos estar imunes, agora está aí, diante de todos nós. O desatino, a loucura, a insânia – como descrevê-la? – dos assassinos de crianças nas salas de aula chegou ao Brasil. Jamais voltaremos àquela era da inocência em que esse tipo de terror gratuito e absolutamente sem sentido parecia algo tão distante do nosso país quanto os terremotos, os furacões ou as erupções vulcânicas.

No momento em que escrevo, 12 crianças estão mortas: Ana Carolina Pacheco da Silva, 13 anos; Karine Chagas de Oliveira, 14 anos; Rafael Pereira da Silva, 14 anos; Milena dos Santos Nascimento, 14 anos; Mariana Rocha de Souza, 12 anos; Larissa dos Santos Atanázio, 13 anos; Bianca Rocha Tavares, 13 anos; Luiza Paula da Silveira, 14 anos; Laryssa Silva Martins, 13 anos; Géssica Guedes Pereira, 15 anos; Samira Pires Ribeiro, 13 anos; e o menino Igor Moraes da Silva, 13 anos. E, entre as 12 feridas, três estão em estado grave.

Nada trará de volta os mortos nem será capaz de aliviar a dor da perda da vida que cada uma dessas crianças viveria, não fosse a tragédia. Mas, se há algo que podemos – e devemos – fazer, é dobrar nosso cuidado com os vivos. Em primeiro lugar, com os sobreviventes do próprio massacre, pois ninguém passa impunemente

por uma experiência dessa natureza. Temos de prestar todo tipo de auxílio às crianças que, numa idade ainda imatura, testemunharam tamanho horror. Em segundo lugar, é preciso ajudar os familiares e as pessoas próximas de todos aqueles que se foram a superar este momento doloroso.

E há, por fim, todos nós, os demais brasileiros. Duas questões de fundo, com impacto em toda a sociedade, emergem imediatamente do massacre (ambas discutidas no emocionante relato da página 90). A primeira é relativa às medidas de segurança nas escolas e às ações que as autoridades e a população devem tomar para conseguir deter esse tipo de loucura. A segunda é a forma como o país lida com as armas de fogo. Embora não tenhamos aqui uma cultura armamentista comparável à dos Estados Unidos, o Brasil também sofre com contrabando, tráfico de armas e com a facilidade que bandidos – e agora loucos – têm para encontrar um meio de dar seus tiros. Não é possível saber se daria para ter evitado o massacre de Realengo. Mas, doravante, é provável que o Brasil tenha de aprender a lidar com um novo tipo de medo.

HELIO GUROVITZ

Diretor de Redação



VIGÍLIA
Ato em homenagem às crianças mortas no massacre da Escola Municipal Tasso da Silveira, no Rio de Janeiro



O relatório final da Polícia Federal sobre o mensalão, ao qual ÉPOCA teve acesso, revelou o funcionamento do valerioduto e fez novas acusações

Anatomia do valerioduto

Quando entrevistado, respondi a ÉPOCA que a Casa da Gávea recebeu patrocínio do Banco do Brasil em 2004 exclusivamente para a realização de projetos culturais. Os shows tiveram grande sucesso e foram amplamente divulgados pela imprensa.

Nada disso aparece na matéria da ÉPOCA. Apenas minha foto, meu nome e o da Casa da Gávea, e a insinuação de que levei R\$ 255 mil de um suposto esquema corrupto. Para a revista conta apenas colocar uma foto de um “ator global” e com isso apimentar um pouco a matéria.

Paulo Betti, ator e presidente da Casa da Gávea, Rio de Janeiro, RJ

CARTA DA SEMANA

“O que mais nos entristece é saber que homens como Bolsonaro fazem parte da instituição que elabora as leis que deveriam punir atitudes como a dele”

Geraldo Matias, Belo Horizonte, MG



O OPERADOR
Marcos Valério,
artífice do
esquema que
distribuiu ao
menos R\$ 55 mi
a parlamentares

A Casa da Gávea declara que recebeu patrocínio do Banco do Brasil e realizou três projetos de baixo orçamento beneficiando mais de 100 artistas, professores e técnicos. As notas fiscais dos shows foram emitidas segundo orientação do Banco do Brasil nos valores exatos dos projetos. Nenhuma nota foi emitida em nome da DNA.

Andreia Fernandes,
gerente de projetos culturais da
Casa da Gávea, Rio de Janeiro, RJ

*Nota da Redação – ÉPOCA
mantém as informações
publicadas.*

A Subsecretaria de Comunicação do Governo de Minas informa que são regulares os documentos que comprovam o pagamento da cota de patrocínio ao Festival de Moda Minas Cult, realizado pelo Instituto Nacional de Moda e Design (In-Mod) em abril de 2005. O governo patrocinou o evento com o pagamento único de R\$ 630 mil. Coube ao

realizador, e não aos patrocinadores, como diz a revista, contratar fornecedores e prestadores de serviços. Essa subsecretaria desconhece a existência de notas fiscais em duplicidade na prestação de contas e esclarece que o pagamento do patrocínio foi efetuado através de agência definida por meio de licitação pública.

Gustavo Nolasco, Subsecretaria de
Comunicação do Governo de
Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

Uma vergonha o envolvimento do vice-presidente, Michel Temer, com maracutaia. Mas maravilha a atitude do STF, até como ato de desagravo ao eleitor brasileiro, ao expor todas as falcaturas cometidas por esses homens indigentes de moral e ética.”

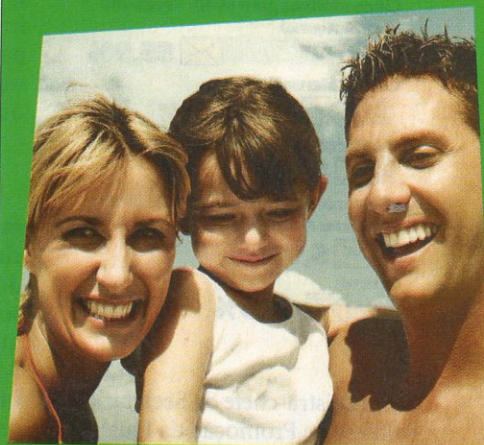
Walter Lemos Filho,
Florianópolis, SC

Vergonha nacional

Ruth de Aquino (“Nossa Antena” 672/2011) abordou os comentários do deputado Jair Bolsonaro e a morte da atriz Cibele Dorsa

Deixe a alegria
tomar conta
do seu feriado.
**Alugue um carro
na Localiza.**

solution



R\$ **39,90***
Diárias a
partir de + R\$ 0,46
por km
rodado

Pagamento à vista ou em até
10x sem juros no cartão. **



Consulte opção com GPS.

Reservas 24h: 0800 979 2000
www.localiza.com

* Não estão incluídas taxas (5% ou 10%, dependendo da agência de retirada e/ou de devolução do carro), coberturas de risco e extras. Consulte as condições no www.localiza.com.
** Cartões de crédito American Express, Visa, Mastercard e Diners Club International emitidos no Brasil, exceto cartões Corporate.

Leia mais

comentários e participe
enviando o seu para
epoca.com.br

MAIS COMENTADAS - EM %

Cinco motivos para sentir vergonha
(Ruth de Aquino)

55,9%

CAPA - Mensalão

17,6%

O cadafalso sob Roger Agnelli, ed. 671

5,9%

"Bolsonaro e o fuzilamento da direita"
(Guilherme Fiuza)

5,9%

Outras

14,9%

A ministra-chefe da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial disse que as declarações do deputado Bolsonaro são casos explícitos de racismo, crime previsto na Constituição. Será que a ministra teria feito a mesma declaração quando Marta Suplicy fez insinuações maldosas sobre a sexualidade do prefeito Kassab ou quando Lula demonstrou preconceito com homossexuais de Pelotas?

Roberto Rios, Santos, SP

Em seu artigo, a jornalista faz uma abordagem superficial de uma tragédia que demonstrou desconhecer, ferindo sentimentos de parentes e amigos que lamentam a perda de uma pessoa de valor como Cibele – atriz, escritora, mãe e amiga.

Bruna Lee, Lages, SP

Bolsonaro e a direita

Guilherme Fiuza em "Nossa Política" (671/2011) comentou a repercussão das declarações feitas pelo deputado federal Jair Bolsonaro e o direito de expressão do parlamentar

Fiquei em estado de choque quando li a coluna do jornalista

Guilherme Fiuza. Uma pessoa que escreve numa revista da importância de ÉPOCA não pode incitar o preconceito, mesmo que ele esteja travestido de liberdade de expressão.

Thais da Silva, Porto Alegre, RS

Parabéns ao jornalista Guilherme Fiuza, que traduziu de forma clara a polêmica das declarações do deputado Bolsonaro. Ser de direita no Brasil virou sinônimo do que há de pior num ser humano. A regra hoje, imposta pela dita esquerda brasileira, faz a vítima ser sempre a culpada. Podemos não concordar com suas ideias, mas calar sua voz é sintoma de um regime que a esquerda brasileira sempre criticou: a ditadura.

Victor Luis de Almeida

Vohryzek, Rio de Janeiro, RJ

Trabalho ilegal

Em "Cercos às senzalas da moda" (672/2011) ÉPOCA abordou as condições em que trabalham empregados de uma confecção que atende a rede "Pernambucanas"

De um lado, propagandas chamativas. De outro, péssimas instalações, condições de trabalho e salários humilhantes. Esse é o paradoxo que define o escândalo das "Pernambucanas", que poderia ser mudado com maior fiscalização e com a valorização do trabalhador.

João Carlos Batista,
Sete Lagoas, MG

FOMOS MAL

O professor Carlos Eduardo Negrão é educador físico e fisiologista do Incor, e não médico. ("É difícil, cansa, mas emagrece", 672/2011)



DIRETOR GERAL Frederic Zoghail Kachar
DIRETOR DE MERCADO ANUNCIANTE Gilberto Corazza
DIRETOR DE ASSINATURAS Renato Barbosa Filho

ÉPOCA

DIRETOR DE REDAÇÃO: Helio Gurovitz epocadir@edglobo.com.br

REDATOR-CHEFE: David Cohen

EDITORES-EXECUTIVOS: Guilherme Evelin, Ivan Martins

DIRETOR DE ARTE: Marcos Marinho

DIRETOR DE INFOGRAFIA E MULTIMÍDIA: Alberto Cairo
EDITORES: Alexandre Mansur, Diego Escosteguy, Juliano Machado, Luís Antônio Giron, Marcelo Moura, Marcos Coronato, Ricardo Mendonça

REPORTERES ESPECIAIS: Camila Guimarães, Cristiane Segatto, José Fucs, Leticia Sorg, Luiz Maklouf Carvalho, Peter Moor

EDITORAS-ASSISTENTES: Luciana Vidaria, Marcela Buscato

COLUNISTAS: Christopher Hitchens, Fareed Zakaria, Fernando Abrucio, Mauro Halfeld, Marcio Atalla, Paulo Guedes, Paulo Moreira Leite, Paulo Rabello de Castro, Ruth de Aquino

REPORTERES: Aline Ribeiro, Ana Aranha, Bruno Ferrari, Bruno Segadilha, Daniella Cornachione, Danilo Verticque, Eliseu Barreira Junior, Francine Lima, Humberto Maia Junior, Mariana Sanches, Mariana Shirai, Rodrigo Turrer, Walter Nunes

Estagiários: André Jorge Reitz de Castro, André Solitto, Camila Neves Camilo, Danilo Thomaz, Kella Cândido, Leticia Fenili, Luiza Karam, Matheus Pagli Pereira

SUCURSAS | RIO DE JANEIRO: epocasuc.rj@edglobo.com.br

Praca Floriano, 19 - 8º andar - Centro - CEP 20031

Editor: Leonardo Souza; Editora-assistente: Martha Mendonça

Reporters: Nelito Fernandes, Rafael Pereira;

Estagiários: Leopoldo Mateus, Mauricio Meireles

BRASILIA: epocasuc.bas@edglobo.com.br

Assis Chateaubriand - Bloco 2 - Salas 701/736 - Asa Sul

Chefe: Eumano Silva; Editor: Leandro Loyola;

Reporters: Leonel Rocha, Marcelo Rocha, Murilo Ramos

FOTOGRAFIA | Editor: André Sarmento; Assistente: Sidinei Lopes

DIAGRAMAÇÃO E INFOGRAFIA | Editor de Arte: Alexandre Lucas; Chefe de Arte:

José Eduardo Cometti; Diagramadores: André Miranda, Bia Calres, Daniel Pastori, Gabriela

Gomes, Mariana Menezes, Ricardo Davino Fonseca; Chefe de Infografia: Marco Vergotti;

Infografistas: Gerson Mora, Luiz C.D. Salomão, Rodrigo Cunha

SECRETARIA EDITORIAL | Coordenador: Marco Antonio Rangel

REVISÃO | Coordenadora: Araci Reis Galvão de França; Revisores: Alice Rejali Augusto,

Dario da Silva, Elizabeth Tasiro, Gilberto Nunes, Silvana Fernandes, Verginia Rodrigues

ÉPOCA ONLINE | epocaonline@edglobo.com.br

Editor: Sérgio Lüdike; Editores-assistentes: José Antonio Lima, Liuca Yonah;

Reporters: Danilo Casaletti, Laura Lopes, Lucas Hackradt, Renan Dissenha Fernandes;

Tecnologia Online: Carlos Eduardo Garcia, Flávia Dini; Editor de

Multimídia: David Michelsohn; Desenvolvedores: Leandro Paixão, Márcio Espósito, Fábio

Marciano, Jean Fernandes, Jefferson Mendonça; Infografista digital: Gerardo Rodriguez;

Video: Pedro Schmidt; Web Designers: Daniel Mack, Renato Tanigawa, Raphael Fabeni

CARTAS À REDAÇÃO: Anna Carolina Lemery epoca@edglobo.com.br

Assistente-executiva: Jacqueline Damasceno; Assistentes: Giselle Felix, Leandro Alves de

Medeiros, Tiago Leal da Rocha; Pesquisa: CEDOC/Globopress

DIR. DE PUBLICIDADE CENTRALIZADA: Alexandre Barsotti, Eduardo Leite, Tida Cunha;

Executivos de Negócios: André Camarini; Arlete Samoyva; Rávio Pires; Letícia di

Cataldi; Cintia Cristina de Oliveira;

DIR. DE PUBLICIDADE SP: Demetrio Amon Netto; Gerente de Publicidade SP: Rosângela

Fernandes; Executivos de Negócios SP: Ana Costa; Bruno Teixeira; Claudio Castellari;

Eduardo Racy; Marisa de Souza; Neusa Bragança; Viviane Vieira Diniz; Wagner dos Santos;

Anna Paola Nardi; Gerente de Publicidade Online: Samuel Braga; Executivos de Negócios

Online: Carla Dubifski Marques, Carlos Eduardo Valverde, Fernando Monis, Patrícia Leal;

Marcelo Barberi (diretor); Carlos Vianco Jr (gerente); Rio de Janeiro: Ricardo Rodrigues

(gerente); Alessandra Young, Carol Romano, Flavia Paranhos, Marcos Torres, (executivos

de negócios); COORD. OPEC: Sonia Dias Brasília: Fernanda Reguena (gerente); DIR. DE

PROJETOS ESPECIAIS E EVENTOS: Reginaldo Andrade; GER. DE EVENTOS: Sabrina

Salgado; COORD. DE EVENTOS: Paola Massari; COORD. DE PUBLICIDADE: José Soares

GER. DE CAPTAÇÃO - PRESTADORES DE SERVIÇO: Rosemary Brito; GER. DE VENDAS

CORPORATIVAS: Reginaldo Moreira da Silva; GER. DE ATENDIMENTO AO CLIENTE: Arlete

Laes; GER. DE TELEVISÃO TERCEIRIZADA: Nelson da Silva Guerra; COORD. DE

TELEVENDAS ATIVO INTERNO: Rodrigo Roque; GER. DE FIDELIZAÇÃO, RENOVACÃO

E DATABASE: Cristiano Soares Santos; COORD. DE VENDAS ONLINE: Ana Carolina Soler

DIR. DE VENDAS AVULSAS: Regina Bucco; COORD. DE VENDAS AVULSAS: Eliza Campos;

CONSULTORIA DE VAREJO: Rosana Strozjan; MARKETING: DIR: Claudia Fernandes;

CRIAÇÃO: Paulo Ferrari; PESQUISA: Dina de Oliveira



ÉPOCA é uma publicação semanal da EDITORA GLOBO S.A. - Av. Jaguare, 1.485, São Paulo (SP), CEP 05346-902. Distribuidor exclusivo para todo o Brasil: Fernando Chingaglia Distribuidora S.A. GRÁFICAS: Log & Print Gráfica e Logística S.A. - Rua Joana Foresto Storani, 676 - Distrito Industrial - Vinhedo, São Paulo, SP - CEP 13280-000; Gráfica Santa Marta Ltda. - Rua Hortêncio Ribeiro de Luna, nº 3333, Distrito Industrial, João Pessoa, Paraíba - CEP 58081-400.

Atendimento ao assinante

Disponível de segunda a sexta-feira, das 8 às 21 horas, e sábado, das 8 às 15 horas.

Internet: www.editoraglobo.com.br/atendimento

São Paulo: 11 3362-2000

Demais localidades: 4003-9393*

Fax: 11 3766-3755

*Custo de ligação local. Serviço não-disponível em todo o Brasil.

Para saber da disponibilidade do serviço em sua cidade, consulte sua operadora local

Para anunciar figure: SP: 11 3767-7700/3767-7489

RJ: 21 3380-5924; e-mail: publicidade@edglobo.com.br

Para se corresponder com a Redação: Enviar cartas ao Diretor de Redação, Época, Caixa Postal

66260, CEP 05315-999 - São Paulo, SP Fax: 11 3767-7003 - e-mail: epoca@edglobo.com.br

As cartas devem ser encaminhadas com assinatura, endereço e telefone do remetente. Época

reserva-se o direito de selecionar e resumir as publicações. Só podem ser incluídas na edição

da mesma semana as cartas que chegarem à Redação até as 12 horas da quarta-feira.

Edições anteriores: O pedido será atendido através do jornalista ao preço da edição atual, desde que

haja disponibilidade de estoque. Faça seu pedido na banca mais próxima.

A Editora Globo, consciente da sua responsabilidade ambiental e social, utiliza papéis com certificado FSC (Forest Stewardship Council) para impressão desta revista. A Certificação FSC garante que uma matéria-prima florestal proveniente de um manejo considerado social, ambiental e economicamente adequado. Impresso na Log & Print Gráfica e Logística S.A. - Certificada na Cadeia de Custódia - FSC



MISTO
Papel produzido a partir
de fontes responsáveis
FSC® C023626



O Bureau Veritas Certification, com base nos processos e procedimentos descritos no seu Relatório de Verificação, adotando um nível de confiança razoável, declara que o Relatório de Inventário de Emissões de Gases de Efeito Estufa, 1º de julho de 2009 a 30 de junho de 2010, da Editora Globo é preciso, confiável e livre de discrepância material, erro ou distorção e é uma representação equitativa dos GEE dados e informações sobre o período de referência, para o escopo definido; foi elaborado em conformidade com a NBR ISO 14064-1:2007.

Primeiro Plano

Fatos, Pessoas, Ideias e Tendências O espírito do Tempo

Personagem da semana

Michael dos Santos

VÔLEI

Sim, eu sou gay

Jogador do Vôlei Futuro assume depois de ser discriminado pela torcida adversária

Leticia Sorg

NA PRIMEIRA partida da semifinal da Superliga entre Cruzeiro e Vôlei Futuro, realizada na cidade de Contagem, no dia 1º de abril, o meio de rede **MICHAEL DOS SANTOS**, do time paulista, precisou de mais concentração do que qualquer outro atleta na quadra. Num jogo já tenso e disputado, Michael teve de lidar com a perseguição da torcida, que, em coro, gritava “bicha” ou “gay” toda vez que ele ia para o ataque ou para o saque. Aos 27 anos de idade, mais de dez de voleibol, vários títulos no currículo, Michael decidiu – entre assustado e indignado com o comportamento da torcida – assumir sua homossexualidade para condenar a homofobia no esporte.

Na terça-feira seguinte, ele deu uma entrevista ao GloboEsporte.com e disse o que poucos se atrevem a dizer: “Sou gay. Todo mundo aqui sabe”. A ÉPOCA, contou que sempre houve torcedores que xingavam, mas eram dez, 15 pessoas. “O que aconteceu

ALVO DA TORCIDA

Michael, fotografado na quinta-feira, na concentração do time. Contra a homofobia



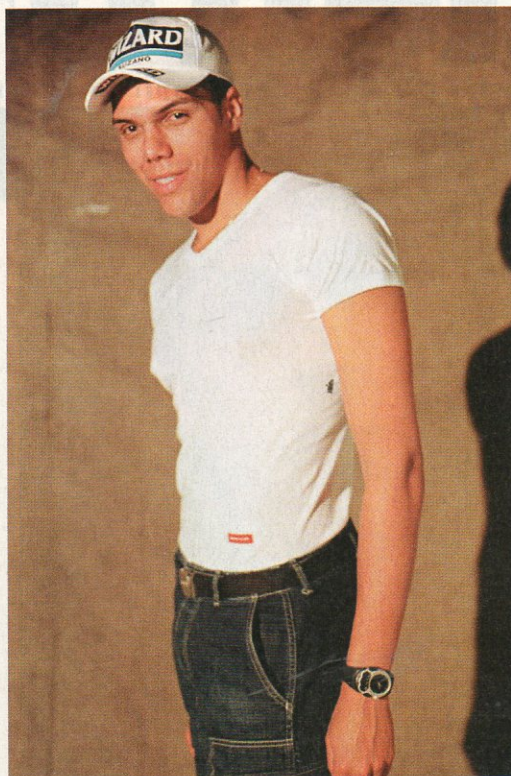
Personagem da semana

desta vez me assustou, por isso resolvi falar. Não quero que ninguém passe por essa situação constrangedora novamente.” Michael não tinha intenção de “sair do armário”, mas decidiu falar para marcar posição sobre o assunto. “Se eu não falar, todo mundo vai achar que esse tipo de agressão é normal.” O atleta lamenta especialmente que os gritos no ginásio tenham partido de todo tipo de torcedor – homens, mulheres e até crianças.

A atitude da torcida cruzeirense, que lotou o arquibancada, levou a direção do Vôlei Futuro a encaminhar uma reclamação à Confederação Brasileira de Vôlei, que levou o caso ao Superior Tribunal de Justiça Desportiva, pedindo a punição do time mineiro. Além da discriminação, a direção do clube de Araçatuba reclamou de falhas de segurança no ginásio. O Cruzeiro afirmou, em nota, que não incentiva nem apoia atos “considerados como preconceituosos” e alega que o Vôlei Futuro quer desestabilizar o adversário e tirar o mando de jogo caso haja terceira partida.

Segundo o Código Brasileiro de Justiça Desportiva, o time cuja torcida praticar ações discriminatórias contra jogadores pode ser punido com multa de R\$ 100 a R\$ 100 mil. Até o fechamento desta reportagem, o procurador do Superior Tribunal de Justiça Desportiva Fábio Lira não havia decidido se arquivaria ou aceitaria a denúncia ou se abriria um inquérito para apurar as acusações. O Ministério Público de Minas Gerais abriu um inquérito para investigar os insultos e deve decidir sobre a questão até a próxima quinta-feira, dia 14. Uma possível punição ao time mineiro é jogar sem a presença de seus torcedores.

Assumir a homossexualidade, como fez Michael, ainda é tabu no mundo do esporte. Antes dele, o único jogador a declarar-se gay foi Luiz Cláudio Alves da Silva, o Lilico. Em 1999, ele disse: “Já provei que sou bom. Ser gay é apenas uma parte da minha história. Ainda quero crescer no vôlei e, quem



sabe, chegar à seleção.” Ele não foi convocado para as Olimpíadas de Sidney, em 2000, e acusou o então técnico, Radamés Lattari, de tê-lo discriminado. Lilico morreu de um AVC em 2007, aos 30 anos. Michael diz não temer que a homossexualidade prejudique sua carreira: “Não vai atrapalhar, até porque eu não queria expor minha opção sexual. Só queria mostrar minha indignação”.

O histórico de atletas homossexuais assumidos em atividade é restrito também fora do Brasil. Para não correr riscos, eles costumam esperar a aposentadoria para falar sobre o assunto, como o mergulhador americano Greg Louganis e o jogador da NBA John Amaechi.

No futebol, o primeiro caso de homossexualidade declara-

PIONEIRO
O jogador de vôlei Lilico, morto em 2007, que assumiu ser gay em 1999. Ele disse que isso o afastou da seleção

“Não queria expor minha opção sexual. Só queria mostrar minha indignação”

MICHAEL DOS SANTOS, do Vôlei Futuro

da foi do inglês Justin Fashanu, em 1990 – com consequências trágicas. Depois de sair do armário em entrevista a um tabloide, ele enfrentou preconceito e perdeu o apoio da família. Sua carreira degringolou, e ele se matou em 1998. Gordon Taylor, chefe da Associação Profissional dos Jogadores de Futebol da Inglaterra, afirma que, apesar da melhora no comportamento das multidões, os jogadores têm de ter muita coragem para sair do armário.

No mês passado, o sueco Anton Hysén tornou-se o único gay assumido em atividade no futebol mundial. Atleta do Utsiktens, da quarta divisão da Suécia, ele diz enfrentar preconceito. “Escuto tanta m...”, disse ao diário britânico *The Guardian*. “Minha atitude é: ‘tenho a bola, você não. Estou em campo, você não. E, se você odeia isso, não estou nem aí.’”

Se mesmo na quarta divisão da Suécia assumir a homossexualidade cria problemas, é compreensível que no Brasil não haja nenhum gay declarado em campo. Em 2008, boatos de que o jogador de um grande clube paulistano cogitava assumir sua homossexualidade em entrevista à TV geraram furor. Um dirigente do Palmeiras citou Richarlyson, então jogador do São Paulo. Foi o suficiente para que o nome do atleta nunca mais fosse desvinculado do assunto – embora ele negue ser homossexual.

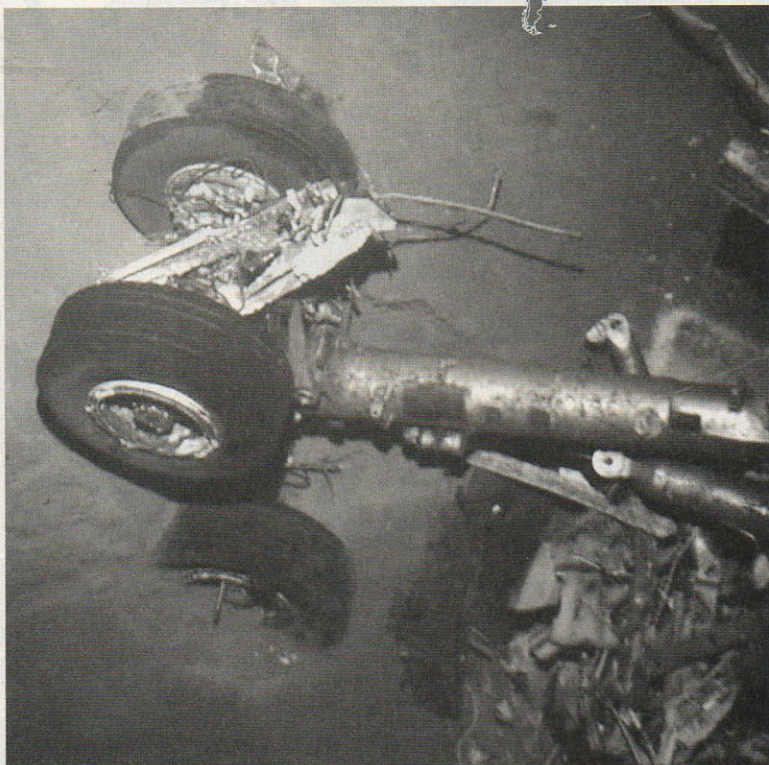
No rúgbi, a situação parece estar mudando. Gareth Thomas, ídolo nacional do País de Gales no esporte, assumiu sua homossexualidade em 2009 e, desde então, tornou-se um ativista contra a homofobia. Em março, o time Sheffield Eagles decidiu estampar um slogan anti-homofóbico no uniforme.

Para a segunda partida da série de melhor de três da semifinal da Superliga, que acontecerá no sábado 10, em Araçatuba, os torcedores do Vôlei Futuro anunciaram a intenção de protestar com cartazes contra a discriminação aos gays. Apesar da indignação, Michael afirma que está recuperado para a partida. “Lógico que fiquei triste e inconformado. Mas tem de superar.” O Vôlei Futuro precisa vencer.

Fala, Mundo

UM OLHAR PARA O PLANETA

EDIÇÃO: JULIANO MACHADO
e-mail: jmachado@edglobo.com.br



1 FRANÇA

Robôs encontram partes do voo 477

UMA EXPEDIÇÃO chefiada pelo governo da França encontrou pistas para definir as causas do acidente com o voo 447, da Air France, que matou 228 pessoas em maio de 2009. O objetivo é encontrar as caixas-pretas do Airbus A330, com a gravação da conversa dos pilotos momentos antes de o avião cair. Robôs submarinos operados remotamente encontraram duas turbinas, um dos trens de pouso (foto) e uma parte importante da fuselagem do Airbus. Os destroços estavam a 3.800 metros de profundidade, espalhados por uma área de 600 metros de extensão. A tecnologia é a mesma usada na confecção de mapas para extração de petróleo. Sonares presos na parte inferior dos robôs identificam e fotografam objetos a uma

profundidade de até 6 mil metros. Segundo o Escritório de Investigações e Análise da França (BEA), os robôs encontraram corpos junto à fuselagem. O número exato não foi revelado por respeito às famílias das vítimas. As três últimas expedições identificaram até hoje 50 dos 228 passageiros. Segundo o BEA, os corpos estariam conservados por causa da baixa temperatura da água. A descoberta dividiu os familiares das vítimas. Parte quer o resgate dos corpos, mas a maioria prefere que eles não sejam removidos. Não se sabe se os tecidos resistiriam à variação da temperatura na subida à superfície. Além disso, os navios que concorreram para a licitação da nova fase de buscas não estão preparados para esse tipo de resgate.

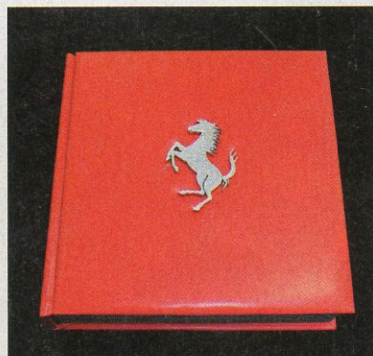


2 ITÁLIA

Livro da Ferrari. Preço: R\$ 351 mil

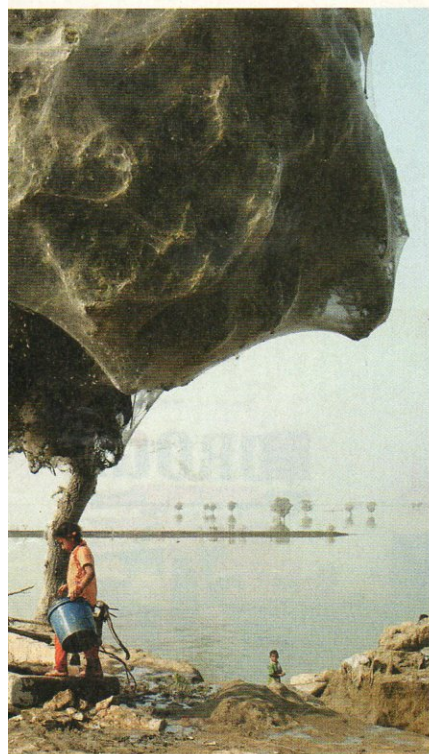
PISTAS
Especialistas acreditam que as caixas-pretas estariam próximas ao local onde os destroços foram encontrados

A FERRARI acaba de lançar um livro com o mesmo perfil de seus carros: para poucos. A publicação, chamada *Official Ferrari opus*, versão Enzo Diamante, conta a história da montadora italiana e custa € 155 mil (R\$ 351 mil), o mesmo que um modelo Ferrari 458. Na capa do livro, o cavalo rampante, símbolo da Ferrari, aparece representado num mosaico de 30 diamantes. A versão é uma homenagem a Enzo Ferrari (1898-1988), fundador da montadora. A Ferrari diz que só distribuirá um exemplar da obra por país.



LUXO

A capa do livro lançado pela Ferrari. O cavalo foi desenhado com 30 diamantes



3 PAQUISTÃO

As árvores teias

AS ENCHENTES que atingiram boa parte do Paquistão em novembro provocaram um efeito inesperado: árvores foram tomadas por teias de aranha gigantes. A hipótese é que os animais procuraram locais mais altos como abrigo por causa das chuvas, que deixaram áreas inundadas por meses. Lá, puseram-se a trabalhar. Segundo a população da província de Sindh, no sul do país, o fenômeno nunca havia acontecido. Os moradores relatam também uma redução na quantidade de mosquitos, que teriam ficado presos nas teias. Com isso, caiu o risco da malária, comum no Paquistão.

OBRA DA NATUREZA

Árvores completamente tomadas por teias de aranha no Paquistão



HISTÓRIA Modelo de estátua de Yuri Gagarin que será exposta em Londres

4 INGLATERRA

A estátua de Gagarin

AS VÉSPERAS do aniversário de 50 anos da primeira viagem do homem ao espaço, o governo britânico anunciou a instalação de uma estátua do cosmonauta russo Yuri Gagarin (1934-1968) perto de Trafalgar Square, no centro de Londres. Gagarin entrou para a história em 12 de abril de 1961, quando deu uma volta completa na Terra a bordo da nave Vostok-1. Ao olhar pela janela, disse, fascinado, a célebre frase: "A Terra é azul!". Presente da Agência Espacial Russa, a estátua de zinco e alumínio tem 3,5 metros de altura. Deverá ser exposta aos britânicos a partir de 14 de julho.

5 ARMÊNIA

A mulher que cortou a internet de um país

UMA SENHORA de 75 anos que vive na Geórgia foi a protagonista involuntária de um apagão da internet na vizinha Armênia. Ela usava uma pá para procurar fios de cobre e vendê-los como sucata quando, sem querer, cortou um cabo de fibra óptica responsável pelo fornecimento de internet aos

armênios. Por 12 horas, 90% dos internautas da Armênia ficaram sem conexão. Usuários da Geórgia e do Azerbaijão também foram afetados. A mulher, cuja identidade não foi revelada, foi detida, mas aguardará o julgamento em liberdade por causa da idade. Poderá pagar até três anos de prisão.

Quer viajar sem gastar muitos pontos?



Resgate passagens dentro da América do Sul a partir de 4 mil pontos Multiplus.*

Mais informações acesse

tamfidelidade.com.br/resgate

ou ligue 4002-5700

(outras regiões 0800 570 5700).

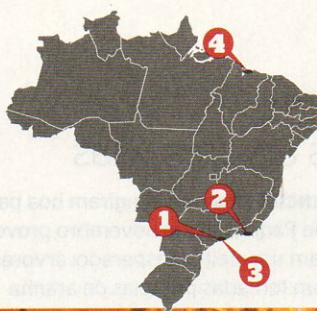
TAM
FIDELIDADE

*Válido para trechos (ida ou volta) dentro da América do Sul, sujeito à disponibilidade

Fala, Brasil

O QUE ESTÁ ACONTECENDO PELO PAÍS

EDIÇÃO: MARCELO MOURA
e-mail: marcelos@edglobo.com.br



1 FERRAZ DE VASCONCELOS (SP)

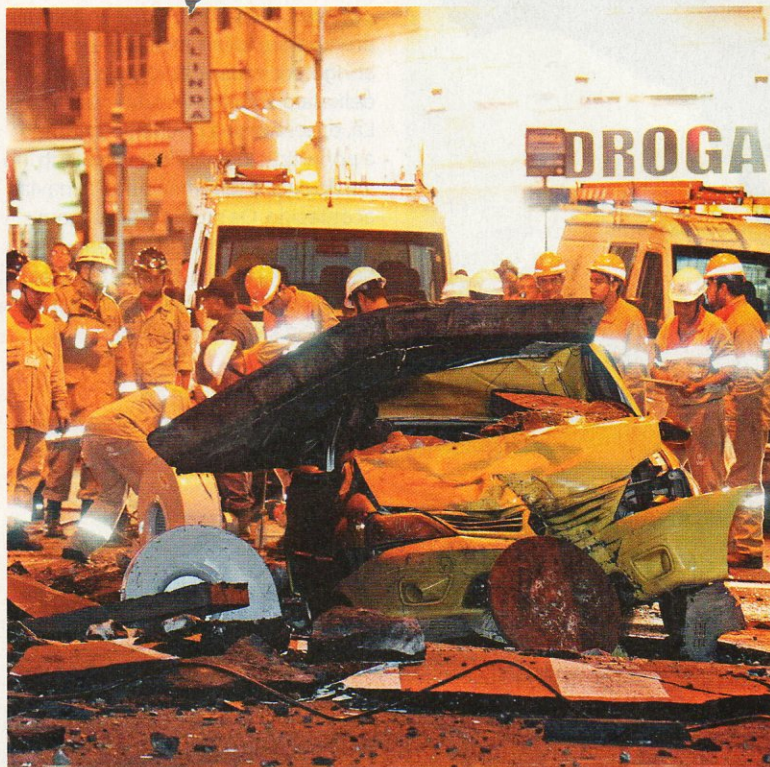
Armada com celular, ela prendeu a polícia

DILEONE Aquino, que roubou um furgão com remédios, é a vítima. Os supostos bandidos, Ailton da Silva e Filipe da Silva, são policiais. E a heroína é uma mulher não identificada que, no dia 12 de março, teve a coragem de ligar para o telefone 190 e narrar o que via: "Estou no Cemitério das Palmeiras. A Polícia Militar acabou de entrar com uma pessoa dentro do carro, tirou essa pessoa e deu um tiro". O atendente pediu detalhes. "Espera só um pouquinho que eles vão passar por mim. Espero que não me matem. A placa é DJL 0451." O policial se aproximou e afirmou que, em vez de ferir, estava socorrendo o homem. Ela disse: "Estava socorrendo? Meu senhor, olha bem para a minha cara". Aquino morreu. Graças à denúncia, cuja gravação vazou na semana passada, os PMs foram presos.



POLICIAIS NA CADEIA Ailton e Filipe, os PMs acusados de executar um criminoso. Eles foram presos

CAMPO MINADO
Quando o bueiro explodiu, sua tampa subiu 4 metros e caiu em cima do táxi



2 RIO DE JANEIRO (RJ)

A cada 3 meses, um bueiro explode no Rio

O **MINISTÉRIO** Público exigiu que as concessionárias de eletricidade (Light) e gás (CEG) do Rio de Janeiro apresentem uma lista de bueiros com risco de explodir e um cronograma para solução do problema.

Vazamentos de gás e faíscas elétricas no subsolo levaram a 28 explosões desde 2004. O acidente da sexta-feira dia 1º, em Copacabana, feriu cinco pessoas, entre elas um taxista atingido pela tampa do bueiro.

3 SÃO PAULO (SP)

7 milhões de veículos

SÃO PAULO chegou aos 7 milhões de veículos, segundo o registro mensal divulgado pelo Detran na última segunda-feira. A marca foi atingida três anos após o sexto milhão. São Paulo tem a maior frota do país e a terceira maior média de carros por habitante: 0,6. A capital mais motorizada é Curitiba, Paraná, com 0,7.

COMO ANDA A FROTA DE SÃO PAULO



4 SÃO LUÍS (MA)

Extravio de criança

ATAM foi condenada a pagar R\$ 30 mil a uma criança que, em 2008, foi entregue no destino com 20 horas de atraso - sem que os pais fossem avisados. O garoto de 12 anos deveria voar de São Luís, Maranhão, até Vitória da Conquista, Bahia, mas o avião quebrou. A empresa o hospedou num hotel em Salvador, na Bahia, e, na manhã seguinte, o embarcou sozinho num táxi para viajar os 520 quilômetros restantes.

Em contexto

PARA ENXERGAR ALÉM DOS FATOS

O fim da era Blockbuster

DESDE QUE a primeira loja da rede abriu as portas, em 1985, a Blockbuster foi um pesadelo para as locadoras de bairro. Com suas promoções agressivas e prateleiras repletas de lançamentos, a empresa americana dominou por duas décadas o mercado de locação de fitas de vídeo, games e, mais tarde, DVDs. Como outros gigantes do entretenimento off-line, porém, a Blockbuster perdeu boa parte de seu público na concorrência com a internet. Em setembro de 2010, depois do fechamento de milhares de lojas e pressionada por uma dívida de mais de US\$ 1 bilhão, a empresa pediu concordata. Na última quarta-feira, após três dias de leilão, a empresa de televisão via satélite Dish Networks ofereceu pouco mais de US\$ 320 milhões pelos direitos da marca e cerca de 1.700 lojas da rede. Caso a venda seja aprovada pela Justiça, o novo controlador deve enfrentar o desafio de reabilitar a empresa em crise – ou liquidar seu patrimônio.

EM CRISE
Filial da Blockbuster fecha nos Estados Unidos. Em 2004, a empresa tinha mais de 9 mil lojas. Hoje, há cerca de 2.400



O valor oferecido na compra é uma prova da decadência da Blockbuster. Em 2002, ela chegou a ser avaliada em US\$ 5 bilhões. Em seu auge, empregava 60 mil pessoas em mais de 9 mil lojas. Hoje são apenas 2.400, e 700 deverão fechar ainda neste ano.

A crise da Blockbuster não significa que alugar filmes deixou de ser um bom negócio. Mas indica a falência de um modelo. Desde o surgimento da Netflix, em 1997, o consumidor passou a ter a opção de alugar filmes sem sair de casa. O serviço é simples: o cliente acessa o site da locadora, faz uma lista dos filmes que deseja ver e paga uma assinatura. Recebe os DVDs em casa e, depois de assistir aos filmes, devolve-os para receber os

próximos da lista. O crescimento da empresa acompanhou a popularização da internet: em 2009, ela ultrapassou a marca dos 10 milhões de assinantes. Ao mesmo tempo, surgiram outros concorrentes para a Blockbuster, como a compra de filmes no sistema pay-per-view e os sites para download e streaming de vídeo. Ameaçada, a Blockbuster tentou imitar os concorrentes. Mas tombou por culpa de seus enormes gastos: para oferecer filmes pelo correio ou pela internet, nenhuma empresa precisa ter tantas lojas e funcionários.

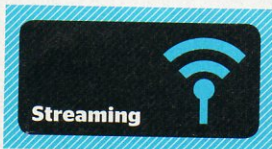
No Brasil, com a concorrência da pirataria, a crise da Blockbuster chegou antes. Em janeiro de 2007, as Lojas Americanas compraram por R\$ 186,2 milhões as 127 lojas e os direitos sobre a marca no país. Ao contrário do que ocorre no exterior, o número de lojas interessava mais que a marca: a aquisição fazia parte de um plano para aumentar a presença das Lojas Americanas no país.

As razões da compra da Blockbuster pela Dish parecem menos claras. Tom Cullen, vice-presidente da empresa, citou como motivos “a marca altamente reconhecível” e os “múltiplos métodos de entrega”. Especula-se que, com a estrutura mais enxuta e uma nova administração, a Blockbuster possa se reerguer e enfrentar a Netflix e outros sites em seu próprio território. Mas, para que isso ocorra, muitas lojas ainda deverão fechar.

Danilo Venticinque

ALUGUEL SEM SAIR DE CASA

Já é possível assistir aos lançamentos sem precisar ir à locadora – nem recorrer à pirataria



Com uma conexão banda larga, o usuário pode assistir a filmes e séries na internet sem ocupar espaço no disco rígido do computador. Nos Estados Unidos, o serviço foi popularizado por sites como o Hulu e o Comcast. No Brasil, o TerraTV Video Store e o NetMovies oferecem essa opção aos usuários



Para quem prefere assistir a filmes em DVD ou Blu-Ray, o serviço consagrado pela americana Netflix é uma opção. O cliente elabora uma lista e recebe os discos em casa. Depois de assisti-los, devolve os filmes e recebe suas próximas opções. No Brasil, a Blockbuster Online e a NetMovies aderiram a esse modelo



Além do streaming, há sites que permitem que o cliente faça o download dos filmes e os assista a qualquer momento sem estar conectado à internet. O usuário tem um prazo para assistir ao filme antes que o arquivo expire e não possa mais ser acessado. É o modelo adotado pelo iTunes e pelo Terra TV Video Store

Uma pirâmide de cristal em Paris

O arranha-céu de vidro e aço de 50 andares deverá ficar pronto em 2017

Peter Moon (texto), Alberto Cairo, Gerson Mora e Luiz Salomão (gráfico)

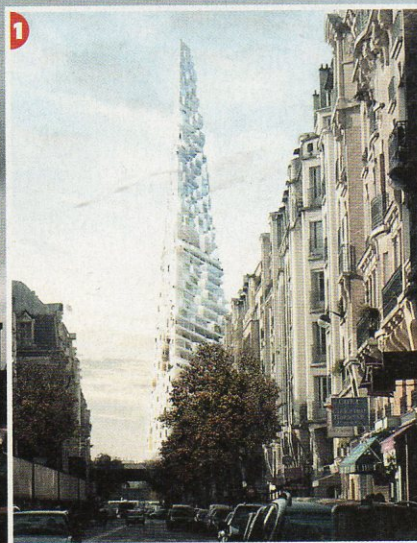
EM 2017, PARIS TERÁ uma pirâmide de 180 metros, 40 metros mais alta que a Grande Pirâmide de Quéops, no Egito. A Torre Triângulo será um edifício quase cristalino, uma elegante estrutura de aço e vidro fincada num parque de exposições em Porte de Versailles. Seus **50 andares** contarão com escritórios, shopping, centro de convenções e um **hotel com 400 quartos**. O projeto de **€ 535 milhões** é da incorporadora Viparis. A pirâmide de vidro é a mais nova obra da premiada dupla de arquitetos suíços Jacques Herzog e Pierre de Meuron - autores do projeto do Estádio Olímpico de Pequim e do futuro Complexo Cultural Luz, em São Paulo. O projeto da Torre Triângulo foi aprovado na semana passada pela prefeitura de Paris. Ela terá de alterar uma lei que proíbe prédios com mais de 37 andares. A construção começará em 2012. O terreno, da prefeitura, será alugado por 80 anos à Viparis, mediante um pagamento mensal que ficará entre € 2,5 milhões e € 6 milhões.



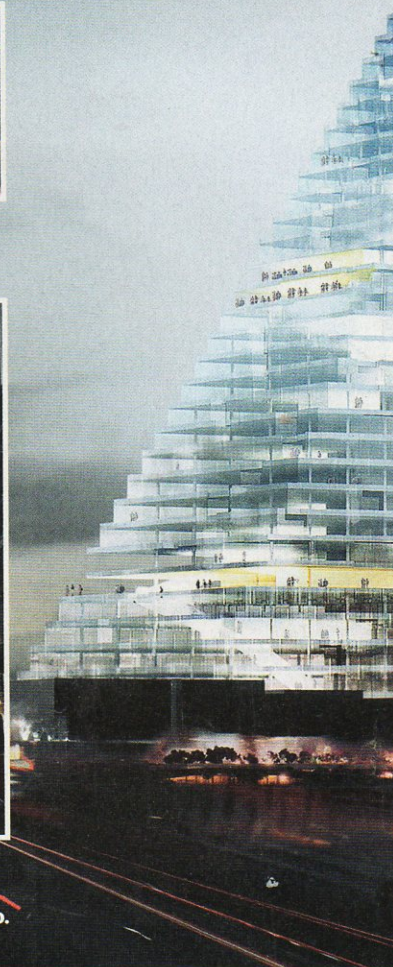
A PASSARELA A Torre não será o único prédio. Ela se ligará a outras estruturas por meio de passarelas envidraçadas e suspensas



O PARQUE A Torre ficará em um dos cantos de uma grande área verde e de um centro de exposições

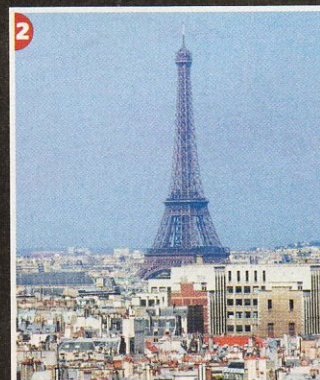


A AGULHA DE VIDRO A Torre terá a forma de pirâmide achatada. Vista de frente, lembra os monumentos do Egito. De lado, o perfil será futurista (acima)



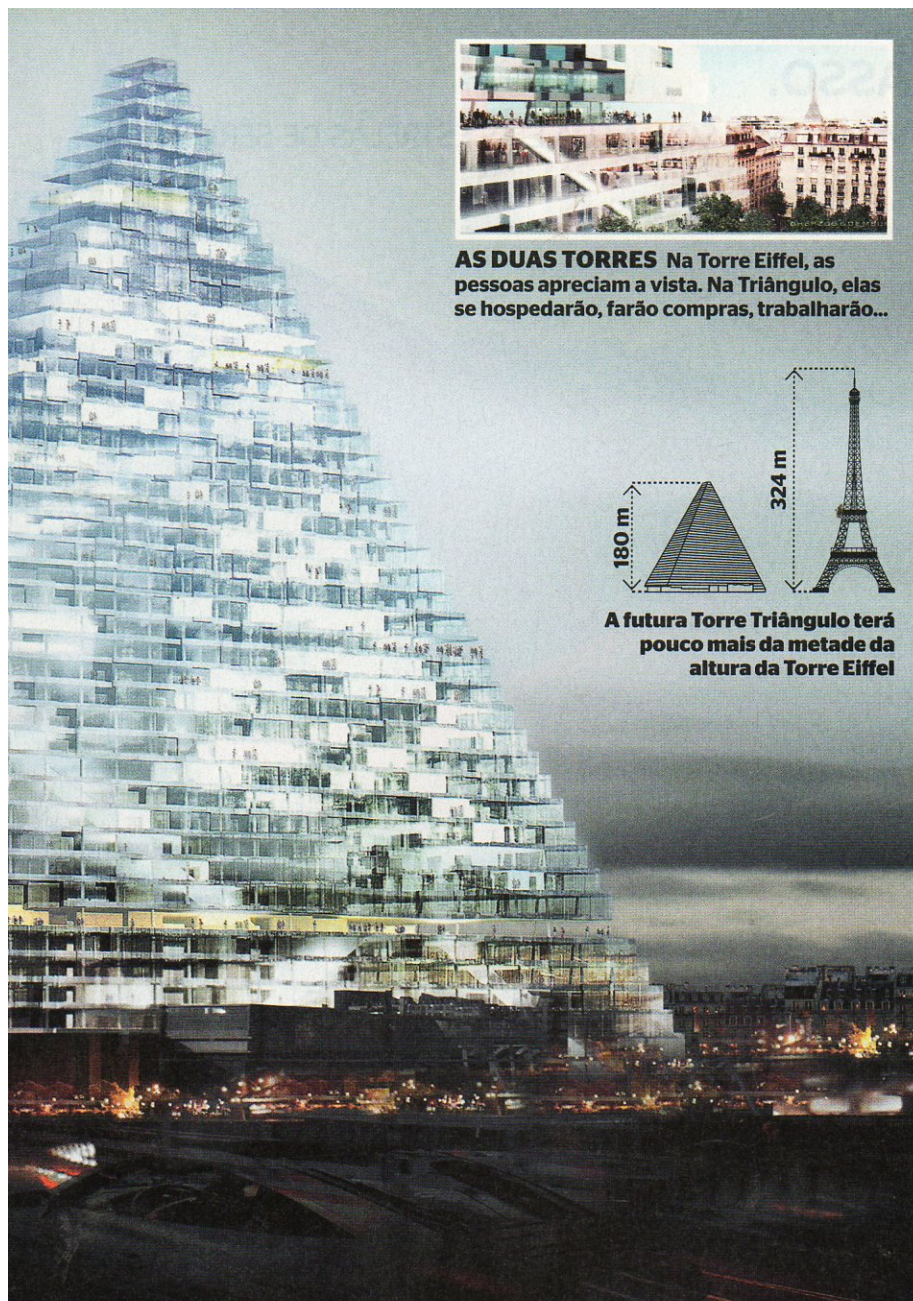
A Cidade Luz é um canteiro de obras desde os tempos do Rei Sol

Cansado do Louvre, em 1682 Luís XIV, o Rei Sol, construiu Versalhes. O urbanismo surgiu em Paris em 1860. O barão Haussmann rasgou as avenidas que saem do Arco do Triunfo. Hoje, são os presidentes que embelezam Paris. A Torre Triângulo é um empreendimento privado, endossado por Nicolas Sarkozy

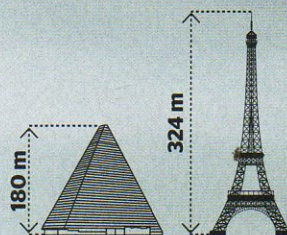


TORRE EIFFEL (1889)

A Torre de 10.000 toneladas celebra o progresso científico e os 100 anos da Revolução Francesa



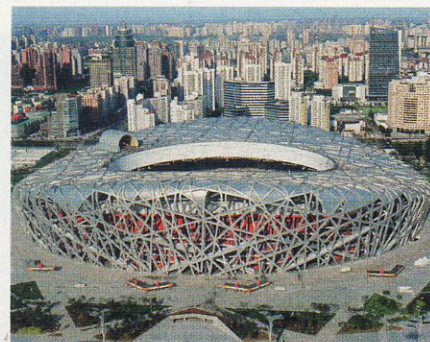
AS DUAS TORRES Na Torre Eiffel, as pessoas apreciam a vista. Na Triângulo, elas se hospedarão, farão compras, trabalharão...



A futura Torre Triângulo terá pouco mais da metade da altura da Torre Eiffel

Edifícios, monumentos e obras de arte

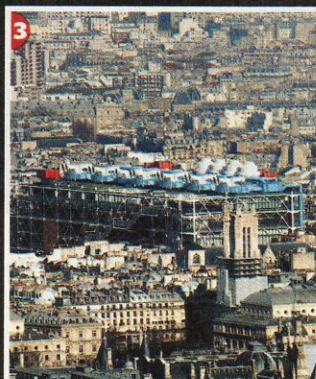
Outros projetos do escritório de arquitetura Herzog & De Meuron, da Basileia



Chamado de o Ninho do Pássaro, o Estádio Olímpico de Pequim (2008) é o projeto mais conhecido da premiada dupla de arquitetos

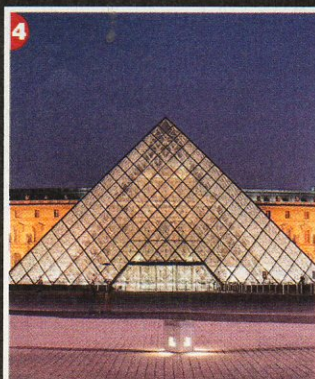


O governo de São Paulo encomendou em 2009 ao escritório Herzog & De Meuron o **projeto do Complexo Cultural Luz**, a futura sede da São Paulo Companhia de Dança e da Escola de Música do Estado - Tom Jobim



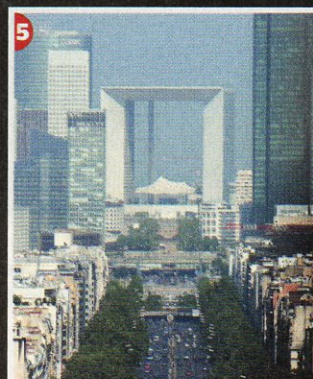
GEORGES-POMPIDOU (1977)

O centro de arte moderna feito na gestão de Giscard d'Estaing é obra da arquitetura high-tech



PIRÂMIDE DO LOUVRE (1989)

Foi inaugurada por François Mitterrand para celebrar os 200 anos da Revolução



ARCO DE LA DÉFENSE (1989)

Com 110 m de altura, o Arco feito por Mitterrand contrasta com o tradicional Arco do Triunfo



BIBLIOTECA MITTERRAND (1997)

A nova sede da Biblioteca Nacional, fundada em 1461, é um projeto de Mitterrand, morto em 1996



COLONISTAS

"A Terra é azul"

ESTA FRASE foi proferida há 50 anos, em 12 de abril de 1961. Naquele dia, o cosmonauta soviético Yuri Gagarin vislumbrou a cor azulada da atmosfera do nosso planeta e entrou para a história como o primeiro homem a ir ao espaço. Peter Moon conta essa história na coluna "No mundo da Lua", no site epoca.com.br.

CIÊNCIA & TECNOLOGIA

Ele quer reinventar a colaboração na web

CHRISTOPHER Poole fundou o 4chan aos 15 anos para conversar com amigos sobre desenhos japoneses. Quase oito anos depois, o controverso site é um dos fóruns mais acessados da internet e ele se transformou em uma espécie de celebridade: já deu palestras no prestigiado TED e entrou na lista das 100 pessoas mais influentes do mundo da *Time*, em 2009. Agora, Poole quer reinventar os fóruns de imagens e a colaboração na web com o Canvas. Leia a entrevista no site de ÉPOCA.



ENQUETE



TOTAL DE 1.630 VOTOS

MÍDIAS SOCIAIS

ÉPOCA nas redes

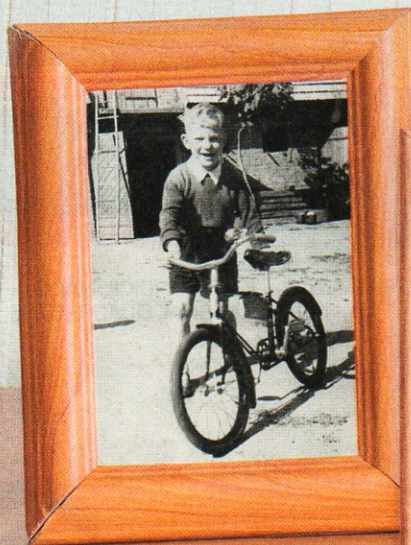


Fotos: Keystone/Getty Images e divulgação. Ilustração sobre foto de Celso Junior/AE

"A Radioncologia do Hospital Santa Catarina faz parte da minha história."

A Radioterapia Tridimensional do Hospital Santa Catarina garante a emissão altamente precisa de carga diretamente sobre o alvo, conservando as células sãs ao seu redor e resultando em maior eficácia e menor incidência de efeitos colaterais.

Radioncologia do Hospital Santa Catarina: dando continuidade à linha da vida.



Nas corridas de bicicleta com os meninos da rua, não tinha pra ninguém!



E essa farda? Fazia o maior sucesso com as meninas



Ainda me lembro da primeira vez que vi a Carol. Já sabia que era pra sempre.

VIDA ÚTIL

Cantina de avião

VOAR é uma experiência cada vez mais popular. Os novos usuários conseguem preços acessíveis e desfrutam um serviço de bordo reduzido. Sumiram as refeições completas dos tempos de Varig, Vasp e Transbrasil e apareceram as barrinhas de cereal. Para quem quer mais do que isso e se dispõe a pagar, algumas companhias vendem alimentos e bebidas em seus voos. Leia em epoca.com.br um levantamento desses cardápios e um comparativo de preços cobrados nos trechos domésticos.

+ Comentadas

- 1 A anatomia do valerioduto**
<http://glo.bo/fy7yGL>
- 2 Deputado Marco Feliciano: "Não aceito as atitudes homossexuais em espaço público"**
<http://glo.bo/ek5eHE>
- 3 Cinco motivos para sentir vergonha**
<http://glo.bo/gOfwyz>
- 4 Pânico de Imposto de Renda**
<http://glo.bo/eYiHGO>
- 5 O jogo dos 12 erros de "Rio"**
O jogo dos 12 erros de "Rio"



O relatório do mensalão

O RELATÓRIO final da Polícia Federal sobre o caso do mensalão revela que o dinheiro usado por Marcos Valério veio dos cofres públicos. A reportagem de ÉPOCA sobre o valerioduto foi a mais comentada da semana no site epoca.com.br.

COLUNISTAS

Leia e compartilhe sua opinião nas colunas publicadas no site de ÉPOCA

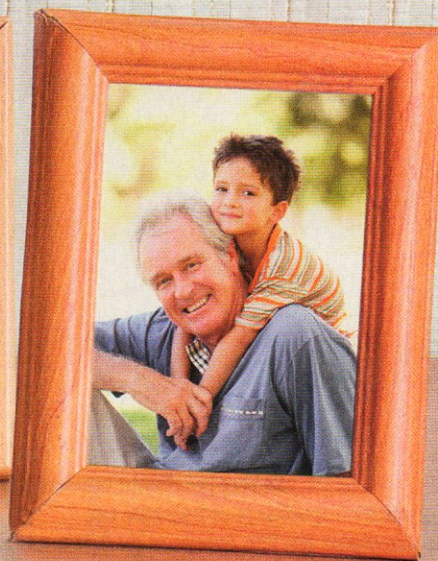
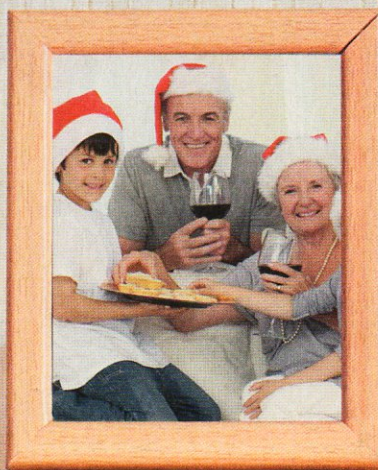
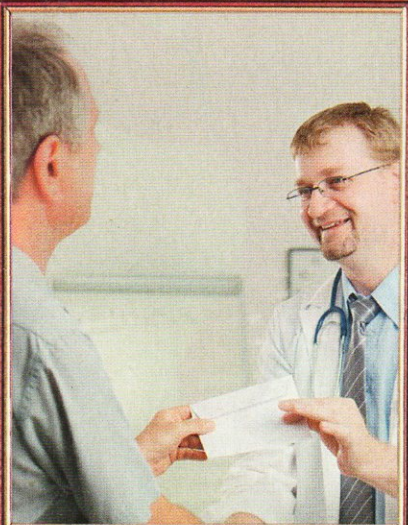
- | | | | | | |
|--|---|---|---|---|--|
| <p>SEGUNDA</p> <p>Eliane Brum Um olhar atento e diferente sobre os detalhes do cotidiano</p> | <p>TERÇA</p> <p>Luís Antônio Giron Novidades e a crítica informada de temas culturais</p> | <p>QUARTA</p> <p>Ivan Martins As questões cotidianas que afetam nossa vida e nossas emoções</p> | <p>QUINTA</p> <p>Francine Lima Nas quintas, dicas preciosas para cuidar do corpo e da saúde</p> | <p>SEXTA</p> <p>Cristiane Segatto Os temas atuais da saúde para refletir no fim de semana</p> | <p>DOMINGO</p> <p>Nelito Fernandes Fatos da semana tratados com muito humor e sarcasmo</p> |
|--|---|---|---|---|--|



Hospital Santa Catarina

Você em boas mãos.

Av. Paulista, 200 - São Paulo - SP
Tel. 11 3016 4133 - www.hsc.org.br



O câncer foi uma das minhas maiores batalhas; e minha família, os médicos e a Radioncologia do HSC, meus grandes aliados.

Este Natal foi a primeira vez que não me vesti de Papai Noel. Ufa!

Já me sinto realizado (meu netinho que o diga!), mas ainda vou fazer muito mais.

Bombou na web

OS ASSUNTOS MAIS COMENTADOS NA INTERNET

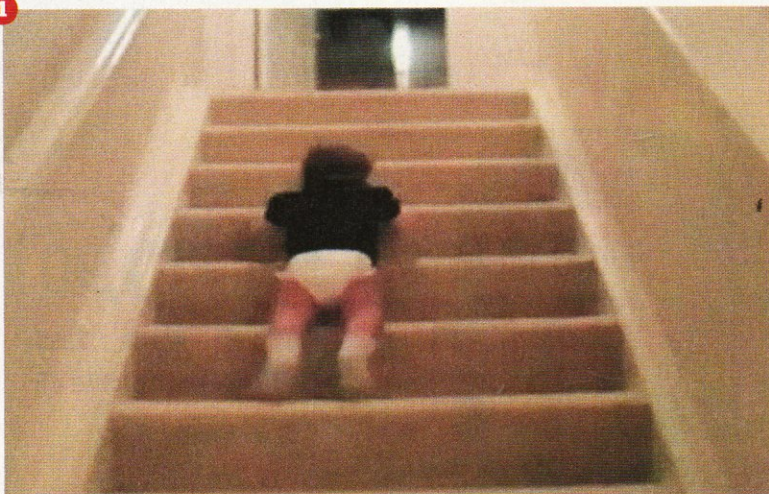
POR RAFAEL PEREIRA



Leia mais

Acesse o blog bombounaweb.com.br diariamente para saber o que está interessando os internautas

1



Tudo pela mamadeira

Um bebê vira astro da web com sua técnica de escorregar pela escada atrás de comida

1 📺 A fofura segue firme como um dos principais parâmetros para definir um hit da internet. Desta vez um bebê realizou a proeza de escorregar por uma escada para chegar mais rápido a sua mamadeira. Um acidente? Nada disso, é pura técnica. Ele se vira de costas e usa a barriga e as mãos para amortecer o impacto dos 15 degraus. Leva **quatro segundos** para chegar a sua refeição, ao som da gargalhada dos pais. O vídeo teve mais de 3 milhões de acessos.

2 📺 Uma usuária do YouTube chamada Wendy Cobb postou o vídeo de um acidente que sofreu na estrada. Estava filmando seu trajeto com o celular quando o veículo a sua frente passou por cima de um pedaço de madeira. A **madeira atravessa o vidro da frente do carro** de Wendy como uma lança, a poucos centímetros dela. Foi quase 1 milhão de visualizações.

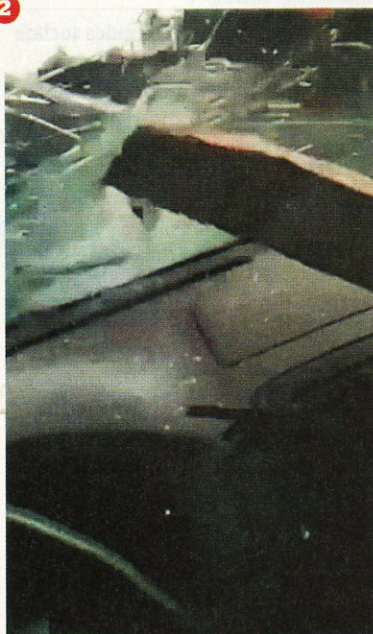
3 📺 **Lionel Messi**, argentino considerado o melhor jogador de futebol do mundo, criou um perfil no Facebook. Em sete horas conseguiu **7 milhões de "amigos"**. A empresa não revela se o jogador definiu um novo recorde, mas os campeões de "fãs" na rede social, como o presidente americano, Barack Obama, e a estrela pop Lady Gaga, precisaram de anos para alcançar marca semelhante.

4 📺 Para Jeffrey Kurze, outro usuário do Facebook, a qualidade dos amigos importou mais do que a quantidade. Sua mulher, Roxy (ao lado, dando um beijo nele), publicou em seu perfil o drama de Jeffrey, na fila à espera de um transplante de rim. "**Se alguém conhece algum doador vivo** com tipo sanguíneo O, por favor, me avise", escreveu. O que parecia impossível aconteceu. O amigo Ricky Cisco se emocionou e resolveu doar seu rim esquerdo. A operação foi realizada com sucesso e os dois passam bem.

5 📺 O jogo de luta *Mortal Kombat* está prestes a lançar uma nova versão para consoles modernos. Antes disso, já é sucesso uma homenagem à versão clássica, feita por brasileiros. O **Funk do mortal kombat** é uma ode ao personagem Sub-Zero, que congela suas vítimas antes de destruí-las. Teve 300 mil acessos.

6 📺 "Eu sou um burro!", diz o menino Natan, aos prantos, depois de cortar o próprio cabelo e sujar o banheiro em vez de fazer o dever de casa. A irmã filma tudo e diz que vai contar para a mãe deles. Natan se desespera. "**Eu vou ter um infarto do coração! Eu vou morrer!**" A manha teve mais de 800 mil acessos.

2



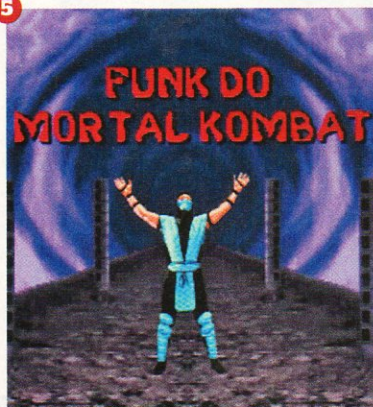
3



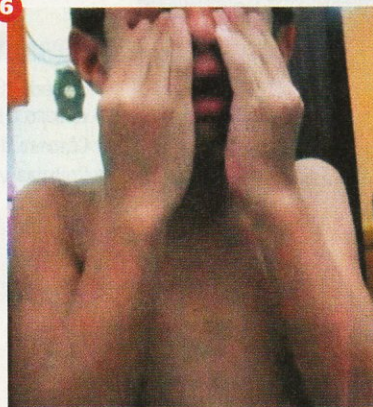
4



5



6





Paulo Moreira Leite

e-mail: pmoreira@edglobo.com.br

Vamos Combinar

Notícias sobre Política, Economia, Negócios e Cultura



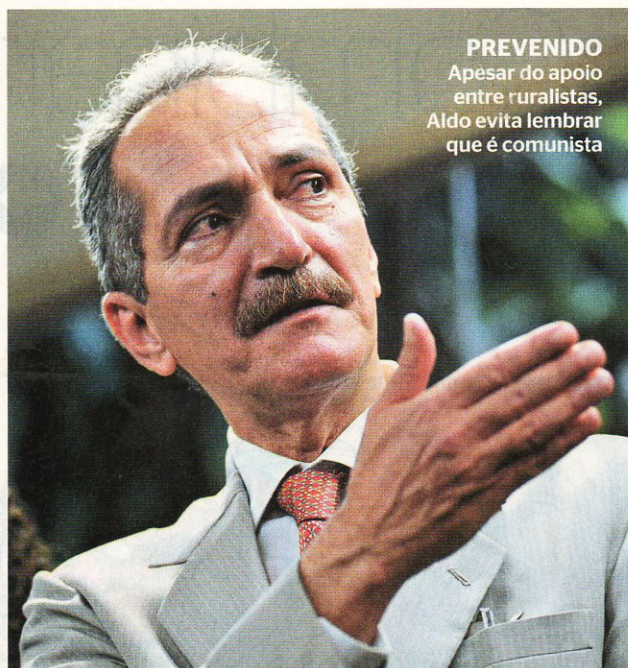
A disputa pela Colômbia

WASHINGTON e Brasília travaram uma pequena batalha de bastidores às vésperas da visita de Barack Obama ao Brasil. Interessada em atrair a Colômbia para um acordo de comércio bilateral, a diplomacia americana passou os dias anteriores à visita envolvida em negociações de bastidores com o governo de Bogotá. As conversações foram tão demoradas que produziram

um atraso de 24 horas na chegada de vários secretários de Estado a Brasília, gerando alterações de última hora na agenda da visita. Os diplomatas americanos nunca explicaram o motivo real do atraso — e é fácil entender por quê. Os acordos bilaterais na América do Sul são uma alternativa de Washington para driblar o Mercosul, prioridade do governo brasileiro na região.

Na sucessão da Vale, deu empate

A ESCOLHA de Murilo Ferreira para presidir a Vale (*leia a reportagem na página 74*) tem sabor de empate. O sonho da equipe econômica de Dilma Rousseff era Fábio Barbosa, banqueiro ligado ao Santander. Ele foi vetado pelo Bradesco, que não gosta de executivos formados por instituições concorrentes. O preferido pelo Bradesco era Tito Martins. Ai, o governo vetou.



PREVENIDO
Apesar do apoio
entre ruralistas,
Aldo evita lembrar
que é comunista

Aldo sempre teve a bênção de Lula

Desde o início, o ex-presidente deixou claro quem teria a palavra final no Código Florestal

EM PALESTRA para grandes cafeicultores do país reunidos em Guaxupé, Minas Gerais, o deputado Aldo Rebelo (PCdoB-SP) evitou lembrar aos presentes sua atividade de militante comunista desde os tempos de estudante. Articulador do projeto de reformas do Código Florestal que tem o apoio dos principais partidos do Congresso, Aldo não queria estragar o clima de congraçamento com uma das alavancas do conservadorismo nacional. Quando se encontrava no Planalto, o então presidente Lula convocou Aldo a conduzir as negociações sobre o Código e deixou claro à ministra do Meio Ambiente, Izabela Teixeira, que Aldo teria a última palavra sobre a proposta final.

Mudanças no Minha Casa...

INSTRUÍDO pelo Planalto, o deputado André Vargas (PT-PR), relator da medida provisória sobre o programa Minha Casa Minha Vida, vai fazer duas mudanças no projeto em discussão no Congresso. Na primeira, amplia-se o subsídio das prestações de moradia para quem ganha até três salários mínimos. A outra mudança proíbe a revenda da moradia subsidiada por dez anos.

Triângulo amoroso no Rio de Janeiro

OSTUCANOS do Rio de Janeiro já foram sondados para participar de um condomínio de oposições que planeja estragar a festa do prefeito Eduardo Paes na eleição de 2012 e modificar o panorama eleitoral do Estado em 2014. Anthony Garotinho e Cesar Maia cultivam a ideia de lançar Larissa, filha de Garotinho, como candidata à prefeitura da capital. Nessa combinação, Cesar Maia teria o direito de indicar o candidato a vice. Caso o namoro dos ex-brizolistas vire casamento, o PSDB carioca poderá subir ao altar na posição de padrinho.



TRIÂNGULO
Garotinho
pode se
juntar a Cesar
Maia e ao
PSDB



Acompanhe
o blog Vamos
Combinar em
epoca.com.br

Indústria de defesa aponta crescimento

ANTES DO massacre de crianças em Realengo, a indústria de defesa já preparava o lançamento de novas tecnologias de segurança no país, destinadas a proteger a população e os turistas em eventos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas. Fabricante de sistema de câmeras de TV de visão noturna, software de gestão de crise, sensores e radares, a AEL elevou em 50% seus investimentos em apenas um ano.

Dilma e a emoção feminina

EM BUSCA de novos produtos para oferecer a políticos ávidos por instrumentos para vencer eleições, o sociólogo Antonio Lavareda e estudiosos ligados à Fundação Getúlio Vargas resolveram submeter Dilma Rousseff a uma pesquisa realizada por meio da técnica conhecida como neuromarketing. Com equipamentos que lembram ficção científica, inclusive eletrodos conectados ao cérebro, eles tentaram monitorar emoções positivas e negativas de 48 mulheres em relação a Dilma em dois momentos: na campanha eleitoral e depois da posse. Confirmaram aquilo que já se sabia: os sentimentos favoráveis cresceram à medida que Dilma passou a exibir-se como ela mesma.

SENTIMENTOS MUTANTES

Pesquisa mostra que Dilma gerou emoções diferentes nas eleitoras

- em % de mulheres entrevistadas

■ Emoção negativa ■ Emoção positiva

Antes das eleições



Depois das eleições



0% 100%

Fonte: FGV/Consultor Antonio Lavareda

Adivinhe quem veio para a audiência

A PRESENÇA cada vez mais constante do ministro da Fazenda, Guido Mantega, no gabinete presidencial é um reflexo direto das preocupações de Dilma Rousseff com a inflação. O Planalto considera que a alta dos preços já se tornou o problema número um de seu governo.

Braço cultural



Influente em várias áreas do governo, o chefe da Casa Civil, **Antonio Palocci**, ganhou musculatura no Ministério da

Cultura. Homem de confiança de Palocci desde os tempos em que o ministro era prefeito de Ribeirão Preto, o presidente da Biblioteca Nacional, Galeno Amorim, tornou-se o mandachuva do Plano Nacional de Livro e Leitura, programa que envolve investimentos de R\$ 100 milhões por ano. Galeno é tão próximo de Palocci que é um dos sócios de uma empresa proprietária do domínio palocci.com.br.

Fora de controle



O ex-governador do Distrito Federal **José Roberto Arruda** tem dado sinais de esgotamento e dificuldade de manter a postura de homem público. Numa academia de ginástica de Brasília, Arruda discutiu de forma descontrolada com o personal trainer de sua mulher, Flávia. Ela havia sofrido uma lesão durante um exercício. Os presentes ficaram constrangidos.

Orelhão versus internet



Convencido de que o interesse da população é cada vez menor, o governo desistiu de cobrar a instalação de um grande número de **orelhões** em cidades distantes, como previa o plano de privatização das estatais de telefonia. A ideia, em Brasília, é trocar orelhões pela instalação de antenas que facilitem o acesso à internet em banda larga.

Já passou



Em janeiro, o então presidente do Ibama, **Abelardo Bayma de Azevedo**, pediu demissão do cargo. Alegou, na ocasião, que não aceitava pressões para assinar a licença de implantação da usina de Belo Monte. A indignação já passou. Hoje Abelardo assessoria a ministra do Meio Ambiente, Izabela Teixeira, a quem o Ibama é subordinado.

Com **Leonel Rocha** e **Marcelo Rocha** em Brasília; **Camila Camilo**, em São Paulo

Dois pontos:

“Achava que estava entrando na menopausa”

Solange Couto, atriz, grávida aos 54 anos



“Tenho plena convicção de que ele (**Bolsonaro**) é um gay internalizado. Que, sozinho, em frente ao espelho, ele diz: ‘Eu sou uma bichona!’”

Laci Marinho, sargento do Exército e namorado do ex-sargento Fernando Alcântara, sobre as declarações preconceituosas do deputado federal Jair Bolsonaro (PP-RJ)

“Eu tenho meu próprio computador... Jorge, sou o presidente dos Estados Unidos. Você acha que eu preciso tomar emprestado o computador de alguém? ‘Ei, cara, me empresta o seu computador?’”

Barack Obama, em resposta a Jorge Ramos, âncora da TV americana Univisión, que lhe perguntou se ele tinha computador



“Lugares diferentes, religiões diferentes e vestimenta diferente. Aqui na mesquita na Malásia”

Rubens Barrichello, piloto de Fórmula 1, que usou o Twitter para divulgar sua visita a uma mesquita com uma roupa local – um tipo de saia

“Há uma ascensão social incrível. A empregada doméstica, infelizmente, não existe mais. Quem teve este animal teve. Quem não teve nunca mais vai ter”

Delfim Netto, ex-ministro da Fazenda, no programa *Canal livre*, da TV Bandeirantes. A frase provocou protestos dos sindicatos das domésticas

“As pessoas dizem: ‘Por que Sarney sobrevive tanto tempo?’. E eu digo: ‘Porque sou um homem do meu tempo’”

José Sarney, presidente do Senado, perto de completar 80 anos

“Tudo o que eu quero é um microfone para continuar falando”

Lula, em uma palestra para convidados da Microsoft, em Washington

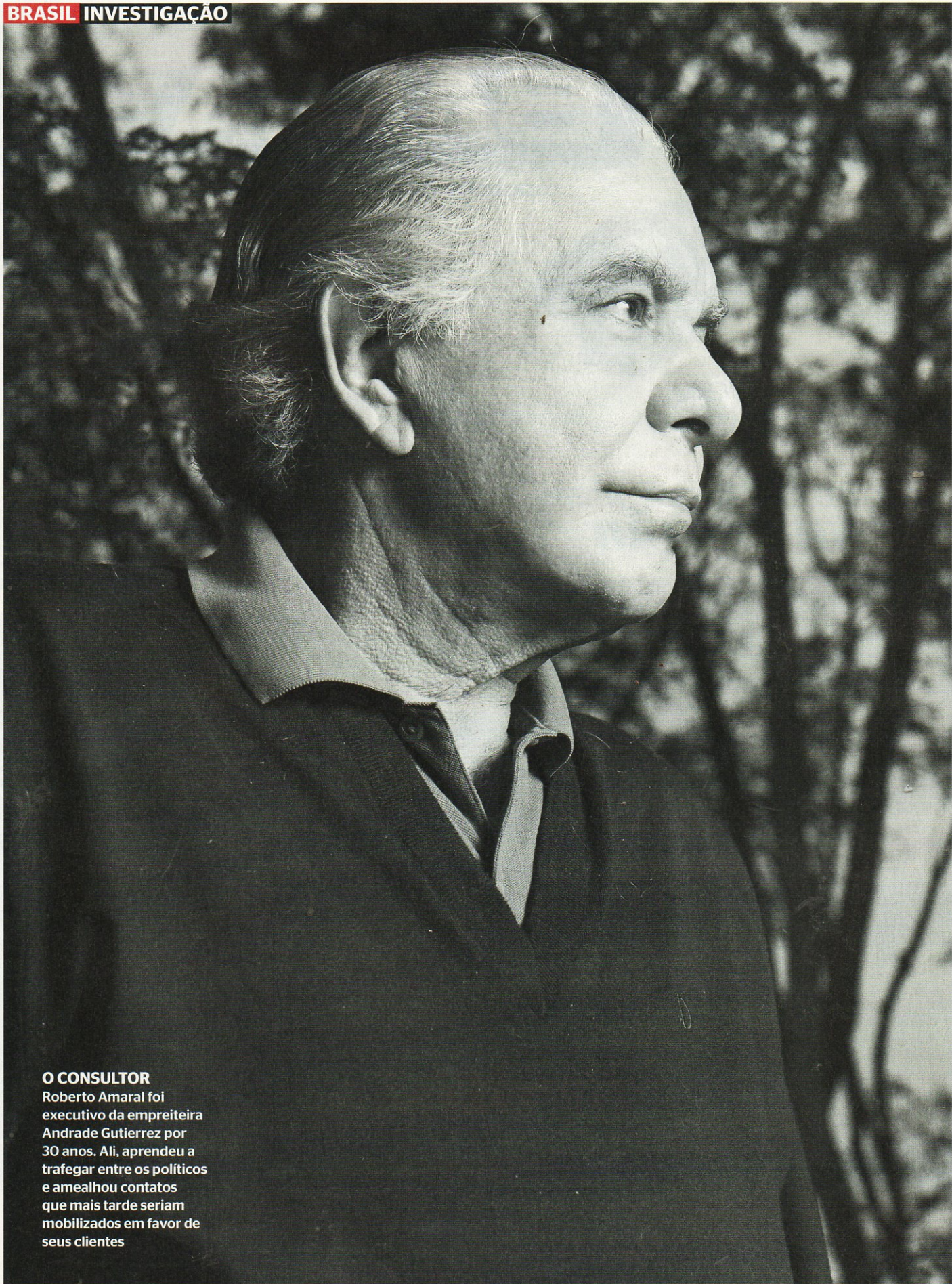
“Namorei de Jô Soares a Alexandre Frota. Sou muito eclética”

Cláudia Raia, atriz

“Quando vejo um furinho de celulite, penso: ‘Valeu muito a pena por aquele cookie com sorvete!’. Se eu fizesse dieta a vida toda, seria muito feliz”

Kim Kardashian, socialite e estrela do reality show *Keeping up with the Kardashians*, à revista *Cosmopolitan*





O CONSULTOR

Roberto Amaral foi executivo da empreiteira Andrade Gutierrez por 30 anos. Ali, aprendeu a trafegar entre os políticos e amejalhou contatos que mais tarde seriam mobilizados em favor de seus clientes

O financista, o consultor e a “pessoa”

ÉPOCA revela os segredos dos e-mails de Roberto Amaral, o consultor que trabalhou para o Opportunity, de Daniel Dantas, durante o governo FHC

Wálter Nunes e Guilherme Evelin

Entre maio e junho de 2002, o advogado carioca André Leal Faoro viveu o dilema de deixar a família e trocar as delícias do Rio de Janeiro pela aridez de Brasília e por um cargo na administração pública federal. Faoro fora convidado para assumir a procuradoria-geral da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel). A proposta fora feita pelo economista Luís Guilherme Schymura, que substituiu Renato Guerreiro, o primeiro presidente da agência. Pelo convite, Faoro entraria no lugar do mineiro Antônio Bedran e seria responsável pela preparação dos pareceres jurídicos e pela representação na Justiça da agência reguladora do setor

de telecomunicações. Mas o convite acabou não sendo realizado formalmente. Há duas semanas, num restaurante no centro do Rio de Janeiro, Faoro rememorou as circunstâncias do convite e lembrou que Schymura nunca lhe explicou por que a proposta não fora adiante.

O episódio parece apenas um lance trivial na rotina das substituições na burocracia brasileira. Mas, enquanto André Faoro ruminava o convite de Schymura, uma poderosa rede de influências foi mobilizada para evitar sua nomeação. Na linha de frente dessa operação, estava um dos personagens mais ativos e menos conhecidos da história recente da política brasileira: o paulista ►

De: roberto amaral
Data: sexta-feira, 8 de março de 2002 23:33
Para: MAJ CARLOS EDUARDO
Assunto: VC JÁ ESTÁ NA HISTÓRIA.

R.VAZ

PARTICULAR

MANDO-LHE UM FORTE ABRAÇO. A ERA FHC JÁ ESTA NA HISTÓRIA. INFELIZMENTE, ATÉ O FINAL DO GOVERNO SERÁ PRECISO ADMINISTRAR OS PEQUENOS CANALHAS. VC TERÁ PAGINAS E PAGINAS NA HISTÓRIA. SARNEY, UMA ANOTAÇÃO COMO O PAI DE UM ESTRANHO PLANO ECONÔMICO, QUE MANDAVA DELEGADO FEDERAL LAÇAR BOIS NO PASTO, CONDUZINDO O PAÍS À MORATÓRIA COM UMA INFLAÇÃO INCONTROLÁVEL. PAI DE UMA CERTA POLÍTICA NORDESTINA, QUE TEVE PROBLEMAS COM A JUSTIÇA, CUJO MARIDO UM CERTO MURAD, ESTEVE PRESO. ESTOU AGINDO E FAZENDO MEU PAPEL PROCURANDO AJUDA-LO. EM SILÊNCIO SEM INCOMODA-LO NESTE MOMENTO.

Ao Planalto

Roberto Amaral enviava mensagens ao endereço eletrônico dos ajudantes de ordens do presidente FHC. No dia 8 de março de 2002, ele enviou o e-mail ao lado. Uma semana antes, a PF fizera uma busca e apreensão no escritório da Lunis, de Jorge Murad, marido de Roseana Sarney. FHC diz não ter recebido esses e-mails

O caso Anatel

Os e-mails relativos à ação para manter Antônio Bedran na procuradoria da agência

De: lexis3333@hotmail.com
Data: quarta-feira, 29 de maio de 2002 14:36
Para: sjward@attglobal.net
Assunto: Re: a la calabi.

1

sei que é urgente. vou entrar no assunto agora, no mais alto nível. pare qualquer articulação envolvendo este assunto. vou dar um tratamento a la calabi.

>From: SJward <sjward@attglobal.net>
 >To: lexis3333@hotmail.com
 >Date: Wed, 29 May 2002 10:02:38 -0300
 >
 >Rogério.
 >
 >Continua a Articulacao para a substituicao de Antonio Bedran por
 >Andre
 >Faoro advogado da TIW, na Anatel.
 >
 >Abracos,
 >

A estratégia

Um e-mail atribuído pela PF a Daniel Dantas (1) diz que há uma articulação para substituir Bedran por André Faoro, ligado à TIW. Na resposta, Amaral diz que vai agir "no mais alto nível"

De: roberto amaral
Data: quarta-feira, 29 de maio de 2002 17:21
Para: OVS
Assunto: Fw: ASSUNTOS AG AGLS

2

DD: FAX A SEGUIR PARA A PESSOA. A PESSOA E EU TEMOS UM NOVO MODO DE COMUNICAÇÃO. O FAX A SEGUIR PODE SER MODIFICADO POR VC À VONTADE E, PRINCIPALMENTE, ACRESCENTADO. FIZ UM RESUMO DAS 2 ULTIMAS AGENDAS COM A PESSOA E UM RESUMO DOS SEUS 2 E MAILS.

ASSUNTOS: PARTICULAR 290502

A. ENTREGA DE UM DOCUMENTO PARA A PESSOA.
 B. FALAS DE UM FMT. ENTÃO, ENTÃO.
 C. ENTÃO, FALAS DE UM DOCUMENTO ENTÃO, ENTÃO.
 D. ENTÃO, FALAS DE UM DOCUMENTO ENTÃO, ENTÃO.

E- ADVOGADO DA T.I.W. NA ANATEL. FAORO.

F. ENTÃO, FALAS DE UM DOCUMENTO ENTÃO, ENTÃO.
 G. ENTÃO, FALAS DE UM DOCUMENTO ENTÃO, ENTÃO.

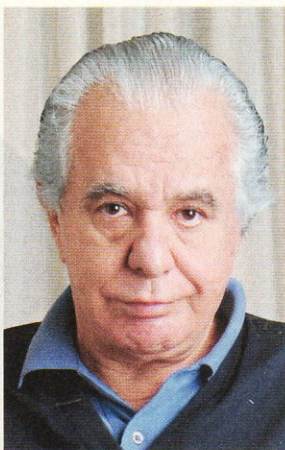
De: roberto amaral
Data: quinta-feira, 30 de maio de 2002 15:52
Para: OVS
Assunto: FAOROX BEDRAN AG AGLS

3

A NOTICIA QUE TIVE É QUE ANDRÉ JÁ ESTÁ CONVIDADO PARA A ANATEL. DAÍ A SUBIDA DO TOM DO FAX DE HJ QUE, PEÇO, SEJA LIDO COM A MAIOR ATENÇÃO.

A ação

No mesmo dia em que prometeu agir, Amaral afirma ter um novo canal de comunicação com "a pessoa" - o fax. Investigadores da PF suspeitam que a "pessoa" seria o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. No e-mail (2), Amaral anexou o conteúdo de um fax com a agenda de assuntos a tratar com a "pessoa". No quarto item da agenda, está anotado: "Advogado da TIW na Anatel. Faoro". No dia seguinte (3), Amaral encaminhou um e-mail em que disse ter tido a notícia de que Faoro fora convidado para a Anatel. No e-mail, ele recomendou a leitura do fax em que subira o tom. Minutos antes, Amaral enviara e-mail (4) com a reprodução da "versão final mais incisiva" do fax, em que advertia contra a nomeação de Faoro. "É evidente o conflito de interesses", afirmou



OS INTERLOCUTORES

Daniel Dantas (à esq.) contratou Amaral (acima) para assessorá-lo em suas brigas societárias. Dantas disse que contratou Amaral porque precisava entender como “funciona o Brasil do poder”

4

De: roberto.amaral
Data: quinta-feira, 30 de maio de 2002 15:45
Para: OVS
Cc: RA TERRA SPAIN
Assunto: ENVIADORA PESSOA. AG AGLS VERSÃO FINAL.

VERSÃO FINAL MAIS INCISIVA.

R. VAZ PARTICULAR. 300502 **POR FV VEJA A PARTE DE BAIXO, COM MINHA ANOTAÇÃO.**

QUANTO AO ASSUNTO ABAIXO: VÃO TE CONTAR MIL HISTÓRIAS MAS, É EVIDENTE QUE ANDRÉ FAORO NÃO PODE SER NOMEADO ADVOGADO DA ANATEL, NO LUGAR DE ANTONIO BEDRAN. FOI ADVOGADO DOS CANADENSES CONTRA O OPPORTUNITY. É EVIDENTE O CONFLITO DE INTERESSES. SE VC CONSULTAR 10 ADVOGADOS 10 VÃO DIZER QUE NÃO EXISTE CONFLITO. ESPÍRITO DE CLASSE. ELE DEVE SER PARENTE DO RAYMUNDO FAORO, QUE FOI PRESIDENTE DA O.A.B. SE FOR ESTE O PROBLEMAJÁ FALEI COM MARIO SERGIO DUARTE GARCIA, EX PRESIDENTE DA O.A.B., --O MAIOR ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA DO BRASIL--QUE SAIRÁ COM A TESE DO CONFLITO.

5

De: roberto.amaral
Data: terça-feira, 4 de junho de 2002 01:58
Para: OVS
Assunto: TH-RA TELEFONEMA 1.30H 040602 RAM20 AG AGLS

**PESSOA AGORA 1.30 H SPAIN:
1-ANDRÉ NÃO IRÁ. BEDRAN FICARÁ.**

O desfecho

No dia 4 de junho de 2002, Amaral envia a OVS, endereço atribuído pela PF a Dantas, um e-mail (5) em que diz ter tido uma conversa com a “pessoa” à 1h30 da Espanha. E transmite a informação recebida: “André não irá. Bedran ficará”

Roberto Figueiredo do Amaral. Por 30 anos, Amaral trabalhara como executivo da construtora Andrade Gutierrez, em São Paulo. Como diretor da empreiteira, desfrutara o convívio dos mais influentes políticos paulistas e fizera história por sua desenvoltura no opaco mundo das empreiteiras e suas tratativas em busca de contratos de obras públicas. Paulo César Farias, o tesoureiro do ex-presidente Fernando Collor, considerava Amaral “um mestre”. Sérgio Motta, ministro das Comunicações do governo Fernando Henrique Cardoso, seu amigo, o chamava, em tom de brincadeira, de “gênio do mal”.

No começo dos anos 2000, Amaral atuava como consultor do Opportunity, marca que reúne os fundos de investimentos comandados pelo financista baiano Daniel Dantas. Na ocasião, Dantas se tornara o protagonista da maior disputa societária da história recente do capitalismo no Brasil. Ele brigava com fundos de pensão e sócios estrangeiros pelo controle de empresas de telefonia privatizadas pelo governo FHC. Dantas buscava decisões favoráveis das autoridades em Brasília e arregimentara os serviços de Amaral para que ele o auxiliasse em sua contenda bilionária. “Eu precisava de alguém que me explicasse como funciona o Brasil do poder, e o Roberto era o homem ideal”, disse Dantas numa entrevista recente publicada na revista *Piauí*. Essas lições sobre o funcionamento do Brasil do poder e o estilo e a estratégia de Amaral ficam evidentes numa série de e-mails obtidos por *ÉPOCA*, que ele enviou e recebeu entre 2001 e 2002.

A correspondência eletrônica foi apreendida por agentes da Polícia Federal em dezembro de 2008, quando eles vasculharam os endereços de Amaral como parte da Operação Satiagraha, a mais rumorosa e polêmica ação da história recente da PF. Na casa de Amaral, os federais acharam um disco rígido de computador, que guardava e-mails numa quantidade suficiente para encher dez CDs. Tais e-mails serviram de prova em uma denúncia do Ministério Público, aceita pela Justiça em julho de 2009. Segundo a PF, que atestou a autenticidade dos e-mails por meio de uma perícia técnica, a correspondência registra a comunicação entre Amaral e Dantas (Dantas nega isso). E também inclui, de acordo com a PF, mensagens enviadas por Amaral a próceres da República e aos ajudantes de ordens do então presidente Fernando Henrique Cardoso. Por envolver autoridades com foro ▶

privilegiado, os e-mails encontram-se, desde 2009, sob a análise do procurador-geral da República, Roberto Gurgel, que estuda se eles contêm indícios que justifiquem a abertura de uma investigação policial.

Desencadeada em 2008, para investigar acusações de crimes financeiros contra Dantas e o Opportunity, a Operação Satiagraha gerou um sem-número de controvérsias. Dantas foi preso duas vezes – ambas por ordem do então juiz federal Fausto De Sanctis, de São Paulo – e solto duas vezes – ambas por decisão do então presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), ministro Gilmar Mendes. O prende e solta causou uma crise sem precedentes no Judiciário brasileiro. O comandante da operação na ocasião, delegado Protógenes Queiroz, recorreu a métodos ilegais de operação (usou, por exemplo, agentes da Agência Brasileira de Inteligência para fazer escutas telefônicas à revelia da direção da PF), foi afastado do caso e condenado, em novembro do ano passado, pela Justiça Federal à pena de prisão por crime de violação de sigilo funcional e fraude processual. Como consequência desses métodos, diversas provas recolhidas na investigação foram questionadas pelos réus.

Quando os agentes vasculharam a casa de Amaral e apreenderam os e-mails, a Satiagraha já estava sob o novo comando, do delegado Ricardo Saadi. Sua equipe extraiu diversas novas conclusões que embasaram a denúncia apresentada pelo Ministério Público – e depois aceita pelo próprio juiz De Sanctis. Uma das dificuldades da PF, ao analisar os e-mails, foi decifrar seus remetentes, destinatários e conteúdos. De acordo com a denúncia, a PF concluiu que Dantas e Amaral, em suas comunicações, recorriam a vários endereços eletrônicos, codinomes secretos e frases elípticas, na tentativa de evitar ser descobertos. “Com o temor de ser identificados em suas mensagens, Roberto Amaral e Daniel Valente Dantas se tratavam por outros nomes ou por siglas, sendo que o primeiro, na maioria das mensagens eletrônicas, era tratado como “Rogério”, ou “Rogério Antar”, e o segundo por “DD”, “OVS”, ou “Olhos Verdes Sensuais”, escreveu o procurador Rodrigo de Grandis na denúncia. Segundo o texto de De Grandis, Amaral usava os endereços amaralbr@terra.es, rdo@uol.com.br e lexis3333@hotmail.com para suas mensagens. Dantas, de acordo com a PF, usava principalmente o e-mail sjward@attglobalnet. Por meio de nota enviada por



sua assessoria, Dantas afirmou que “não se correspondeu diretamente com Roberto Amaral”. O advogado José Luís de Oliveira Lima, que defende Amaral, disse que seu cliente não comentaria o conteúdo dos e-mails, porque a Satiagraha teria sido “produzida de forma ilegal, desprezando princípios processuais e constitucionais”. No momento, o Superior Tribunal de Justiça (STJ) discute a legalidade das provas obtidas pela PF na Satiagraha.

Em 2002, Dantas dedicava um lugar especial de suas atenções à Anatel. Por lei, qualquer mudança no controle das empresas de telefonia precisava ser previamente aprovada pela agência. Ter aliados – e, sobretudo, não ter inimigos – em posições influentes na Anatel era um trunfo para quem disputava o comando de empresas com faturamento na casa dos bilhões de reais. Na Anatel, a procuradoria-geral era um local estratégico para Dantas. O motivo era uma briga que ele travava com os fundos de pensão de empresas estatais e com a empresa canadense

TIW pelo controle da Telemig Celular e da Amazônia Celular, duas empresas privatizadas pelo governo FHC em 1998.

O litígio entre Opportunity e TIW começara depois do leilão de privatização. Os canadenses haviam desembolsado mais de US\$ 380 milhões na compra de duas empresas, acreditando que teriam participação em sua gestão. Após o leilão, descobriram que, apesar de ter 49% das ações, não teriam ingerência nas decisões das companhias, em virtude de uma complexa estrutura societária atribuída a Dantas. Apesar de deter menos de 1% do capital total, era o Opportunity que controlava as empresas, por intermédio de outra empresa chamada Newtel, cujos sócios eram o Opportunity e os fundos de pensão, mas não os canadenses. No meio da disputa entre os canadenses e o Opportunity, os principais fundos de pensão mudaram de direção e se aliaram à TIW. Eles queriam dissolver a Newtel e destituir o Opportunity do comando das empresas. Iniciou-se em 2000 uma batalha na Justiça Estadual do Rio de Janeiro que mobilizou alguns dos principais escritórios

De: roberto.amaral
Data: sábado, 11 de maio de 2002 02:32
Para: MARCOS JORGE
Assunto: Pw: R. YAZ PARTICULAR

ESTOU PARA RENOVAR CONTRATO COM DD. PERGUNTO, EM CARÁTER PESSOAL E BASEADO EM UMA AMIZADE DE MAIS DE 15 ANOS, SE EXISTE ALGUMA COISA QUE VC ACHE QUE EU DEVA SABER. NÃO PRECISO FRISAR A IMPORTÂNCIA DA DECISÃO QUE ESTOU PARA TOMAR NA MINHA VIDA PESSOAL. NÃO PRECISO, E VC SABE DISTO, NECESSARIAMENTE RENOVAR ESTE CONTRATO. CHEGO AO BRASIL DIA 25 PARA FICAR ATÉ O FINAL DAS ELEIÇÕES INDEPENDENTEMENTE DA OPINIÃO DA CONSULTA QUE FAÇO A VC.

O pelotão de FHC

Na foto ao lado, Fernando Henrique e seu ajudante de ordens, o comandante da Marinha Marcos Jorge Matusевичius, na época em que os dois estavam no Palácio do Planalto. Acima, reprodução de e-mail enviado por Amaral a Matusевичius em que ele faz uma consulta sobre a renovação do contrato com "DD"

de advocacia do país e gerou mais de 30 ações. No meio desse imbróglio, a TIW e os fundos conseguiram algumas vitórias parciais. Uma liminar da Justiça do Rio lhes assegurava, temporariamente, o comando do conselho de administração da empresa holding da Telemig.

No dia 4 de abril de 2002, a Anatel e a Advocacia-Geral da União (AGU) deram entrada a uma petição, na 31ª Vara Cível da Justiça Estadual do Rio, principal foro onde TIW, fundos e Opportunity terçavam armas. Na petição, a Anatel e a AGU requeriam a admissão como assistentes do Opportunity na questão. Ao ser admitidas no caso, o processo seria transferido automaticamente da Justiça Estadual do Rio para a Justiça Federal. Elas afirmavam que a dissolução da Newtel, pretendida pela TIW e pelos fundos de pensão, provocaria mudança no controle acionário das empresas – e que isso só poderia ser feito com a anuência prévia da agência. Argumentavam também que a dissolução da empresa poderia provocar desordem administrativa, com prejuízo na prestação de serviços. “O Conselho Diretor

na Anatel decidira sobre as participações societárias da Newtel em empresas de telecomunicações. A procuradoria-geral da agência ingressou em juízo para sustentar a eficácia da decisão administrativa. Como a Anatel é uma autarquia pública federal, o processo, por força de lei, tramita na Justiça Federal”, disse Bedran, em resposta a ÉPOCA na semana passada. Ele permaneceu na Anatel até o final do 2010, no posto de conselheiro. Embora, na disputa judicial em torno da Telemig, a medida adotada pela Anatel tenha favorecido o Opportunity, não há, na correspondência recolhida pela PF, nenhuma evidência de que Bedran tenha sido movido em suas decisões por algo além de suas convicções ou do interesse público.

A petição da Anatel e da AGU iniciara uma discussão sobre que esfera judicial tinha competência para julgar a disputa – a Justiça do Rio ou a Federal. No dia 29 de maio de 2002, Amaral recebeu um e-mail do endereço sjward@attglobal.net, com a informação de que estava em curso uma “articulação para a substituição de Antônio Bedran por André Faoro, advogado da

TIW, na Anatel”. Entre 1999 e 2004, André, filho de Raymundo Faoro, célebre presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) durante a ditadura militar, atuara como advogado do escritório Tozzini Freire, do Rio, contratado pelos canadenses da TIW. A nomeação de Faoro para o lugar de Bedran representava, portanto, uma ameaça aos interesses do Opportunity na disputa, uma vez que ele tinha laços próximos com os canadenses. Do ponto de vista do interesse público, havia também um argumento forte: não seria correto nomear um antigo advogado da TIW para a procuradoria-geral da Anatel, em meio a uma disputa em que os canadenses eram uma das partes – e a agência reguladora teria influência decisiva. “Sei que é urgente”, respondeu Amaral. “Vou entrar no assunto agora, no mais alto nível. Pare qualquer articulação que envolva este assunto.”

A sequência de mensagens trocadas por Amaral, entre os dias 29 e 30 de maio de 2002, mostra que sua providência, depois de descobrir que Faoro fora convidado para a Anatel, foi enviar um fax a alguém a quem ele se refere como “a pessoa”. A leitura das mensagens sugere que tal fax teria sido enviado. Em sua versão final, “mais incisiva”, segundo a descrição feita num e-mail enviado por Amaral, ele seguia com uma advertência contra a nomeação de Faoro para o lugar de Bedran: “Vão te contar mil histórias, mas é evidente que André Faoro não pode ser nomeado advogado da Anatel, no lugar de Antônio Bedran. Foi advogado dos canadenses contra o Opportunity. É evidente o conflito de interesses”.

No dia 4 de junho de 2002, Amaral comunicou a OVS, rótulo por meio do qual os programas de correio eletrônico identificam o endereço sjward@attglobal.net, que tivera uma conversa por telefone à 1h30 da Espanha, país onde ele mantinha uma residência na cidade da Marbella. Amaral iniciou seu e-mail com uma mensagem curta, de estilo telegráfico: “PESSOA AGORA 1.30 H SPAIN”. Desdobrou então o conteúdo de sua conversa em quatro tópicos. No primeiro, escreveu: “André não irá. Bedran ficará”.

Quem seria essa pessoa, a quem o e-mail de Amaral atribui a obtenção de informação tão estratégica? Esse é um mistério não esclarecido. Com base em e-mails enviados por Amaral aos ajudantes de ordens da Presidência da República, os investigadores da PF e os procuradores do Ministério Público levantam a suspeita de que a “pessoa” ►

De: roberto amaral
 Data: quinta-feira, 14 de março de 2002 16:18
 Para: MAJ CARLOS EDUARDO
 Assunto: ENCONTRO AMANHÃ. R. VAZ PARTICULAR

1

CHEGO AMANHÃ CEDO BRASIL PARA ENCONTRO COM VC. JÁ FUI AVISADO MUDANÇA HORÁRIO. VOLTO NO DIA SEGUINTE PARA A EUROPA. COMO VOU UNICAMENTE PARA FALAR COM VC, NÃO VOU ESTAR COM CANDIDATO EM RAZÃO DO CURTISSIMO TEMPO QUE FICO AÍ.

De: roberto amaral
 Data: quinta-feira, 14 de março de 2002 16:34
 Para: ROBERIO; OVS
 Assunto: Fw: ENCONTRO AMANHÃ. R. VAZ PARTICULAR

2

E MAIL ENVIADO HJ A PESSOA.

----- Original Message -----
 From

CHEGO AMANHÃ CEDO BRASIL PARA ENCONTRO COM VC. JÁ FUI AVISADO MUDANÇA HORÁRIO. VOLTO NO DIA SEGUINTE PARA A EUROPA. COMO VOU UNICAMENTE PARA FALAR COM VC, NÃO VOU ESTAR COM CANDIDATO EM RAZÃO DO CURTISSIMO TEMPO QUE FICO AÍ.

Quem é a pessoa?

Acima, uma mensagem enviada por Amaral ao endereço eletrônico carlosedu@planalto.gov.br, pertencente a Carlos Eduardo Alves da Silva, um dos ajudantes de ordens de FHC. No e-mail (1), Amaral escreveu: "Chego amanhã cedo Brasil para encontro com vc". Minutos depois, reencaminha a OVS, endereço atribuído pela PF a Daniel Dantas, o e-mail que enviara a Carlos Eduardo (2). E acrescenta um comentário: "E-mail enviado hj a pessoa"

seria um código para se referir ao ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

No material apreendido na casa de Amaral, há vários e-mails dirigidos aos endereços eletrônicos de dois militares que davam expediente na antessala de FHC: o major da Aeronáutica Carlos Eduardo Alves Silva (carlosedu@planalto.gov.br) e o capitão de fragata da Marinha Marcos Jorge Matusевич (MarcosJM@planalto.gov.br, mjmat@ig.com.br, marcosjm@sagres.com.br). Os dois são citados no livro *A arte da política*, de FHC. Ali, FHC descreve a importância dos ajudantes de ordens no dia a dia da Presidência. "Quem não conhece os meandros do poder não tem ideia o quanto é de vital importância contar com esse pelotão quase anônimo. É ele quem apara arestas, ajuda a implementar decisões e, principalmente, aguenta as pressões de todos que desejam ter acesso ao presidente", escreveu FHC.

Os e-mails de Amaral sugerem que ele recorria aos endereços eletrônicos dos ajudantes de ordens para remeter mensagens dirigidas diretamente a FHC. No dia 8 de março de 2002, Amaral enviou para o endereço do major Carlos Eduardo um e-mail com o título: "Vc já está na história". O texto é direto: "Mando-lhe um forte abraço. A era FHC já está na história. Infelizmente, até o final do governo será preciso administrar os pequenos canalhas. Vc terá páginas e

páginas na história. Sarney, uma anotação como o pai de um estranho plano econômico, que mandava delegado federal laçar bois no pasto, conduzindo o país à moratória com uma inflação incontrolável".

Matusевич e Carlos Eduardo receberam outros e-mails que reforçam a suspeita de que a "pessoa" seja FHC. Em 12 de maio de 2002, às 2h07, Amaral enviou uma mensagem a Matusевич em que anexou a capa da edição do dia anterior do jornal *Correio Braziliense*. Cinco minutos depois, Amaral reencaminhou a OVS o e-mail endereçado a Matusевич. Escreveu: "DD: email à pessoa". Há registro também de e-mails enviados por Amaral a Matusевич em que ele faz uma consulta sobre a renovação de seu contrato com Dantas: "Estou

para renovar contrato com DD. Pergunto, em caráter pessoal e baseado em uma amizade de mais de 15 anos, se existe alguma coisa que vc ache que eu deva saber".

Na semana passada, a reportagem de ÉPOCA mostrou os e-mails enviados por Amaral a Matusевич, que atualmente trabalha como assessor da diretoria de prática do Porto de Santos. Ele reconheceu os endereços eletrônicos como seus. Matusевич também reconheceu que era sua uma mensagem enviada a Amaral a partir de seu e-mail oficial no Palácio do Planalto, em que ele fornecia seu antigo endereço residencial em Brasília como destino para correspondências. Todos os e-mails enviados para o presidente, segundo Matusевич, eram endereçados aos ajudantes de ordens. "Não existe um e-mail do presidente. Então toda vez que alguém queria mandar algum complemento de informação, algum documento, nós entregávamos nossos cartões", disse. "A gente ali servia como intermediário no trâmite de documentação." Matusевич afirmou, porém, que não se lembrava de Amaral. Perguntado sobre como os ajudantes de ordens repassavam os recados recebidos por e-mail, disse que havia vários despachos diários com FHC. "O ajudante de ordens acompanha o presidente durante todo o seu dia. Chegou documento, você entrega o documento, e o presidente despacha para o pessoal da Casa Civil." A reportagem de ÉPOCA também falou com o coronel Carlos Eduardo Silva, hoje adido de defesa da Embaixada do Brasil em Buenos Aires. Ele reconheceu como seu o endereço usado nos e-mails de Amaral, mas afirmou não se lembrar de Amaral nem de receber e-mails destinados a FHC.

O ex-presidente Fernando Henrique também conversou com ÉPOCA. Ele afirmou conhecer Amaral e disse que não tem "intimidade maior com ele". "Eu não recebi e-mail nenhum do Roberto Amaral na Presidência", disse FHC. "Ele pode ter mandado para os meus ajudantes de ordens, mas eu nunca recebi nem respondi. Não me lembro também de ter recebido qualquer fax dele. Eu não usava esse instrumento de trabalho." FHC disse também que Dantas não precisaria de Amaral para falar com ele. "O Daniel Dantas falou comigo. Ele tinha lá suas demandas, como todo mundo. Quando se está na Presidência, o que mais se ouve é pedido. É pressão, porque o pessoal acha que presidente da República resolve, mas não resolve nada." ◆



O silêncio dos inocentes

Como entender a reação do governo Dilma a respeito das revelações do relatório da PF sobre o mensalão

NEM AÍ
Inaugurando nos Estados Unidos sua carreira de palestrante, Lula não quis comentar o relatório da PF

Marcelo Rocha e Diego Escosteguy

No último sábado, a presidente Dilma Rousseff tirou a noite para ir ao teatro em Brasília. Assistiu ao monólogo *A lua vem da Ásia*, estrelado pelo ator Chico Diaz e baseado no romance do escritor Walter Campos de Carvalho, de quem a presidente é fã. Diaz incorpora Astrogildo, um louco que delira sobre os crimes que imagina ter feito ou, quem sabe, tenha mesmo chegado a fazer – mas que, sem saber ao certo nem o próprio nome, permanece preso às alucinações e às incertezas de sua mente

doentia, metáfora surrealista do mundo contemporâneo que, para muitos, deixou de fazer qualquer sentido. Astrogildo recusa o absurdo do real, refugiando-se no conforto desatinado de sua alma à deriva. Dilma não poderia ter escolhido peça mais adequada para o momento. Com as revelações que vieram à luz na última edição de *ÉPOCA*, que envolveram um de seus principais ministros e boa parte de seu partido, a presidente viu-se diante de sua primeira crise política. Aparentemente confusa sobre como proceder em face

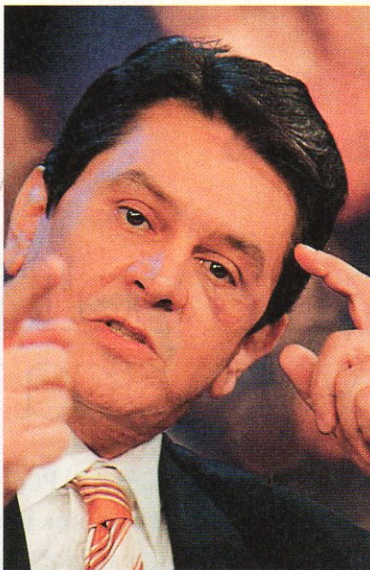
do que aconteceu, ela parecia refugiar-se em seu próprio mundo, como Astrogildo. Escolheu a inação como tática.

A reportagem de *ÉPOCA* trouxe as provas do relatório final da Polícia Federal (PF) sobre o caso do mensalão, maior esquema de tráfico de influência e compra de apoio político já descoberto no Brasil. O demolidor documento era mantido até então sob estrito sigilo. Assim que seu teor veio a público, detonou-se em Brasília seu imenso potencial. Ao sair do teatro, Dilma foi questionada por

repórteres se comentaria as novidades do relatório. Ela preferiu o silêncio – e deu ordem a seus ministros para que fizessem o mesmo. Ninguém ousou contrariá-la. O ministro do Desenvolvimento, Fernando Pimentel, cujo tesoureiro de campanha recebeu R\$ 247 mil do valerioduto, mandou avisar que não se pronunciaria até ler o relatório. Nenhuma palavra também do ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, que já admitiu publicamente a existência do esquema. Cardozo, note-se, é o responsável pela PF. A divulgação do relatório deixou ambos em situação difícil. Pimentel se queimou. Cardozo arcará com os prejuízos causados aos governistas com a publicação do relatório.

Seria mesmo difícil para eles dizer algo sobre o documento da PF. Trata-se de uma peça irrefutável. Ao cabo de seis anos de investigações, o delegado Luís Flávio Zampronha e sua equipe conseguiram produzir provas conclusivas sobre o que restava confirmar acerca do valerioduto petista. A pedido do ministro Joaquim Barbosa, relator do caso no Supremo Tribunal Federal, a equipe de Zampronha vasculhou as dezenas de contas bancárias pelas quais transitou o dinheiro do mensalão e tomou o depoimento de uma centena de testemunhas. Conforme relatou *ÉPOCA*, esse trabalho permitiu à PF corroborar tanto as apurações da CPI que investigou o escândalo quanto as investigações do Ministério Público Federal – além, é claro, das revelações publicadas pela imprensa no decorrer dos últimos anos. O relatório narra como os R\$ 55 milhões que bancaram o mensalão vieram mesmo dos cofres públicos.

Como? Por meio dos contratos das empresas de Marcos Valério com o governo Lula, sobretudo o mais lucrativo deles, o da agência DNA com o Banco do Brasil, que rendeu R\$ 68 milhões ao publicitário durante a administração petista. Valério superfaturava os serviços; em alguns casos, nem os prestava. O dinheiro “excedente”, nas palavras da PF, passeava pelas contas do publicitário antes de ser entregue, limpinho, aos beneficiários da “organização criminoso”. A PF qualificou esse dinheiro como “fonte primária” do mensalão. A fonte primária, ou o dinheiro de todos os brasileiros, foi parar nos bolsos de mais gente do que se pensava – e foi precisamente essa a novidade que mais incomodou o governo.



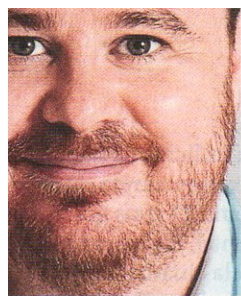
**OS RÉUS DA
QUADRILHA**
Roberto Jefferson
e José Dirceu,
protagonistas do
escândalo. Eles
fizeram de tudo
para desacreditar o
relatório da PF

Os peritos encontraram indícios de que vários políticos se envolveram, direta ou indiretamente, no esquema. O mais graduado é o ministro Pimentel. Rastreado o dinheiro desviado pela quadrilha, a PF chegou ao nome de Rodrigo Barroso Fernandes, tesoureiro da campanha vitoriosa de Pimentel à prefeitura de Belo Horizonte em 2004. Ele sacou um cheque de R\$ 247 mil. Questionado pela PF, ficou em silêncio.

Houve os que não se calaram. Um deles foi o líder do governo no Senado, Romero Jucá. “Quero aqui repudiar todas essas informações. Não há meu nome no relatório”, disse Jucá na tribuna do Senado. Ele tem razão. O relatório não cita seu nome, mas cita a empresa de seu irmão, Álvaro Jucá, que recebeu R\$ 650 mil do esquema de Marcos Valério. Álvaro enviou à PF uma cópia do contrato de sua empresa com o Banco do Brasil e notas fiscais. Os federais, porém, não se convenceram com suas explicações. Caberá ao procurador-geral da República pedir mais investigações se julgar adequado.

Na categoria dos que abriram a boca, contudo, brilhou, como de hábito, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. As investigações da PF confirmaram que Freud Godoy, segurança pessoal do ex-presidente e amigo de sua família, recebeu R\$ 98 mil do valerioduto. Godoy admitiu à polícia que os recursos bancaram serviços prestados a Lula durante sua campanha à Presidência.

Depois de dar uma palestra nos Estados Unidos, paga pela Microsoft, Lula respondeu secamente aos questionamentos dos repórteres. Primeiro, disse que, “por não ser advogado”, não leu o relatório. Nenhuma palavra sobre Freud. Ele prosseguiu: “Não tem relatório final do mensalão. Tem uma peça que dizem que foi o relatório produzido pela Polícia Federal. Mas não se sabe se o ministro Joaquim vai receber, se aquilo vai entrar nos autos do processo”. Nenhuma palavra sobre Freud. E Lula arrematou: “Se entrar (o relatório final na ação penal do mensalão), todos os advogados de defesa vão pedir prazo para julgar. Então, vai ser julgado em 2050”. Fim de peroração – e nenhuma palavra sobre Freud. Astrogildo, o louco que de tudo duvida e nada sabe, ficaria confuso com tanto silêncio. Ele poderia duvidar do mensalão – mas, se não pode mais esperar pelo Ministério Público ou pela PF, talvez sua última esperança seja esperar por Godot. ♦



NOSSA POLÍTICA

Fernando Abrucio

Fernando Abrucio

é doutor em ciência política pela USP, professor da Fundação Getúlio Vargas (SP) e escreve quinzenalmente em ÉPOCA

Como um político amorfo e sem voto cria um partido?

UMA PERGUNTA NÃO QUER CALAR: POR QUE o prefeito Gilberto Kassab se tornou uma liderança nacional capaz de criar um novo partido? Creio que a resposta a essa pergunta dirá menos sobre as características e as qualidades do prefeito e mais sobre as fragilidades do sistema político brasileiro, em particular daqueles que não podem viver sem apoiar o governo, qualquer que seja ele.

Começemos a resposta pensando naquilo que seria o mais óbvio: a posição de governante da maior cidade do país é muito poderosa. Por meio da Prefeitura de São Paulo se pode ter uma enorme exposição nacional e conseguir o apoio de milhões de eleitores. Mas Kassab tem hoje uma péssima avaliação popular – 43% dos paulistanos acham sua administração ruim ou péssima. Esse resultado poderia ser explicado pela fase pós-enchentes de verão. Só que não há obras, projetos ou ideias deste governo que tenham o poder de mudar esse cenário. Portanto, à primeira vista, associar-se à imagem de Kassab seria um erro político. Ainda assim, vários políticos prometem entrar no PSD.

Uma segunda resposta à atratividade do kassabismo seria sua defesa de ideias que tivessem capacidade de atrair eleitores e, ou, de aglutinar grupos ideológicos. Contudo, Kassab não defendeu nenhuma ideia nova, nem uma visão inovadora de fazer política, tampouco um ideário baseado em crenças mais profundas – como o fazem socialistas, liberais e verdes noutras partes do mundo.

A definição que Kassab deu ao novo partido é um canto de sereias aos políticos amorfos que povoam a política brasileira. Vale citar o argumento inteiro: “O PSD não será de direita, não será de esquerda, nem de centro. É um partido que terá um programa a favor do Brasil, como qualquer outro partido deve ser”. Aqueles políticos que têm minimamente um ideário, ou uma biografia política a defender, fariam muitas restrições a essa visão. Mas, como há vários integrantes da oposição que não aguentam mais sua atual posição e rezam para o santo que lhes der verbas, cargos e prestígio, é provável que o prefeito

de São Paulo esteja lhes abrindo um caminho bem mais interessante.

Ainda podemos testar uma última hipótese: a liderança de Kassab poderia advir de sua trajetória política. O que podemos lembrar como marcante em sua carreira? Sem dúvida alguma, sua eleição à prefeitura. Porém, tal vitória só foi possível graças ao apoio de seu padrinho, José Serra. Se não fosse

essa mãozinha, Kassab nunca chegaria a um posto executivo. Afinal, sua trilha anterior tem como segundo ponto mais importante ter sido secretário de Planejamento do prefeito Celso Pitta. Por esse papel central no governo, obviamente ele foi um dos responsáveis pela mais desastrosa administração da cidade.

Mesmo sendo impopular na cidade que governa, amorfo em relação às ideias e aos projetos, além de ter uma trajetória política pífia, Kassab está montando um partido nacional com um contingente razoável de políticos querendo entrar nessa legenda. Será que esses seus prováveis correligionários não percebem que se juntarão a uma liderança tão vazia de conteúdo e pouco promissora em termos de votos?

Aqui entra a resposta para essa charada: o prefeito Kassab é apenas o construtor de uma ponte para os interesses de alguns grupos políticos. Mais especificamente, de dois tipos.

Um deles é formado pelos oposicionistas que não aguentam mais o estilo radical de se contrapor à presidente Dilma. Eles precisam, em maior ou menor medida, apoiar e receber ajuda do governo federal. Uns de uma forma mais direta e material, enquanto outros desejam pelo menos não serem prejudicados, especialmente em suas bases locais. Além destes, há aqueles que torcem pela existência de mais uma força orbitando pelo governismo, para contrabalançar o poder da dupla PT-PMDB.

A resposta à pergunta inicial traz outra: o que será de Kassab depois de pavimentar o caminho adesista ou servir de espantalho na luta pela hegemonia no governismo? Pelo que demonstrou até agora, talvez ele esteja dando seu último suspiro de protagonismo. Afinal, para ser JK é preciso ter história, ideias e votos. ♦

O prefeito Kassab é apenas o construtor de uma ponte para os interesses de outros grupos políticos



NA PRÓXIMA SEMANA:

Guilherme Fiuza

Os zen dias de Dilma

A meditação fez da presidente uma pessoa mais tranquila. Até aqui foi fácil. O primeiro grande teste virá agora, com a viagem à colossal e agressiva China

Murilo Ramos e Daniela Cornachione

Sempre que encontra tempo, a presidente Dilma Rousseff senta-se confortavelmente, cruza as pernas, alinha os braços, fecha os olhos e, compenetrada, respira por 20 minutos. Desde que descobriu um câncer linfático, há dois anos, Dilma se tornou adepta da meditação transcendental, técnica milenar que proporciona relaxamento e aumenta o bem-estar. Esse tipo de meditação surgiu na Índia, mas se popularizou na China. Se não a levou ao nirvana, a arte da meditação ao menos ajudou Dilma a superar o câncer – e a suavizar sua índole carbonária. O espírito de Dilma se desarmou, e assim diminuíram gradativamente as broncas histéricas que a tornaram temida em toda a Esplanada dos Ministérios – alguns assessores do governo chegaram a pedir demissão em virtude desses pitos.

A Dilma que fez campanha era disciplinada e obsequiosa. Deu certo. A Dilma que tomou posse era sóbria e equilibrada. Deu mais certo ainda. A Dilma que agora completa 100 dias de governo, então, parece a própria personificação do ideal budista: serena sem parecer alheia, segura sem denotar arrogância. Está dando certo, mas seria difícil dar errado – ainda não surgiram as encrencas políticas que todo presidente, geralmente mais cedo do que tarde, é forçado a resolver. O verdadeiro teste para a postura equilibrada e sensata dessa nova Dilma, portanto, virá quando aparecer a primeira dessas encrencas. Como ainda fal-

tam 1.360 dias para acabar seu governo, a presidente certamente precisará de toda a meditação possível.

Descobriu-se essa Dilma centrada no pouco que ela disse e, em especial, no muito que ela não disse. Até agora, a presidente não defendeu aliados flagrados em casos irretorquíveis de corrupção nem reduziu complexos problemas do país a metáforas simplistas, procedimentos comuns no manual político de seu antecessor. Em três meses de governo, Dilma falou – e agiu – somente quando julgou necessário. De chofre, diminuiu os espaços de fisiologismo no governo, reduzindo, um pouco que seja, as nomeações de apaniguados do PMDB para cargos endinheirados em ministérios e estatais. Fez isso sem dizer palavra. Em seguida, determinou um corte nos investimentos do governo, de modo a pôr freio à gastança que ameaça cada vez mais as contas públicas. É duvidoso que a tesoura corte fundo, mas se reconheça que o compromisso está feito. Nas poucas vezes em que recorreu às palavras, Dilma procedeu à altura do cargo. Como na semana passada,

quando pediu um minuto de silêncio em homenagem às crianças assassinadas numa escola do Rio de Janeiro.

Foi também pela retórica de estadista que a presidente surpreendeu os que enxergavam nela apenas uma títere de Lula. Em dezembro do ano passado, depois de ser eleita, Dilma afirmou não ter concordado com a abstenção do Brasil na votação que questionava o Irã por violação dos direitos humanos. Em entrevista ao jornal *The Washington Post*, afirmou: “Não apoio o apedrejamento (*de mulheres*). Não estou de acordo com práticas que têm características medievais. Não há nuances possíveis, não farei quaisquer concessões a esse respeito”. Dilma se referia a Sakineh Ashtiani, condenada por ter, supostamente, participado do assassinato do marido. Em março, sob a batuta de Dilma, a diplomacia brasileira mudou de linha. Ajudou a aprovar resolução da ONU para investigar possível desrespeito aos direitos humanos no Irã. As duras palavras da presidente romperam a relação constrangedoramente amistosa que o Brasil de Lula mantinha com os autocráticos aiatolás iranianos.

Um gesto que sinalizou o equilíbrio e a sensatez da nova Dilma. Por meio dele, percebeu-se a principal diferença entre o governo de Dilma e o de Lula: a relação com os outros países. Mudou a política externa do Brasil. Discretamente, abandonou-se o discurso ideológico que pregava a ►

A presidente leva para a China 300 empresários – e uma nova visão para a política externa brasileira



aproximação com regimes de esquerda, independentemente de seus compromissos com valores democráticos – como a aliança de irmãos com a Venezuela de Hugo Chávez ou a defesa de ditadores como o líbio Muammar Khadafi. Marco Aurélio Garcia, antes chanceler informal do governo, foi esquecido em algum gabinete de Brasília. O Itamaraty recuperou sua tradição de diplomacia parcimoniosa, que busca promover uma agenda adequada ao tamanho do Brasil – nem grandiloquente nem modesta.

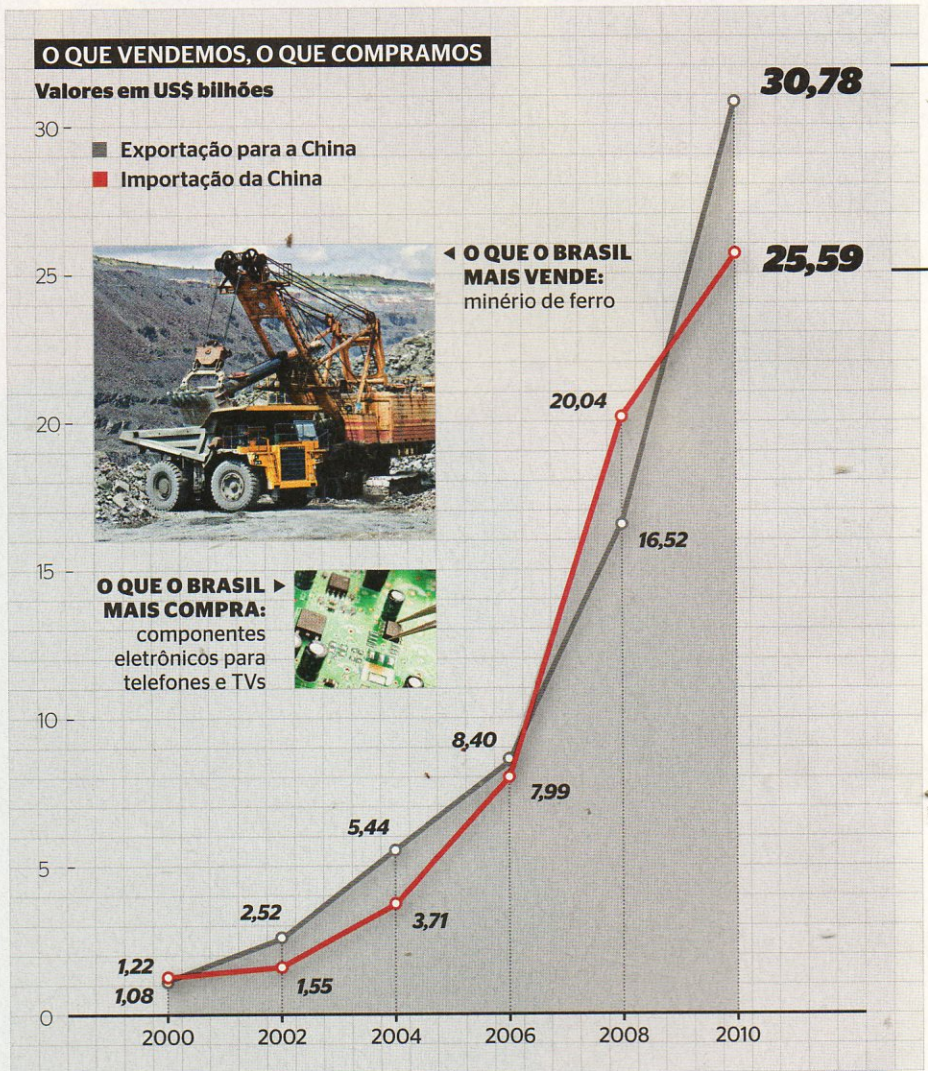
É, portanto, uma presidente sóbria e um serviço diplomático modulado a ela que desembarcam na China nesta semana, ao lado de uma comitiva com 300 empresários, para uma visita ao colosso que está conquistando agressivamente a economia mundial – e a do Brasil não é exceção. Será o primeiro grande teste da presidente no plano internacional. Para além do significado geopolítico, a viagem terá objetivos sobretudo econômicos. Os diplomatas avisam: que ninguém espere menções, mesmo que sutis, às constantes violações de direitos humanos promovidas pelo regime de Pequim. O Itamaraty aconselha que Dilma seja “pragmática” – o que significa falar apenas de economia. O desafio dela será negociar acordos bilaterais para suavizar a desigualdade nas relações comerciais entre os dois países. Hoje, a invasão de produtos chineses no mercado brasileiro ameaça milhares de empregos. Além de tentar conter esse avanço, Dilma buscará incentivar exportações para um país que tem 1,3 bilhão de habitantes e puxa o crescimento da economia mundial.

Dilma e o Itamaraty ainda não têm uma estratégia para lidar com a força da economia chinesa. Mas, ao menos, já sabem o que não fazer: repetir a política do governo Lula para a China. Em 2001, como presidente de honra do Partido dos Trabalhadores, Lula visitou a China a convite do Partido Comunista Chinês. Encantou-se com a recepção calorosa e com o modelo econômico que começou a ser implantado na China no final da década de 1970 por Deng Xiaoping, uma combinação entre a mão forte do Estado socialista na forma de governar e o espírito capitalista de fazer negócios – inclusive com a abertura gradativa à iniciativa privada nacional e estrangeira. Um modelo batizado de “socialismo à chinesa”.

A simpatia de Lula pela China interferiu na política brasileira para o país. Lula acreditava ter encontrado um parceiro estratégico, o contraponto comercial e político aos Estados Unidos. Em 2004, viajou para a

Viramos especia

A China compra muito do Brasil, mas de pouca coisa. E vende do Brasil pareçam bons, eles criam mais tecnologia e



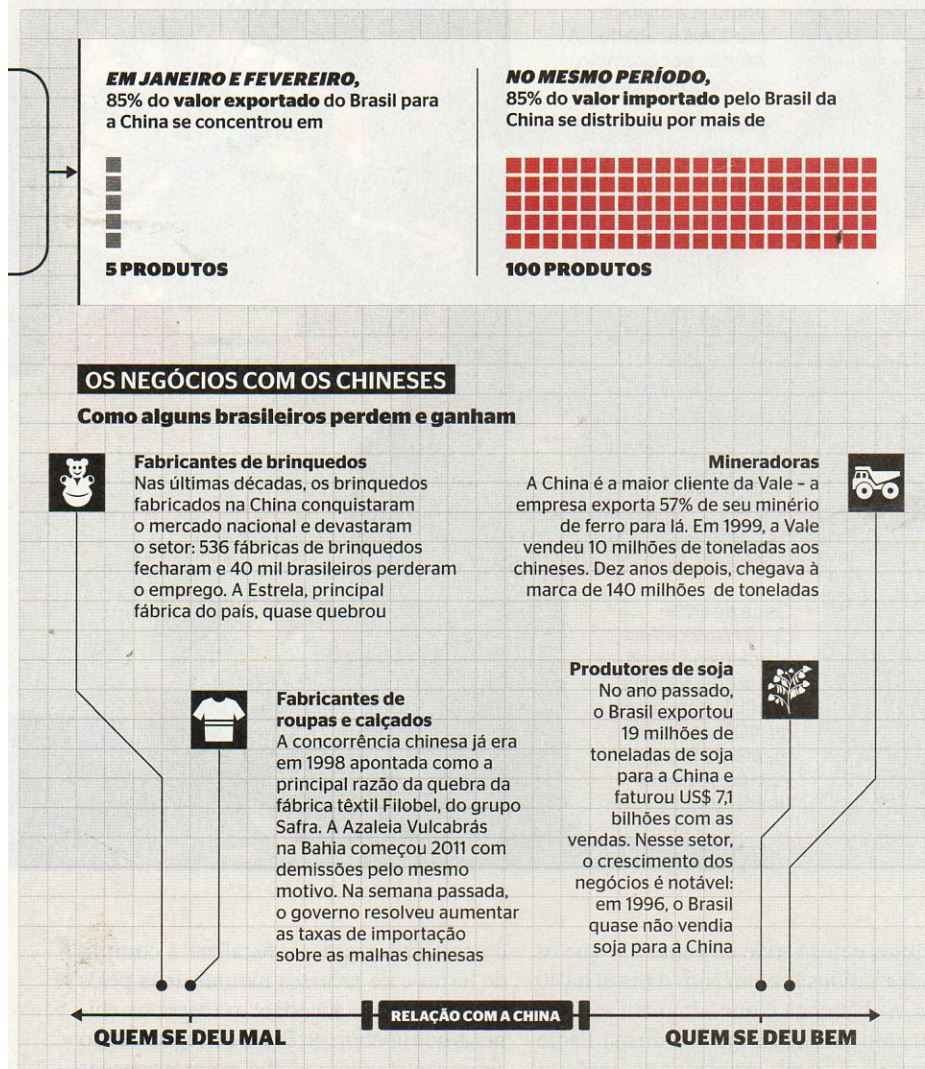
Dilma não deve cumprir a promessa de Lula de conferir à China o status de economia de mercado

China com uma comitiva de 400 empresários. Era o prenúncio de um estreitamento nas relações entre os dois países. O auge da cordialidade ocorreu no final daquele ano. Após encontro em Brasília, o presidente chinês, Hu Jintao, disse que Lula prometera reconhecer a China como economia de mercado. “Essa postura vai criar condições para uma relação estratégica muito mais rica”, afirmou. Lula endossou as palavras de Jintao. Disse que o reconhecimento da China como economia de mercado seria a “demonstração mais inequívoca da objetividade, da seriedade e da prioridade que damos à relação Brasil-China”.

Essa empolgação passou. A diferença

listas. Sem querer

de tudo. Como resultado, embora os números de exportação abrem mais possibilidades de negócios para o futuro



mais nítida na política externa do governo Dilma para a China, em comparação à do governo Lula, está na promessa de reconhecer o país como economia de mercado. Dilma não deve tomar medidas concretas para consolidá-la. É um recuo importante em relação à festiva ação de 2004. “Dilma está sendo mais calculista que Lula nesse ponto”, afirma o professor aposentado de relações internacionais da USP José Augusto Guilhon. “Lula foi ao limite da irresponsabilidade com esse ato.” Reconhecer a China como economia de mercado significaria abrir mão do direito de impor unilateralmente barreiras a produtos chineses. Seria renunciar a uma arma importante nas re-

lações com um país conhecido pelo uso de táticas desleais no comércio internacional. A China é acusada de dumping, a prática que consiste em vender, no exterior, produtos a preços mais baixos que os cobrados em seu próprio país – para eliminar concorrentes pelo preço baixo e, depois, manipular o preço das mercadorias.

Com a atitude de Lula, o Brasil transferriria à Organização Mundial do Comércio (OMC) a prerrogativa de punir os chineses ou coibir importações danosas à indústria brasileira. Lula imaginou que a China ofereceria contrapartidas de mesmo peso. A mais importante seria o apoio ao pleito brasileiro de ocupar um assento perma-

nente no Conselho de Segurança da ONU. O governo chinês se mostrava simpático à pretensão brasileira de se juntar ao grupo formado por Estados Unidos, Reino Unido, França, Rússia e a própria China. Era retórica vazia. Ninguém que conhece os chineses acredita que eles cumpririam essa promessa. A possível chegada de neófitos ao Conselho melindrou a China por um simples motivo: o risco do ingresso de um rival antigo, o Japão. “A China pode até dizer que sim. Mas não quer a ampliação do Conselho de Segurança”, afirma Fábio Albergaria, especialista em relações internacionais da Universidade de Brasília (UnB). “Se isso acontecer, no entanto, o nome do Brasil surgirá naturalmente. O governo brasileiro não precisa implorar por apoio.”

A China também não correspondeu no campo comercial. O governo brasileiro esperava que deslanchasse a parceria entre a Embraer e uma estatal chinesa. Havia a expectativa de que a fábrica, instalada na cidade de Harbin, se transformasse num símbolo da união entre os dois países. O entusiasmo minguou, e os negócios deram prejuízo. Surgiram desconfianças de que os chineses se apropriaram indevidamente de tecnologia brasileira. O governo chinês fez o que qualquer governo faria: jogou a culpa na Embraer. No ano passado, o governo Lula saiu em socorro da empresa brasileira. Mas Pequim ignorou os apelos brasileiros. As rusgas viraram crise há duas semanas, quando os chineses anunciaram uma parceria com a canadense Bombardier, a maior rival da Embraer. O plano é construir aviões grandes, que, fatalmente, disputarão mercado com as aeronaves brasileiras.

Na viagem de Dilma, o Itamaraty vai propor um acordo que garanta à Embraer a fabricação de jatos executivos – operação que não entraria em conflito com a entrada da Bombardier no mercado chinês. O Palácio do Planalto avalia que, se arrancar uma solução para o caso nesta semana, a missão será exitosa. Outras prioridades comerciais passam por acordos que permitam mais vantagens ao Brasil na exportação de produtos que atendam às necessidades dos chineses, como a carne suína. Haverá, ainda, a tentativa de reforçar uma parceria para o lançamento de dois novos satélites de observação da Terra nos próximos anos.

Para equilibrar a relação comercial entre os dois países, será imprescindível aumentar o valor das mercadorias exportadas aos chineses. Desde 2003, a China superou os Estados Unidos como o maior destino de ►

A fábrica do mundo

Um quinto do que o mundo consome é feito na China, de bugigangas a equipamentos de alta tecnologia

Roupas, sapatos e itens de couro

são setores que hoje dependem da China. Quase todas as empresas importam de lá pelo menos matéria-prima; e a maioria, produtos acabados. A Arezzo, por exemplo, vende bolsas chinesas

Atualmente, todas as grandes empresas de aparelhos **eletrônicos** usam componentes chineses em seus produtos. A fabricante chinesa Foxconn atende marcas como Apple, HP, Sony e Dell

Cerca de 60% dos **brinquedos** vendidos no Brasil são produzidos na China. No ano passado, 40% do faturamento da Estrela veio de produtos "made in China"

exportações brasileiras. O saldo comercial entre os dois países é de US\$ 5 bilhões para o Brasil. Mas é um resultado frágil, por se sustentar na venda de matérias-primas como soja, minério de ferro e petróleo. A balança pende para o lado brasileiro em razão da alta nos preços desses itens nos últimos anos. Enquanto isso, os chineses exportam para o Brasil cada vez mais produtos sofisticados, como turbinas para usinas hidrelétricas, elevadores, guindastes, motoniveladoras e automóveis. Há tempos a China deixou de ser aquele país que inunda camelôs brasileiros com quinquilharias. Se os preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil tiverem uma baixa significativa – ou se a China diminuir o ritmo de suas compras –, a conta comercial brasileira será de um vermelho estonteante. Estudos revelam que o *deficit* comercial brasileiro, excluídos os produtos primários, supera US\$ 30 bilhões. “A China está nos colonizando. O país compra matéria-prima nossa, a transforma em

produtos e nos vende de volta. É o que os Estados Unidos fizeram com o Brasil há 40 anos. A diferença é que ninguém está reclamando do mesmo jeito”, afirma Paulo Roberto Feldmann, professor de negócios internacionais da USP e estudioso da relação do Brasil com a China.

Sem reclamar, a comitiva brasileira levará na bagagem um relatório preparado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, o Ipea, sobre a relação bilateral. Nele, os estudiosos do governo apontam sugestões para que o país contorne o protecionismo chinês à entrada de empresas brasileiras no mercado. Segundo os economistas do Ipea,

Se arrancar uma solução para a crise da Embraer na China, o governo já vai se considerar vitorioso

é necessário regular e fiscalizar a compra de terras e de recursos naturais feita pelos chineses. Outra sugestão: as empresas chinesas que operam no Brasil no segmento do agronegócio não poderão exportar apenas soja em grãos. Deverão contribuir para a exportação dos produtos industrializados dessa cadeia produtiva. O presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Robson Andrade, também está estudando o assunto. Ele diz que, para reduzir a assimetria, o governo brasileiro precisa aumentar o controle sobre os produtos chineses. Seria necessário reforçar a fiscalização para evitar contrabandos, verificar se a qualidade dos produtos chineses está em sintonia com as especificações técnicas exigidas das empresas brasileiras e se os preços não estão subfaturados. “Sem falar na melhoria da competitividade de nossas empresas. Sem isso, podemos fazer pouco”, afirma Andrade.

Informações do Banco Mundial dão a exata noção da diferença de fazer negócios

A maior empresa de **telecomunicações** da China, a ZTE, vende no Brasil de celulares a cabos telefônicos e equipamentos de grande porte. Trabalha em parceria com empresas como a Vivo e a Brasil Telecom

A China é o maior fornecedor de produtos de **plástico** ao Brasil. No ano passado, importamos de lá 168.000 toneladas, mais de um quarto de tudo o que compramos no mundo todo

no Brasil e na China. Na China um empresário abre uma empresa em 38 dias. No Brasil, em 120. O custo para exportar um contêiner num porto chinês é de US\$ 500. No Brasil, supera os US\$ 1.750. É importante frisar que a China não é uma democracia. Por isso, os desígnios do governante de plantão são cumpridos rapidamente. Não há contestações de Tribunais de Conta ou do Ministério Público, instituições fundamentais numa democracia. Nem preocupações com o respeito ao meio ambiente ou à qualidade de vida do trabalhador. "Os países têm diferenças culturais que precisam ser entendidas. O empresário brasileiro busca resultados a curto prazo. Os chineses pensam a longo prazo", diz Marcelo Zorovich, professor do curso de relações internacionais da ESPM. Dilma talvez precise, portanto, ensinar a arte da meditação aos ansiosos empresários brasileiros. ♦

Com Leandro Loyola

CHINA

A ilha da fantasia da Paz Celestial

O Museu Nacional da China reabre após dez anos de reforma para exibir uma versão oficial - e anódina - de 5 mil anos de civilização

A China é um paraíso de harmonia entre os povos. Seus 5 mil anos são uma história de congraçamento entre as 56 etnias do mosaico de 1,3 bilhão de chineses. Jamais houve conflito entre a maioria han, os mongóis, tibetanos e muçulmanos. A razão dessa paz celestial é óbvia, ensinase no novíssimo Museu Nacional da China, em Pequim. Os povos formadores da China desejavam realizar o destino inevitável da nação: construir o socialismo. Quem acha a história acima um devaneio psicótico não é membro do Partido Comunista Chinês. No mundo real, a China foi forjada por guerras até ser unificada pelo primeiro imperador, em 221 a.C. Os mongóis são invasores que dominaram a China no século XIII. Em 1950, após Mao Tsé-tung tomar o poder, ele anexou o Tibete e lançou o Grande Salto à Frente, um conjunto de reformas coletivizantes que matou 20 milhões por inanição. Em 1966, a Revolução Cultural foi uma caça às bruxas que aniquilou a intelectualidade. Em 1989, 3 mil estudantes foram massacrados na Praça da Paz Celestial, onde fica o museu, que reabre nesta semana após uma reforma de dez anos e US\$ 400 milhões.

O objetivo do Partido Comunista era construir o maior museu do mundo e desbancar o Metropolitan de Nova York e o British Museum de Londres. No quesito tamanho, o objetivo foi alcançado. O museu

tem 1 milhão de objetos em 49 salas. A área de 185.000 metros quadrados (ou 18 quadras) supera os 130.000 metros quadrados do segundo colocado, o Hermitage, de São Petersburgo.

As obras se iniciaram em 2001 e deveriam acabar em 2007. A razão do atraso foi política. Todas as arestas ideológicas da exposição tiveram de ser aparadas pelo partido, que queria mostrar aos chineses sua versão oficial da história. O museu é dividido em duas mostras. Em *A China Antiga*, passeia-se por salas com milhares de objetos de laca, joias e obras de arte, relíquias desconectadas do contexto histórico em que foram produzidas. A exibição *A estrada do rejuvenescimento* inicia-se em 1839, na Guerra do Ópio, com a China humilhada pelas potências ocidentais. É uma versão anódina da marcha ao socialismo. Serve para salientar os feitos tecnológicos do regime, como o programa espacial. Os curadores reconhecem que no início do comunismo houve sobressaltos, sem entrar em detalhes. A única menção à Revolução Cultural é uma foto. O museu "ignora os conflitos, o que uma mostra histórica não deveria fazer. Não é um museu, é propaganda", disse, sob a proteção do anonimato, um arqueólogo da Universidade de Pequim ao jornal *The New York Times*. ♦

Peter Moon



PROPAGANDA
O novo museu de Pequim festeja a conquista chinesa do espaço e ignora os reveses do comunismo

ENTREVISTA

Itamar Franco

“Os senadores votam sem saber”

De volta ao Congresso, o ex-presidente cobra mais independência, estudo e trabalho dos colegas



Eumano Silva e Andrei Meireles

A MESA DE TRABALHO DO senador Itamar Franco (PPS-MG) fica de frente para o Palácio do Planalto. Pouco mais de 100 metros separam o atual gabinete de Itamar da ampla sala onde trabalhou quando foi presidente da República. As cortinas escancaradas e a parede de vidro deixam a sensação de que se pode acompanhar o que se passa na sede do governo federal. De volta ao Congresso depois de 21 anos, Itamar iniciou o terceiro mandato empenhado em apontar mazelas no Executivo e no Legislativo. Faz um tipo de oposição bastante peculiar. Com grande conhecimento do regimento do Senado, ele critica com frequência a tramitação de propostas de interesse do governo, aponta falhas na condução dos trabalhos pelo presidente do Senado, José Sarney, e cobra mais estudo e dedicação dos colegas. Na prática, age no plenário como um bedel, designação para funcionários que fiscalizam o comportamento dos estudantes nas escolas. Itamar também critica a oposição. “Desde a eleição de Dilma, a oposição brasileira está com a bússola descompensada, não tem um norte.”

QUEM É

Itamar Franco, 81 anos, é engenheiro civil e senador pelo terceiro mandato. Foi prefeito de Juiz de Fora, governador de Minas Gerais, vice-presidente e presidente da República

O QUE FEZ

Como presidente da República, aprovou o Plano Real, elaborado pelo Ministério da Fazenda. Como governador, ele decretou a moratória do Estado e retomou o controle público das Centrais Elétricas de Minas Gerais (Cemig)

ÉPOCA - O que mudou no Senado desde seu último mandato como senador há mais de 20 anos?

Itamar Franco - Eu vou diminuir os adjetivos, senão eles me expulsam (*ri-sos*). Quando eu cheguei aqui em 1974, bem moço, o senador Montoro (*Franco Montoro, senador paulista*) dizia: "Quem for para o plenário, quem for para as comissões tem de estudar". Então, a gente tinha de estudar a matéria que estava na ordem do dia. Hoje, ninguém estuda.

ÉPOCA - Qual é a consequência disso?

Itamar - As discussões perdem consistência. Há falta de memória. Não há mais grandes debates no plenário. Muitas vezes se vota sem saber em que realmente está se votando. Há medidas provisórias sendo aprovadas sem um exame mais profundo. O que impede, por exemplo, a aprovação dos famosos contrabandos? O processo legislativo piorou...

ÉPOCA - O senhor foi senador durante o regime militar. Naquela ocasião, era melhor ser senador?

Itamar - Por incrível que pareça, no regime militar, quando podíamos ser cassados a qualquer momento, nós tínhamos muito mais liberdade legislativa do que temos hoje. O regimento do Senado Federal é um regimento totalitário, o que não era durante o regime militar. Vou dar exemplos práticos. Por esse regimento, eu, um senador de Minas Gerais, não posso fazer parte de nenhuma comissão porque o Senado resolveu fazer uma continha aritmética muito vagabunda: como sou apenas eu em meu partido, não posso fazer parte de nenhuma comissão. Isso infringe totalmente a Constituição.

ÉPOCA - Como o senhor se sentiu no primeiro dia deste novo mandato?

Itamar - Quando eu me sentei no plenário, senti uma tristeza muito grande porque me recordei das pessoas que se sentavam ao meu lado quando cheguei aqui pela primeira vez. A oposição era um grande grupamento. Havia nomes como Franco Montoro, Paulo Brossard, Nelson Carneiro, Saturnino Braga, Marcos Freire, Orestes Quêrcia e tantos outros. Era uma oposição combativa, que não tinha medo de ser cassada. Do lado de lá, havia gente também qualificada, como Jarbas Passarinho,

Petrônio Portela e Virgílio Távora. Todos se preparavam para os embates, foi uma época de grandes debates.

ÉPOCA - Como é ser hoje um senador de oposição?

Itamar - Muito difícil. Primeiro, porque a oposição ainda não se organizou no Senado. Segundo, a maioria do governo é massacrante. Dos 81 senadores, talvez a oposição não tenha 20 votos. Mas, mesmo a oposição sendo difícil, ela não pode se calar. Mesmo que tenha duas, três pessoas, é importante falar. Desde as eleições, a oposição brasileira, com todo o respeito, está com a bússola descompensada, não tem um norte, não sabe se o leste fica para lá ou para cá. Como a maioria do governo é maciça, a oposição tem de se juntar, trabalhar mais.

“POR INCRÍVEL QUE PAREÇA, NO REGIME MILITAR NÓS TÍNHAMOS MUITO MAIS LIBERDADE LEGISLATIVA DO QUE TEMOS HOJE”

ÉPOCA - Nem o discurso de estreia do senador Aécio Neves (PSDB-MG) deu um rumo para a oposição?

Itamar - Acho que ele começou a mostrar os caminhos que a oposição precisa seguir. Só espero que o norte do Aécio seja em torno dos interesses nacionais, e não pessoais. Ele tem tudo para liderar a oposição e, na continuidade do discurso, deve fazer uma defesa intransigente do Congresso Nacional.

ÉPOCA - Com tantos escândalos, como fazer a defesa do Congresso Nacional?

Itamar - Temos de reduzir a promiscuidade entre o Legislativo e o Executivo. É daí que vêm os maiores escândalos. De-

veríamos seguir o exemplo americano. Quem foi eleito senador ou deputado federal deve ser proibido de ocupar cargos no Executivo. Isso não vai acabar com o vínculo umbilical entre os poderes, mas pode reduzir a barganha por cargos.

ÉPOCA - Além dessa proibição, o que o senhor considera importante numa reforma política?

Itamar - Dar mais liberdade ao eleitor. Defendo o fim do voto obrigatório e a possibilidade de candidaturas avulsas. Em alguns países, como os Estados Unidos, têm candidaturas avulsas até para presidente da República. Com essas mudanças, começamos a mudar a mentalidade do país.

ÉPOCA - O Congresso vai mesmo aprovar uma reforma política?

Itamar - Não. Ninguém aqui vai aprovar uma reforma que atrapalhe a si próprio. Só os que se elegeram com voto de opinião. Com os outros não adianta a presidente pedir, líder pedir, ninguém vota contra seus interesses. O vice-presidente da República (*Michel Temer*) esteve aqui um dia desses, na instalação da comissão da reforma política, e disse uma coisa preocupante. Ele disse que, se amanhã essa reforma não sair, não é culpa do Congresso. Mas, se não é do Congresso, que tem o poder de aprová-la, é culpa de quem então?

ÉPOCA - É possível governar sem loteamento de cargos e sem aceitar práticas como o escândalo do mensalão?

Itamar - Nem sempre foi assim. Quando assinei a ficha do PMDB, em 1980, nós não pedíamos cargos, essa deformação política veio depois de certo tempo. Inclusive o PMDB de hoje não tem nada a ver com o PMDB do passado. Hoje, só a presidente pode barrar o aspecto guloso dos partidos políticos.

ÉPOCA - E o que ela pode fazer?

Itamar - Infelizmente, não muito. Ela teria de mudar a Constituição para acabar com a nomeação de parlamentares para o governo. Não vai conseguir. Não adianta também mudar as leis. Você pode ter a lei que quiser, a instituição que quiser, se o caráter do parlamentar for deformado, ele sempre vai fazer coisas contrárias ao interesse nacional. ◆

A Vale nas mãos do governo

Dilma conseguiu impor um novo presidente à segunda maior empresa do Brasil. Para o país, isso traz riscos ainda maiores que para a própria companhia

Leonardo Souza e Marcos Coronato

Nem o mais otimista fã da presidente Dilma Rousseff se arriscaria a dizer que o governo brasileiro tem poucos problemas a resolver. Uma administração estreante, ainda contando com a boa vontade da população e do Congresso, faria bem se concentrasse suas energias em simplificar o sistema de impostos, facilitar a abertura de pequenas empresas ou incentivar o investimento em portos e aeroportos, para ficar só em alguns exemplos. Mas uma das primeiras demonstrações de força dadas pela presidente foi interferir na condução de uma empresa privada e bem-sucedida, a mineradora Vale.

A interferência alcançou seu objetivo – o executivo Roger Agnelli, que dirigia a Vale desde 2001, foi removido do cargo de diretor presidente. Ele será substituído, em 22 de maio, por Murilo Ferreira, um nome do agrado da presidente da República. Em princípio, a saída de Agnelli não representaria um grande problema. Ele alcançou resultados financeiros notáveis – e a maioria dos dirigentes de grandes empresas no Brasil não chega a ocupar o cargo por uma década. Também se espera que uma organização do porte da Vale sobreviva saudável aos indivíduos que por ela passam. “O importante é que essas trocas respeitem o ciclo que as empresas vivem. O Agnelli mostrou ter perfil adequado para fazer a Vale crescer”, diz a consultora Betânia Tanure.

Tampouco haveria problema na entrega do cargo a Ferreira, um executivo experiente no setor de mineração, considerado competente pelo mercado. Ele tem 58 anos de idade, 30 dedicados ao

As armadilhas no caminho de Ferreira

A Vale tem ótimas perspectivas de crescer e lucrar ainda mais que os R\$ 30 bilhões do ano passado. Mas o novo presidente terá de lidar com vários obstáculos

■ O governo quer que a Vale desvie parte dos investimentos em mineração no Brasil e no exterior (um ótimo negócio, em que há poucos concorrentes e muita demanda) para investir mais em siderurgia (um negócio em que já há excesso de oferta global)

■ O governo federal cobra da Vale R\$ 4 bilhões em royalties (licença de uso de um recurso natural), como compensação às prefeituras onde a empresa atua. A mineradora vinha admitindo pagar R\$ 2 bilhões

■ No fim de março, a Justiça deu razão à Receita Federal na cobrança de R\$ 25 bilhões da Vale, referentes a imposto sobre receita em negócios no exterior. A Vale contesta a cobrança desde 2003 e pretende recorrer

■ O governo federal terá, nos próximos anos, mais ideias do que recursos para investir em setores diversos, como fertilizantes, ferrovias, portos e energia. E já mostrou disposição de pressionar a empresa a colaborar com seus planos

ramo, e dirigiu importantes operações da própria Vale, como a subsidiária de alumínio Aluvalle e o braço explorador de níquel no Canadá, a Inco. Ferreira deixou a Inco em 2008. Apesar de ter ajudado a criar um clima de confronto entre o grupo brasileiro e os operários canadenses, por promover cortes de benefícios durante sua gestão – a briga resultou numa greve de quase um ano, entre 2009 e 2010 –, ele chegará ao comando da companhia com fama de conciliador e de ser mais hábil para formar equipes e cultivar um bom clima de trabalho que Agnelli, mais agressivo na busca de resultados. A comparação entre as qualidades dos executivos, porém, perde importância diante da forma desastrosa como o governo conduziu a troca.

A Vale não é mais uma companhia estatal há 14 anos. Com a privatização, ela deixou de ser um instrumento da vontade governamental e passou a ser uma organização que se move em busca de lucro para seus milhões de acionistas. Suas obrigações para com a sociedade são respeitar as leis e pagar impostos. Praticamente todo cidadão que aplique em fundos de investimento que incluam renda variável teve, tem ou terá parte de seu dinheiro atrelado aos interesses da Vale. Nos últimos dez anos, com a empresa sob o comando de Agnelli, isso foi ótimo negócio: o valor das ações se multiplicou quase por 16. Ela cresceu de 11 mil funcionários, na época da privatização, para 119 mil atualmente. A estratégia para manter o crescimento, nos últimos anos, foi explorar grandes jazidas minerais e vender matéria-prima,



NOVA DIREÇÃO

Murilo Ferreira saiu da Vale em 2008 e volta como diretor presidente. Ele terá de mostrar que zela pela companhia, e não pelos interesses do governo

principalmente minério de ferro para a China. O governo federal poderia ter se manifestado nas assembleias de acionistas contra essa estratégia e a permanência de Agnelli, com certeza de ser ouvido, já que detém 60% da Valepar, entidade que controla a companhia. Mas, em vez de argumentar com seus sócios, preferiu desgastar Agnelli publicamente e dirigir críticas populistas à companhia. O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva iniciou a temporada de ataques em 2009, quando passou a afirmar que a Vale deveria investir mais no Brasil e exportar aço em vez de minério de ferro. As afirmações ignoravam que há uma corrida

internacional rumo às grandes jazidas minerais, onde quer que estejam, e que já há superprodução de aço no mundo.

A presidente Dilma assumiu a tarefa de onde Lula parou. Na etapa final da operação de remoção de Agnelli do cargo, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, foi despachado para a Cidade de Deus, em Osasco, São Paulo, para informar ao Bradesco – principal dos sócios privados da mineradora – que o Palácio do Planalto trocaria o comando da companhia. Lázaro Brandão, fundador e presidente do Conselho de Administração do banco, concordou em tratar da substituição de Agnelli. Brandão teve uma tensa conversa por telefone com Agnelli, para informá-lo: estava só. A adesão do Bradesco à operação criou a expectativa de que o nome do novo diretor presidente seria negociado. O banco e Agnelli queriam Tito Martins, atual presidente da Inco e executivo do grupo desde 1985. Mesmo integrantes do governo, ouvidos por *ÉPOCA* duas semanas atrás, davam como certo que Martins seria o sucessor de Agnelli. Na última segunda-feira, o mercado, o Bradesco e até parte do governo foram surpreendidos com o anúncio de outro nome – resultado da interferência direta de Dilma. A presidente quis Ferreira, que conheceu quando era ministra de Minas e Energia.

O mercado financeiro reagiu com alívio. Depois da valorização de mais de 17% no ano passado, as ações da Vale entraram em queda em 2011, por causa do suspense com relação ao futuro de Agnelli, da companhia e de uma sequência de notícias ruins – duas grandes cobranças de impostos que ainda atormentarão Ferreira no futuro (*leia no quadro ao lado*). Em março, os papéis caíram 4%. Na semana após o anúncio de Ferreira, subiram 2%. “O mercado não mostrou rejeição ao nome do Murilo”, diz Pedro Galdi, analista-chefe da corretora SLW. “Mas ele vai ter de mostrar o jogo de cintura que o Agnelli não teve para convencer o governo que siderurgia não é bom negócio para a Vale.” ♦

Luiz Maklouf Carvalho

Brizolinha era o apelido do geólogo gaúcho Giles Carriconde Azevedo nos tempos em que o PDT sonhava que o bom e velho Leonel pudesse chegar ao Palácio do Planalto. Ele morreu há sete anos, sem chances reais de chegar lá. Mas Brizolinha chegou. Sem o apelido e sem o D na legenda, ele é o chefe do gabinete pessoal da presidente da República, Dilma Vana Rousseff. Vem a ser, como se sabe, o primeiro escalão de retaguarda do mais alto cargo. Cuida, segundo a lei, da agenda, da secretaria particular, do cerimonial, da ajudância de ordens e da organização do acervo documental privado do presidente. Não é pouca maré— ainda mais com uma presidente que quer tudo a tempo e a hora —, mas o quase ministro Azevedo vem remando, a quatro braços.

Azevedo está para Dilma como o hoje secretário-geral da Presidência, Gilberto Carvalho, estava para Lula. “O chefe do gabinete pessoal é o cara que mais leva bronca do presidente”, disse o ministro Carvalho. “A vida dele não é fácil, como não era a minha.” A diferença é que Carvalho e Lula já tomaram cachaça juntos, o que lhe dava momentos de maior liberdade e informalidade. Até mandar o presidente Lula para aquele lugar ele mandou, uma ou duas vezes, que ninguém é de ferro. “O Lula explodia mais do que a presidente Dilma, mas logo dava risada”, disse. A relação entre Azevedo e a presidente, embora antiga, é muito mais formal. Muito contido, e de poucas palavras, Azevedo não gosta de dar entrevistas. No organograma do gabinete pessoal, o geólogo administra uma equipe de 108 cargos de confiança. A um salário médio de R\$ 7 mil, os 108 custam R\$ 756 mil por mês ou R\$ 9 milhões por ano. Vezes quatro, são R\$ 36 milhões.

Seu chefe de gabinete é o também expeditista Álvaro Henrique Baggio, egresso da Casa Civil, como boa parte da equipe. Os dois são da cota Dilma. Da cota Lula, continua Marco Aurélio Garcia. No governo anterior seu título era assessor especial

da Presidência para assuntos internacionais. Neste, ele tem dito que a presidente lhe disse que continua com a mesma responsabilidade. Mas não se sente mais tão à vontade. Entre a dúzia de assessores especiais, estão o diplomata Guilherme de Aguiar Patriota, irmão do ministro das Relações Exteriores, Antônio Patriota, e Daisy Aparecida Barretta, ex-chefe de gabinete da Casa Civil desde os tempos do ministro José Dirceu. No gabinete regional da Presidência, em São Paulo, continua a chefe de gabinete Rosemary Nóvoa de Noronha.

Cabe a Azevedo, entre muitas tarefas, levar à presidente, uma vez por semana, uma

proposta de agenda. É ele quem decide sobre os muitos pedidos de audiência — dos ministros, dos lobistas de grandes empresas cujos presidentes querem cumprimentar a dona da casa. Embora a decisão vá ser dela, é um poder considerável. “O gabinete pessoal é um filtro muito importante porque acaba emitindo juízo de valor para o presidente, que ouve, mas pode discordar e muitas vezes discorda”, disse Gilberto Carvalho. “A agenda é uma fonte permanente de confusão.” Gilbertinho, como o ex-presidente Lula o chama, ainda sente saudade do cargo anterior, no qual era muito maior a proximidade com o centro do poder. “Até evito



O fiel escud

Quem é Giles Carriconde Azevedo, o discreto che



O HOMEM DA AGENDA

Giles, num escritório do PT em Brasília, durante a campanha de Dilma à Presidência. Os dois são amigos há duas décadas, desde os tempos em que militavam no PDT

eiro de Dilma

fe do gabinete pessoal da presidente da República

de ir lá, para ir me acostumando, mas a relação com o Giles é cordata e francamente cooperativa”, disse. “A presidente não tinha uma pessoa melhor para esse cargo. Ele é um escudeiro fiel, de confiança absoluta.”

“O Giles é habilidoso, paciente e serve de tranquilizante para a presidente Dilma”, disse, com conhecimento de causa, o professor de história Cláudio Martins. Não como docente, mas como prefeito petista de Jaguarão, no sul do Rio Grande. É a região de Azevedo, que nasceu em Tapes, cresceu em Arroio Grande e casou-se primeiramente com uma médica, cuja mãe, Cecília Piuma Pólvora, hoje sua ex-sogra, foi vice-prefeita

de Jaguarão. Não é de hoje que ele prestigia os contrerrôneos. Já o fazia nos ministérios de Minas e Energia e da Casa Civil, quando a então ministra Rousseff dava uma folga.

Azevedo recebeu Cláudio Martins, em audiência previamente marcada, no primeiro dia de março. Disse a ele, nostalgicamente, que Jaguarão foi o palco de seus melhores carnavais. O prefeito levou candentes questões municipais – a recuperação de pontes, por exemplo. Queria saber se esse e outros projetos seriam afetados pelo anunciado contingenciamento das verbas. O chefe do gabinete particular disse que provavelmente não, que é a mesma coisa que provavel-

mente sim, mas prometeu levar a questão a quem de direito. Martins saiu satisfeito – e a audiência rendeu, a ambos, manchetes e fotos em jornais, sites e blogs da região. “O Giles tem um perfil político dialógico”, disse o prefeito. “Para nós, é uma espécie de embaixador. Ter um chefe de gabinete ligado a nossa região é um grande privilégio.”

Giles Azevedo vai fazer 50 anos neste 12 de abril. Está no segundo casamento, com uma psicóloga, e tem dois gurus pequenos, João e Antônio. “Ele teve filho depois de velho, é pai-avô”, disse, brincando, seu amigo Júlio Chaise, assessor do deputado federal Vieira da Cunha. São ambos do PDT – e é aí que começa a história política do assessor da presidente. Formado em geologia, pela Universidade de Brasília, em 1983, após uma curta passagem por mineradoras privadas, Azevedo voltou a Porto Alegre como geólogo concursado do Departamento Nacional de Produção Mineral, o DNPM. O apelido que lá ganhou – “nosso Brizolinha”, disse Ivam Luis Zanette, presidente da Associação Profissional Sul-Brasileira de Geólogos – mostra que combinou a militância política e o exercício profissional.

No DNPM, trabalhava na área de pesquisa mineral, responsável por relatórios que analisavam a concessão de lavras. Viajava com frequência, inclusive para a Antártica. Mestre em geoquímica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foi professor de prospecção e geologia econômica.

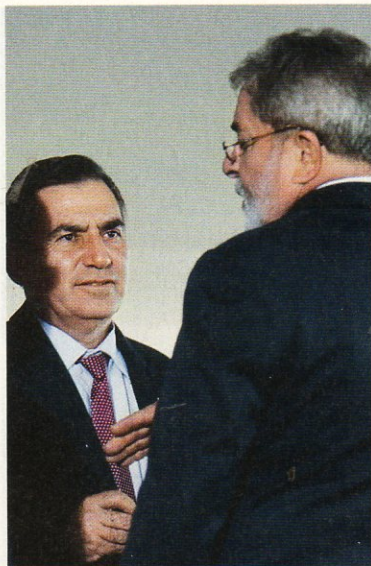
Na política, foi um entusiasmado militante do PDT. Presidiu a Juventude Socialista do partido nos tempos em que isso ainda representava algum perigo. “Nós éramos todos crias do Carlos Araújo”, disse o petetista Carlos De Ré, ex-preso político que hoje dirige o teatro da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Araújo vinha a ser, então, deputado estadual do PDT e marido da hoje presidente Dilma Rousseff, ambos ex-presos políticos engajadíssimos no partido de Leonel Brizola.

O primeiro Poder Executivo da economista Dilma Rousseff foi também o de Azevedo: na prefeitura de Alceu Colares, ela foi secretária da Fazenda; ele, chefe de gabinete. ►

Entrou para o folclore de Azevedo um momento de muita atribulação na antessala de Colares: atrapalhado com tanto telefone tocando ao mesmo tempo, e tanta gente esperando ser atendida, ele levou à orelha uma folha de papel-ofício que a secretária lhe entregara para assinar. “Alô”, disse ao papel, para a gargalhada dos presentes. De Ré foi uma das testemunhas da cena. Ele tem uma explicação para a afinidade entre a presidente e Azevedo: “A Dilma tem um altíssimo padrão de exigência técnica, e o Giles sempre correspondeu. Ele é workaholic, como ela. Se precisar acordar às 2 da madrugada, ele vai”. De Ré já viu Azevedo discordar de Dilma: “Presenciei situações em que ele discutiu com ela. É no mesmo patamar. Se está tomado de convicção, ele discute. A Dilma não trabalharia com alguém que fosse subalterno. São 20 anos de relação de amizade. Das pessoas que estão com ela em Brasília, do mesmo nível intelectual, o Giles é o que mais se aproxima.”

Azevedo foi chefe de gabinete do pedetista Vieira da Cunha em dois mandatos de deputado estadual e coordenador de uma animada campanha de Vieirinha à prefeitura de Porto Alegre. Perderam, mas ele acrescentou ao currículo uma pergunta que não quer calar: por que tu te chamas Giles, e não Gile, se tu és só um? “Foi uma brincadeira de um cabo eleitoral que eu tenho no interior”, disse Cunha, dando risada. No singular ou no plural, Azevedo é fanático pelo Grêmio. Quando o time vai mal, é daqueles que baixam o sarrafo verbal.

A segunda vez no Poder Executivo aconteceu no governo do petista Olívio Dutra (1999-2002), que o PDT tinha apoiado. Dilma Rousseff, secretária de Minas e Energia, levou Azevedo para a presidência da Sulgás. “Sempre vi o Giles como uma pessoa dedicada, sem fanfarronice, discreta e muito responsável”, disse o ex-governador gaúcho. “A Sulgás ia ser privatizada, mas ele a administrou bem. Deu a dimensão adequada, sem virar um cabide de emprego e sem virar um elefante branco”, disse. “O Giles não arrota coisa que não tenha comido.” Quando acabou a lua de mel entre o PT e o PDT gaúchos, Brizola exigiu que seus pares deixassem os cargos no governo de Dutra. Dilma Rousseff e Brizolinha ficaram entre as dezenas de pedetistas que mantiveram os cargos e se mudaram para o PT. “Confesso que fiquei magoado”, disse Vieira da Cunha tantos anos passados. À época, Brizola os tachou de traidores. Colares também.



O ANTECESSOR

Gilberto Carvalho cuidava da agenda de Lula. Sobre Azevedo, diz: “A vida dele não é fácil, como não era a minha”

Azevedo chegou ao Executivo federal quando Dilma o levou para o Ministério de Minas e Energia. Foi secretário de Minas e Metalurgia, por dois anos. Levou para o ministério amigos de turma da UnB. Foi o caso do também geólogo Roberto Ventura, hoje de volta ao magistério. Quando estudantes, embrenharam-se pelo interior fazendo mapeamento geológico de regiões pouco conhecidas. Azevedo gosta de jipes e trilhas desde aquele tempo. Ventura o acompanha. Uma vez levou a mulher e o então único filho, com 3 anos. Ventura levou a mulher. Foram explorar o Jalapão no jipe de Azevedo, um Suzuki Vitara 97. No primeiro dia de viagem, atrapalhando-se com a trilha, Azevedo atolou o carro tracionado numa poça de lama. “O susto foi grande, mas terminou tudo bem”, afirma Ventura. Ele é um dos amigos que Azevedo convida, vez ou outra, para provar os risotos que faz, com a ajuda de cursos de culinária que já frequentou. “Ele nos usa como cobaias”, disse, em tom de brincadeira, o professor da UnB.

O conhecimento técnico de Azevedo passou consideravelmente no desempenho de Dilma Rousseff à frente de Minas e Energia. Com discrição, deu contribuições relevantes na discussão dos marcos regulatórios do setor. A modernização de órgãos como o Departamento Nacional de Produção Mineral e a Companhia de Pesquisa dos Recursos Minerais também passou por ele. Acompanhou Dilma na Casa Civil, como secretário executivo. Viveu, ali, o barulhento imbróglio do uso dos cartões corporativos no governo

Fernando Henrique Cardoso, alvo de CPI e de inquéritos que não deram em nada. A única vítima foi o secretário de controle interno da Casa Civil, José Aparecido Nunes Filho, afastado do posto e objeto de investigação que foi arquivada na semana passada. Nunes voltou para a casa de origem, o Tribunal de Contas da União. Quando estava na Casa Civil, convivia com Azevedo. Assistiu a algumas cenas entre ele e a ministra. “O Dr. Giles é absolutamente leal”, disse, por e-mail, sem explicitar se é um elogio ou uma crítica.

Como qualquer mortal que receba ordens de Dilma Rousseff, Azevedo está sujeito a chuvas, trovoadas e às vezes raios. Também reclama, mas tem uma diferença com os demais queixosos: não sai terceirizando a chateação e não somatiza as ocorrências. Já teve vontade de jogar a toalha? Já, como Gilberto Carvalho também teve. Mas não jogaram. Se Azevedo desabafou para alguém, foi para um ou dois mais chegados. E passou logo. Azevedo conhece como poucos o tamanho de suas próprias asas. Não ambiciona o que não pode ter. É o caso, por exemplo, do Ministério de Minas e Energia, em cuja titularidade ele seria possível. Mas está aí o ministro Edson Lobão, quase neófito, com o aplauso do geólogo. É claro que vários amigos continuam lá, e ele é uma importante referência para as entidades e os empresários do setor.

Quando a ministra da Casa Civil saiu para a campanha, Azevedo continuou com a substituta Erenice Guerra, sua afilhada de casamento. Como o chefe do gabinete pessoal não dá entrevistas, não se sabe o que achou de a amiga ter sido afastada por suspeita de tráfico de influência e favorecimento de empresas privadas ligadas a familiares. Depois vieram a campanha eleitoral, a vitória de Dilma e o gabinete pessoal.

Enio Bacci é deputado federal do PDT gaúcho. Conhece Azevedo dos tempos brizolistas. Havia muito não se falavam. Na véspera da votação do salário mínimo, na última semana de fevereiro, o chefe do gabinete pessoal lhe telefonou. Bacci contou como foi: “Ele me fez, em nome da presidente Dilma, um pedido especial: ela gostaria de contar com o meu voto. Foi muito cauteloso. Lembrou de quanto a presidente tinha admiração por mim. Foi muito ético. Eu disse a ele que não votaria com o governo, mas que iria consultar a bancada. Ele ligou novamente, e eu mantive o não. Foi um apelo emocional. Mostra que ele tem uma função ativa no governo, que não consegue fazer política de uma forma passiva”. ♦



NOSSA ECONOMIA

Paulo Rabello de Castro

Paulo Rabello de Castro,

autor de livros sobre economia brasileira e mundial, é consultor e classificador de riscos de crédito. Coordena o Movimento Brasil Eficiente e escreve quinzenalmente em ÉPOCA. paulo@rcconsultores.com.br

Quem conhece um José Alencar, levante a mão

AS OPORTUNIDADES QUE NOS SURGEM NA vida não determinam o que seremos ou faremos. É o proveito que tiramos delas que importa.

Para uns, não existe mau tempo. Para outros, até ajuda atrapalha. No meio do caminho, um pouco conduzida pelo jogo errático do acaso, está a maioria de nós. José Alencar Gomes da Silva pertencia certamente ao primeiro grupo, de seres humanos que já nascem com pilha de longa duração instalada e carregada para encarar qualquer adversidade.

O rapaz pobre que virou nosso vice-presidente, falecido há dias, após prolongada luta contra o câncer, demonstrou, em cada passo de sua carreira, como e por que devemos lutar, mesmo quando tudo parece perdido e irremediável. Mas com quantos Josés se faz uma grande nação?

A qualidade vital de um povo não está na proporção de coitadinhos resignados, mas no balanço favorável de indivíduos capazes de superar os azares de sua história e sair da coluna do meio, dos que jogam na retranca e no medo, e pular para a faixa dos vencedores determinados. Claro, não há de esperar a mesma reação de todas as pessoas perante os desafios. A riqueza de uma sociedade também está em sua natural diversidade. Porém, não podemos negar quanto uma comunidade inteira se beneficia da ousadia e do destemor de uns poucos. Tampouco há de subestimar a influência de certas políticas de governo na moldagem do espírito predominante numa sociedade. Governos dominadores e paternalistas cultivam sociedades palermas e acomodadas. Governos pesados afugentam os espíritos mais inquietos, que vão empreender noutro lugar.

José Alencar chegou a Caratinga, Minas Gerais, com sua pilha carregada de sonhos e uns poucos anos de escolaridade formal, como a maioria, numa época muito mais difícil do que hoje. Ele não perguntou onde estava o centro de orientação ao microempresário, que não existia, nem como conseguir um seguro-desemprego, que não havia, ou como acessar a Bolsa disso ou daquilo. Nada das facilidades de hoje estava lá

– mas outra coisa estava: era a licença de fazer, mesmo com o maior sacrifício. Ao abrir cada um seu primeiro negócio na mesma cidade, nem Alencar nem seu contemporâneo Orvy de Oliveira – meu tio, hoje aos 90 anos – tiveram de bater de frente com o alto custo financeiro dos pequenos negócios, praga que assola qualquer microempresendedor no Brasil “fácil” da agiotagem oficial de hoje. O juro, por mais alto que fosse naquela época,

era mais administrável e direto do que o vigente na selva financeira atual. O país cobrará de si mesmo, neste ano, mais de R\$ 200 bilhões em juros, apenas para rolar a dívida do governo federal, supostamente o devedor mais confiável que temos.

José Alencar se insurgia seguidamente contra a absurda carga de juros da dívida pública brasileira, que vem contaminando toda a estrutura financeira do país, de alto a baixo, até a mais modesta das atividades. E não o fazia por matuta insistência. A briga de Alencar, incompreendida por muitos, era fruto de arguta percepção da própria vida empresarial e a de seus pares – empresários grandes ou pequenos –, que só conseguiram prosperar porque encontraram, em algum momento, condições propícias ao avanço

dos negócios, com juros compatíveis com o risco da atividade, impostos num nível mais moderado e uma burocracia limitada por mínimo bom-senso.

Hoje, vemos o governo anunciar aos empresários bondades no varejo, enquanto os mantém no atacado sob o ferro de uma política econômica de confisco. O governo vai ao extremo de elevar imposto sobre empréstimos, no caso o IOF, recém-majorado, ao detectar que o empresário encontrou uma fonte menos onerosa para se financiar. Temos impostos em cascata, ônus sobre contratações e o juro mais gravoso do planeta, sem razão de ser. Homenagear José Alencar seria menos lamentar sua perda do que seguir seu sábio conselho de manter juro e imposto sob controle da cidadania. Teríamos mais progresso e o governo nos custaria bem menos. ♦

Precisamos de gente determinada. Mas governos paternalistas cultivam sociedades palermas



NA PRÓXIMA SEMANA:
Paulo Guedes

ENTREVISTA

Dani Rodrik

“A globalização foi longe demais”

Para o professor de Harvard, a ditadura dos mercados ameaça a democracia e a soberania das nações

José Fucs

O ECONOMISTA DANI RODRIK, PROFESSOR DA UNIVERSIDADE Harvard, é um crítico implacável do processo de globalização econômica, centrado na abertura comercial e financeira. Em seu novo livro, *The globalization paradox: democracy and the future of the world economy* (O paradoxo da globalização: democracia e o futuro da economia mundial), recém-lançado nos Estados Unidos, ele diz que a ditadura dos mercados foi longe demais e representa uma ameaça à democracia e à soberania das nações. Segundo Rodrik, os países que se deram melhor na globalização não foram aqueles que abriram de forma indiscriminada suas fronteiras, mas os que se integraram de forma gradual na economia mundial e adotaram políticas comerciais e industriais para desenvolver e diversificar suas economias.

ÉPOCA - Em seu novo livro, o senhor fala sobre o “paradoxo da globalização”.

Que paradoxo é esse?

Dani Rodrik - São dois paradoxos. O primeiro é que a globalização demanda instrumentos muito fortes de governança que dependem de governos nacionais. Ao mesmo tempo, os governos nacionais representam o principal obstáculo para o aprofundamento da globalização. O segundo é que uma globalização saudável é aquela que não ultrapassa os limites dos interesses nacionais. Uma globalização mais equilibrada com os interesses das nações é muito mais saudável para a economia mundial do que o que eu chamo de hiperglobalização, que é o estímulo à abertura indiscriminada do comércio e das finanças.

ÉPOCA - Por que o senhor acredita que a globalização deve ter um limite?

Rodrik - Isso tem ligação com o primeiro paradoxo. A globalização precisa de mecanismos de regulação, estabilização, legitimação, que só os governos nacionais podem fornecer. E esses governos

têm um caráter eminentemente nacional. A única forma de implementar a hiperglobalização é pelo enfraquecimento dos mecanismos nacionais de governança. Isso não é bom, porque pode levar a questionamentos sobre a legitimidade do sistema internacional de comércio ou a instabilidades financeiras como a atual crise global.

ÉPOCA - A globalização e o livre-comércio não beneficiam os países e as populações?

Rodrik - É uma questão de equilíbrio.

“NO BRASIL, MUITOS SETORES DA ECONOMIA NÃO TERIAM CRESCIDO SEM A PROTEÇÃO QUE RECEBERAM NO PASSADO”

Os países que se deram melhor com a globalização não foram aqueles que abriram suas economias de forma indiscriminada. Os países mais bem-sucedidos foram os asiáticos, como Japão, China, Coreia do Sul e Índia, que se integraram na economia mundial, mas de acordo com suas próprias regras. Eles abriram suas economias de forma gradual e adotaram políticas comerciais e industriais para promover e diversificar suas economias. Conseguiram se beneficiar da globalização, mas adotaram medidas para restringir o comércio e o fluxo de capitais que são conflitantes com a ideia de uma economia aberta.

ÉPOCA - Se os países não abrirem suas economias, a ineficiência vai aumentar. No final, as empresas e os consumidores pagarão a conta. Isso não é um contrassenso?

Rodrik - Há uma compensação. A imposição de restrições ao comércio e ao capital gera custos adicionais, mas traz benefícios. Um país vulnerável ao hot money e ao fluxo de capitais não será bem-sucedido. Em relação ao comércio, sabemos que os países emergentes não se desenvolvem e se industrializam automaticamente. Isso não é algo que o mercado faz por si mesmo. Então, acaba havendo uma compensação entre a elevação do custo para o consumidor e para as empresas, provocada pela adoção de restrições ao comércio e ao fluxo de capitais, e os benefícios trazidos por uma economia mais forte, na qual se estimulam alguns setores que de outra forma não poderiam se desenvolver.

ÉPOCA - No Brasil, havia uma política de reserva de mercado na área de informática para estimular a indústria local. Só que, além de o setor não ter se desenvolvido, os computadores eram caros, o contrabando se multiplicou e o Brasil perdeu terreno para outros países, que abriram seus mercados na área. Isso não é algo a evitar?

Rodrik - A política brasileira de informática foi claramente um fracasso, pelas razões que você mencionou. Mas em muitos outros setores a política industrial do país foi um sucesso. A indústria aeronáutica, a siderúrgica e outros setores importantes da economia brasileira não teriam se desenvolvido sem o estímulo e a proteção que receberam no passado. Em geral, o resultado das



QUEM É

Economista de 53 anos, nascido na Turquia e radicado nos EUA desde os anos 70. Professor de economia e política internacional na Universidade Harvard

ONDE ESTUDOU

Formou-se em economia na Universidade Harvard. Fez mestrado e doutorado na Universidade Princeton

O QUE PUBLICOU

Escreveu *The globalization paradox: democracy and the future of the world economy*, recém-lançado nos EUA, e *Has Globalization gone too far?*, ambos sem tradução no Brasil, entre outros

primeiras políticas industriais do país foi muito positivo. O índice brasileiro de produtividade melhorou muito durante a era de “substituição das importações”. Isso revela que é preciso manter um equilíbrio entre a integração na economia global e o estímulo ao desenvolvimento da indústria nacional. Não significa que a implementação dessas políticas será sempre bem-sucedida. Mas acredito que, se os governos não implementarem políticas industriais para estimular o crescimento das empresas locais, estarão cometendo um erro.

ÉPOCA - Por que a globalização é uma ameaça à democracia e à soberania das nações?

Rodrik - Porque, se você quiser ter mercados globais totalmente integrados, um processo que eu chamo de “hiperglobalização”, significa que você precisa ter um conjunto de regras comuns. Isso quer dizer que você precisa ter regras comuns para adequação de capital para os bancos poderem operar

internacionalmente, sem custos adicionais. Significa que precisa haver regras comuns para saúde e segurança, para as grandes multinacionais poderem operar sem ter custos diferentes em cada local. Significa, enfim, que é preciso ter regras comuns em quesitos como tributos para as empresas. Se um país quiser ter impostos mais altos, as empresas irão para outro lugar, onde eles são menores. Para ter um mercado global tão integrado quanto os mercados domésticos, é necessário ter políticas comuns em nível internacional. Isso estreitaria, de forma progressiva, o espaço para que os políticos locais respondessem às necessidades de seu eleitorado. Você estaria reduzindo o espaço para a promoção de políticas normalmente identificadas com a democracia.

ÉPOCA - A globalização foi longe demais?

Rodrik - Em relação à globalização financeira e de algumas áreas de comércio, fomos longe demais. Mas há outras áreas em que a globalização andou muito pouco. Uma área sobre a qual falamos pouco é a mobilidade do trabalho. Em termos de mobilidade global de trabalhadores, principalmente os não especializados, estamos basicamente no mesmo lugar que em 1950. Se os políticos do mundo quiserem aumentar a eficiência da economia global, acho que haveria ganhos muito maiores com o relaxamento das restrições à mobilidade de trabalhadores do que nas áreas comercial e financeira.

ÉPOCA - Em sua opinião, o processo de globalização será retomado nos mesmos moldes de antes da crise atual?

Rodrik - Haverá uma grande mudança, a partir do novo papel que a China está assumindo na economia mundial. Não vamos voltar mais ao velho modelo centrado nos EUA e na Europa Ocidental. No novo modelo, a China e alguns outros países, como o Brasil, vão desempenhar papéis cada vez mais importantes na determinação das regras do jogo. A China é um país que põe em evidência a independência e a soberania nacional. A delegação de autoridade para organizações internacionais e multilaterais terá um limite. A nova face da economia mundial já está criando grandes dificuldades para um mundo governado pelos mercados e pela governança global. ♦



Leia

a íntegra da entrevista com Dani Rodrik em epoca.com.br

CINEMA

Diva tipo exportação

Aos 41 anos, esnobada pela TV brasileira, Gisele Fraga estreia em Hollywood

A VOZ é rouca, a pose de diva. Aos 41 anos, 1,70 metro e sarados 60 quilos, **GISELE FRAGA** é a mais nova representante brasileira em Hollywood. Ela atuou em *The river sorrow*, filme que estreará no Festival de Cannes em maio e ainda não tem data para ser exibido por aqui. No longa-metragem, ela vive Ana, uma chef de cozinha envolvida com o personagem de Ray Liotta. "Ele adorou meu sotaque, achou um charme", diz. Segura de si, Gisele lembra muito pouco a menininha ingênua e sorridente que, na década de 1980, tentou o título de Garota do Fantástico. Como verdadeira estrela, ela senta no sofá, cruza as pernas e faz pedidos na hora de tirar a foto. "Tem um ventilador? Quero cabelos esvoaçantes", diz. De volta à realidade brasileira, a atriz se lembra dos tempos em que foi esnobada pela TV. "Ainda é um mercado muito fechado", diz. A exemplo de Rodrigo Santoro e Alice Braga, ela quer fazer carreira internacional e sonha alto: quer ganhar um Oscar. Para "materializar" o desejo, pendurou na parede de sua casa um pôster com duas estatuetas. "Podem me chamar de louca, mas o quadro está lá. Quem sabe?" Sonhar não custa nada.

BEM, OBRIGADA

Gisele em São Paulo. Com poucos papéis em novelas, ela foi fazer cinema nos EUA

Preso nos EUA

Um brasileiro está há 800 dias na cadeia, sem julgamento, acusado de abusar dos filhos

Rodrigo Turrer

O brasileiro Ricardo Azevedo Costa, de 39 anos, está preso há mais de 800 dias em uma cadeia na cidade de Camp Verd, Arizona, nos Estados Unidos. Poderia responder em liberdade, mas a fiança estipulada tem o peso de uma condenação sumária: US\$ 75 milhões, fixados no dia 25 de março pela juíza Tina Ainley. É um valor 25 vezes maior que os US\$ 3 milhões exigidos de Michael Jackson (e pagos), em 2004, para a mesma acusação: abuso sexual de menores.

Ricardo foi detido no dia 26 de dezembro de 2008, em uma audiência sobre o pagamento de pensão alimentícia, então atrasada. No Tribunal, ele foi informado de que era suspeito de ter molestado e abusado sexualmente de dois de seus três filhos, no ano anterior, pouco depois do divórcio. A acusação foi feita pela ex-mulher de Ricardo, a americana Angela Martin. “Eu não imaginava que pudesse ser preso ali, porque nem sequer fui notificado das acusações de abuso”, disse Ricardo em entrevista a ÉPOCA, por telefone, da prisão.

Ele nega ter cometido o crime, embora tenha se recusado a passar pelo detector de mentiras. Sua defesa afirma que ele é mantido preso sem provas substanciais. A acusação fez vídeos com depoimentos dos filhos do casal (hoje, com 15, 12 e 8 anos) relatando os supostos abusos. A defesa diz que as declarações foram colhidas de forma irregular e manipuladas por uma psicóloga contratada por Angela – e que teve a licença cassada há seis meses. Uma segunda psicóloga, contratada pelo Estado do Arizona, afirmou que as crianças estão “sob forte influência materna”. Para o promotor do caso, Dennis McGrane, mesmo com restrições, as provas são suficientes para uma condenação de 13 a 27 anos.

Angela e Ricardo eram modelos e se conheceram no Japão, em 1990. Ela tinha 29 anos, e ele 19. Casaram-se dois anos depois e foram morar no Arizona, terra

natal de Angela. Ele montou uma empresa de construção civil em Sedona, cidade de 11 mil habitantes. Em quase 20 anos de casamento, Angela não prestou queixa na polícia contra Ricardo. Os vizinhos dizem nunca ter testemunhado brigas sérias.

Apesar de as provas já estarem reunidas, o julgamento não ocorre. “Não quero que me soltem, só quero ir ao Tribunal provar minha inocência”, diz Ricardo. Até agora ele esteve em 14 audiências, sem definição de data do julgamento. Três juízes já estiveram encarregados e dois promotores assumiram a acusação. Tantas idas e vindas anularam um preceito básico da Justiça americana: o “speedy trial”, mecanismo que garante



TEMPO MAIS FELIZ
Angela e Ricardo se casam no Central Park, em Nova York, em 1991. Ela agora o acusa de ter abusado sexualmente de dois dos três filhos

ao acusado o direito de ser julgado em 150 dias. “Algumas vezes isso pode ser protelado, mas não por dois anos e meio”, diz Charles Ogletree, professor de Direito Penal da Universidade Harvard.

A fiança exorbitante também espanta especialistas. A oitava emenda da Constituição americana prevê que a Justiça “não vai estipular fianças excessivas”. Quando uma fiança é muito alta? “Quando o preso não pode pagar”, afirma Ogletree. Segundo ele, se o acusado teve direito a sair sob fiança, é porque não representa um perigo iminente à sociedade. “A fiança é um mecanismo para libertar o indivíduo disposto a colaborar com a Justiça, não para garantir que ele continue preso.”

“Mesmo tendo o green card, ele é brasileiro. Se ele fosse americano, estaria há tanto tempo preso?”, diz a mãe de Ricardo, Cristina Azevedo Costa, de 66 anos. A defesa discorda dessa hipótese. “Não acho que seja um caso de discriminação”, afirma Bruce Griffen, o advogado da família. “É apenas uma falha grotesca e sem precedente no sistema judiciário americano.”

ENTREVISTA

Guillermo Zuloaga

“Os venezuelanos vão derrotar Chávez”

Exilado, o dono da única TV da Venezuela que critica o presidente aposta em sua derrota eleitoral para voltar

Juliano Machado

NA LISTA DE DESAFETOS DO PRESIDENTE HUGO CHÁVEZ, o empresário Guillermo Zuloaga ocupa um lugar de destaque. Desde que a Globovisión, que ele comanda, passou a ser a única emissora de TV da Venezuela a criticar Chávez, Zuloaga se tornou o alvo preferencial do chavismo. Em junho de 2010, a Justiça ordenou a prisão dele e de seu filho homônimo, sob a insólita acusação de “usura”, por armazenar em casa 24 carros (supostamente, para forçar o aumento do preço dos automóveis). A família, dona de concessionárias, diz que os carros já estavam vendidos. Dias depois, os dois deixaram o país rumo aos Estados Unidos, onde Zuloaga obteve asilo político. Nesta semana, ele vem ao Brasil participar do 24º Fórum da Liberdade, em Porto Alegre. Antes da chegada, concedeu entrevista a ÉPOCA.

ÉPOCA - Como tem sido sua rotina de asilado político nos Estados Unidos?

Guillermo Zuloaga - Apesar da distância, ainda dedico muito tempo as minhas empresas, sobretudo à Globovisión. A tecnologia felizmente permite a qualquer um o contato constante com quem está longe. E sigo buscando outros meios de sustento, porque a vida no exterior nunca é fácil. Por enquanto, consigo me sustentar com o que guardei em mais de 50 anos de trabalho.

ÉPOCA - Do que o senhor sente falta por estar fora da Venezuela?

Zuloaga - Nunca pensei na minha vida que fosse viver em outro lugar que não fosse meu país. No entanto, tenho a firme esperança de que vou regressar em um futuro não muito distante, talvez depois das eleições (presidenciais, em dezembro de 2012). Meu único impedimento é um capricho do presidente Chávez, que não gosta de que lhe digam a verdade.

ÉPOCA - Em que momento o senhor decidiu que tinha de ir embora?

Zuloaga - A Justiça expediu uma ordem de prisão contra mim e, sem eu nem ter ido a um Tribunal, determinou que eu deveria ser levado para a penitenciária de La Planta, a mais perigosa das Américas, segundo a Comissão Interamericana de

“DAR UM PRÊMIO DE LIBERDADE DE IMPRENSA A HUGO CHÁVEZ É O MESMO QUE SE DECIDISSEM DAR O PRÊMIO NOBEL DA PAZ A MUAMMAR KHADAFTI”

Direitos Humanos. Não podia correr esse risco. Em La Planta, é normal morrerem de dois a três presos por semana. Há umas três semanas, houve um motim em que morreram 15.

ÉPOCA - Como foi sua saída do país?

Zuloaga - Nunca vou dizer como saí. Se eu disser, podem supor que eu use a mesma via para um dia voltar à Venezuela. Se esse caminho funcionou na ida... de repente, eu surpreendo Chávez com uma entrevista minha em Caracas. Tudo é possível neste mundo.

ÉPOCA - Mas o senhor estaria disposto a voltar mesmo com Chávez no poder?

Zuloaga - Se ele está no comando, é mais difícil. Como ele manipula o Poder Judiciário, é improvável que eu consiga ser absolvido das acusações a que respondo. Mas acho mesmo que ele não esteja mais na Presidência ao fim de 2012.

ÉPOCA - Por quê?

Zuloaga - Acredito que os venezuelanos vão derrotá-lo eleitoralmente, embora não saiba como ele vai reagir. Hoje, a maioria das pessoas não suporta mais a má qualidade de vida, a insegurança, o desemprego, a inflação galopante. Já se deram conta de que não é este o governo de que necessitam.

ÉPOCA - Em novembro, o senhor fez um pronunciamento em sua emissora dizendo que desejava saúde a Chávez para “poder vê-lo prestar contas aos venezuelanos e talvez além de nossas fronteiras”. O que quis dizer com isso?

Zuloaga - Chávez estava dizendo que eu queria matá-lo. Tudo invenção. Fui a público dizer que não o queria morto. A verdade é que Chávez administrou a maior fortuna que passou pela Venezuela nos últimos dez anos, mais de US\$ 990 bilhões (valor que teria vindo da receita com a venda de petróleo; o governo diz que são US\$ 545 bilhões). E ele nunca prestou contas a ninguém sobre o que fez com o dinheiro. Sabemos, sim, que o usa para presentear amigos de outros países. Ele tem de prestar contas sobre a falta de segurança na Venezuela, onde foram mortas mais de 150 mil pessoas nos últimos dez anos. Também tem de dar satisfação sobre empresas e propriedades que o governo supostamente expropriou dentro de preceitos legais. Hoje, essas empresas estão



fracassadas, e indivíduos reclamam que não foram devidamente compensados.

ÉPOCA - Qual foi sua reação ao saber que Chávez recebeu um prêmio numa universidade da Argentina por sua “contribuição à liberdade de expressão”?

Zuloaga - Dar um prêmio de liberdade de imprensa a Hugo Chávez é o mesmo que se decidissem dar o Prêmio Nobel da Paz a Muammar Khadafi (*ditador da Líbia*). Não queria falar da presidente Cristina Kirchner nem da Argentina, mas é um país que tem seus compromissos com Chávez, que comprou bônus de sua dívida e dá apoio econômico de várias formas. O governo Kirchner tem de agradecer de alguma forma. Sabemos que Cristina tampouco tem apreço à liberdade de imprensa. Basta ver os ataques ao jornal *Clarín* e a outros meios independentes. É claro que Chávez nunca teria direito a isso. E ele ainda teve a coragem de dizer que nunca havia fechado um meio de comunicação, quando todo mundo sabe que fechou a Rádio Caracas Televisão (*RCTV*, em 2007), uma emissora que tinha mais de 53 anos no ar, e também 34 emissoras de rádio. No caso

QUEM É

Advogado, o venezuelano Guillermo Antonio Zuloaga Núñez nasceu em Caracas e tem 69 anos. Casado, é pai de dois filhos: Guillermo Antonio, de 36 anos, e Carlos Alberto, de 33

O QUE FEZ

É acionista majoritário do grupo Corpomédios, que controla a TV Globovisión, crítica do governo Hugo Chávez. Em 2010, exilou-se nos Estados Unidos depois de a Justiça emitir uma ordem de prisão contra ele e seu filho Guillermo. No mesmo ano, recebeu o Grande Prêmio Liberdade de Imprensa da Sociedade Interamericana de Imprensa

da Globovisión, o governo ameaça constantemente com multas e processos administrativos, mas sempre nos defendemos bem, porque temos tudo em ordem.

ÉPOCA - A presidente Dilma Rousseff tem defendido com frequência a liberdade de expressão. É um exemplo para Chávez?

Zuloaga - Quando um presidente não tem medo de que as pessoas saibam o que está fazendo, não tem medo da imprensa. Ao contrário de Chávez, Dilma não tem por que nos temer.

ÉPOCA - A licença de funcionamento da Globovisión expirará em 2015. O que fará se Chávez ainda for o presidente e cassá-la?

Zuloaga - Se ele fizer isso, a quem vai prejudicar? Aos 500 ou 600 funcionários da Globovisión. O dano não é só a mim, mas a toda a população. Seguiremos no sinal a cabo, onde estamos em todo o país. Na TV aberta, em que dependemos de concessões do governo, só transmitimos para Caracas e região metropolitana e para o Estado de Carabobo. Desde que Chávez chegou ao poder, em 1999, nunca nos concedeu uma licença, nem para operar um walkie-talkie. ♦



Leia

outras perguntas feitas a
Guillermo Zuloaga em
epoca.com.br

MINUTOS DE AGONIA

Imagem do assassino Wellington de Oliveira, flagrado pela câmera de segurança da escola Tasso da Silveira no momento em que recarregava sua arma. Em menos de 12 minutos, ele espalhou o pânico pelas salas de aula, disparou contra dezenas de crianças, foi alvejado por um policial, deu um tiro na própria cabeça - e caiu morto na escada *(no detalhe)*



TERROR NA ESCOLA

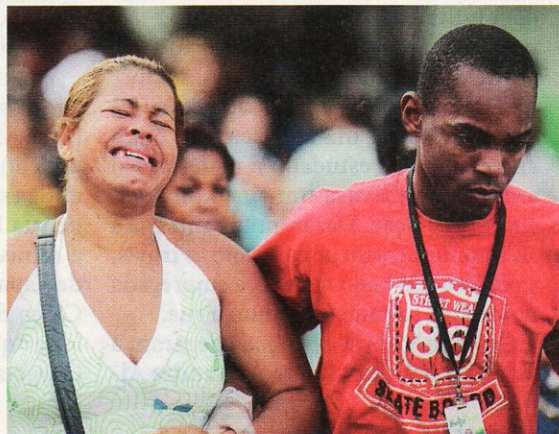
O massacre de Realengo reproduz no Brasil o horror dos ataques covardes a crianças indefesas



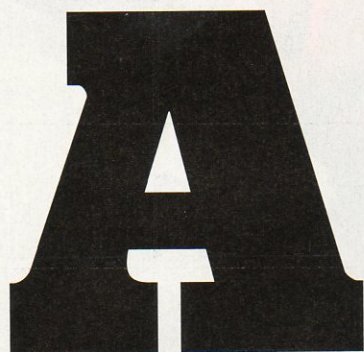


VIGÍLIA DO MEDO

Mães desesperadas ou apreensivas choram à porta da escola Tasso da Silveira, em Realengo, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, na manhã da quinta-feira. Havia 400 alunos no prédio no momento em que o assassino começou a agir, às 8h30. Quando as crianças não voltaram para casa, a vigília das famílias se transferiu para os hospitais e o IML



Martha Mendonça e Maurício Meireles



quinta-feira 7 de abril começou às 6 horas para Vitória Souza, de 10 anos. Levantou, comeu pão francês, tomou chocolate e vestiu o uniforme do colégio, a Escola Municipal Tasso da Silveira. Banho já havia tomado na véspera, com medo de se atrasar. Assim pôde dormir mais um pouquinho. A quinta-feira é dia de aula de educação física, uma de suas preferidas. Por isso a bermuda substituiu a calça jeans. Uma sorte na

manhã de calor no outono carioca. Como sempre, saiu de casa, na Rua Três Corações, faltando 15 minutos para as 7 horas, quando começa a aula. Aluna do 5º ano, foi para o colégio de carro com o pai, Josuel, funcionário de um supermercado, e a mãe, Joana, acompanhante de idosos. Primeiro eles a deixaram na porta da escola e depois foram levar sua irmã, Juliana, de 15 anos, que estuda em outro lugar. Vitória desceu do carro, encontrou as amigas e foi direto para sua sala, no 2º andar.

A poucos quarteirões dali, na Rua Frederico Faulhaber, Milena dos Santos Nascimento, de 14 anos, também se arrumava para ir para a mesma escola. Na casa de dois cômodos, banheiro e cozinha, perguntou ao pai, o pedreiro Valdir, quando seu quarto ficaria pronto. Com três filhas – além de Milena, Tainá, de 15, e Helena, de 13 –, o chefe da família está construindo sobre a laje um novo aposento. É um quarto para as meninas. Milena, do 8º ano, sempre teve notas altas – apesar de pequenos escorregões na matemática. Na noite anterior, havia estudado a matéria. No ano passado levava um susto, ficando em recuperação. Dez minutos antes de a aula começar, saiu de casa com as irmãs, a pé. Deu um beijo na mãe, a empregada doméstica Josiane, e ganhou a rua.

Quando Vitória e Milena chegaram à escola, o policial Márcio Alexandre Al-

ves, de 38 anos, sargento da PM, chegava a uma rua a duas quadras dali. Começava a trabalhar no auxílio de uma operação de trânsito, com dois colegas. Casado, pai de dois filhos – um menino de 12 e uma menina de 4 anos –, saiu cedo e deixou a família em casa para seguir mais um dia de rotina no combate ao transporte ilegal de passageiros, função de pouco risco em uma cidade violenta como o Rio de Janeiro.

Wellington Menezes de Oliveira, 23 anos, saiu de sua casa em Sepetiba, também na Zona Oeste do Rio. Levou cerca de uma hora para chegar a Realengo, bairro onde estudou, morou e ainda vive parte de sua família. Vestia calça social preta e camisa verde de mangas longas, além de sapato fechado. Levava uma bolsa. Cinco dias antes, havia cortado a barba longa que ostentava nos últimos meses. Chegou à escola Tasso da Silveira depois

das 8 horas e, como ex-aluno, não teve dificuldade em passar pela entrada. Subiu do térreo para o 1º andar, entrou na sala de leitura e pediu seu histórico escolar à professora Dorotéia, de 68 anos, há 38 trabalhando no colégio. Ela o reconheceu. Reparou que ele estava bem-vestido. Mas informou que não poderia ajudá-lo naquele momento, pois estava ocupada com outra atividade. Dali, Wellington foi direto para uma sala de aula. A professora Leila Maria ensinava português aos alunos do 8º ano. “Estou aqui para dar uma palestra”, disse Wellington.

Pouco depois das 8h30 da quinta-feira, as meninas Vitória e Milena, o ex-aluno Wellington e o sargento Márcio se encontraram nos corredores da escola Tasso da Silveira. As garotas na condição de vítimas, Wellington como algoz e Márcio como herói de uma tragédia inédita na vida brasileira.

VIDAS ROUBADAS

Pelo menos dez das vítimas do assassinato de Realengo eram meninas. Foram mortas por um monstro, sem motivo e sem chance de defesa. O fim de sua vida marca a chegada de uma nova forma de barbárie ao Brasil



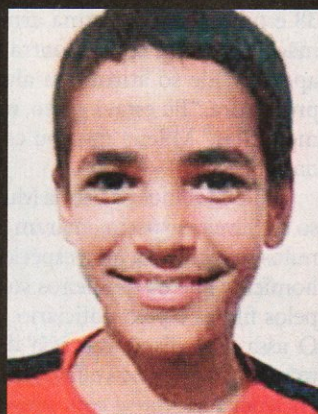
Ana Carolina Pacheco da Silva, 13 anos



Bianca Rocha Tavares, 13 anos



Géssica Guedes Pereira, 15 anos



Igor Moraes da Silva, 13 anos



Karine Chagas de Oliveira, 14 anos



Larissa dos Santos Atanázio, 13 anos



Laryssa Silva Martins, 13 anos



Luiza Paula da Silveira, 14 anos



Mariana Rocha de Souza, 12 anos



Milena dos Santos Nascimento, 14 anos



Rafael Pereira da Silva, 14 anos

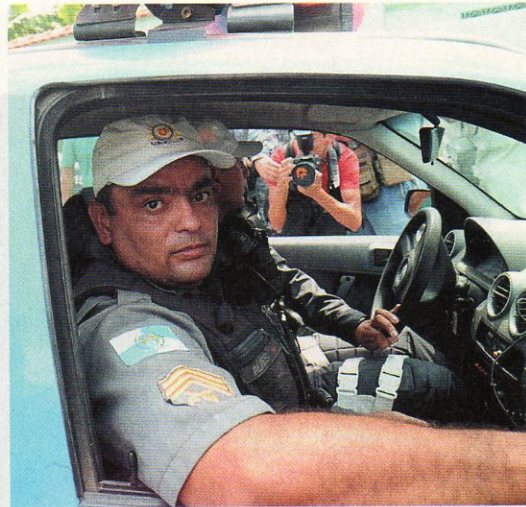
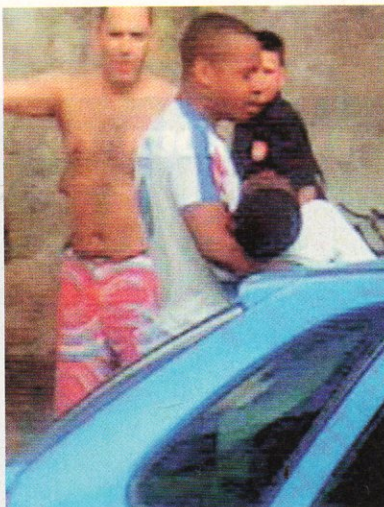


Samira Pires Ribeiro, 13 anos

Mal terminou de se apresentar à professora Leila Maria, Wellington virou-se de costas para a turma e depositou uma bolsa em cima da mesa da professora. De dentro dela, sacou dois revólveres, um de calibre 38 e outro 32. Com uma arma em cada mão, começou a atirar. Contra as crianças, apenas. “Ele só atirou em alunos”, diz a professora. “Eu estava perto, mas ele nem me olhou.” Milena morreu com um tiro na cabeça.

O que os alunos da Escola Municipal Tasso da Silveira experimentaram nos dez minutos seguintes foi uma espécie de loucura homicida que os brasileiros só conheciam pelos filmes e pelo noticiário estrangeiro. O assassino disparava, saía da sala para carregar as armas e voltava, com mórbida eficiência. Movia-se com pressa, mas sem afobação. Renovava a munição das armas com carregadores rápidos que trazia no cinto, chamados de speed loaders. Wellington parecia escolher suas vítimas e as meninas eram o alvo preferencial. “Nelas, o tiro era na cabeça, para matar. Nos meninos, era só para machucar, nos braços ou nas pernas”, diz o aluno Mateus Moraes, de 13 anos, que foi poupado. A estudante Jady Ramos de Araújo, de 12 anos, lembrou que o assassino repetia a frase “não adianta fugir, eu vou matar vocês” — e mandava as crianças se virar para a parede antes de alvejá-las.

Esse tipo de cenário e o comportamento, que só pode ser descrito como malévolo, são conhecidos por policiais e psiquiatras foren-



UM MONSTRO NA ESCOLA

Os assassinatos em massa nas escolas, sem aviso e sem motivo aparente, são

1902

Droyssig, Império Austro-Húngaro

O diretor de uma escola sacou repentinamente o revólver e atirou contra seus pupilos. Três alunos morreram e três ficaram feridos. Os tiros chamaram a atenção da vizinhança. Ao chegar ao local do crime, os moradores lincharam o diretor

1913

Bremen, Alemanha

Heinz Schmidt, um professor desempregado de 29 anos, invadiu uma escola armado com vários revólveres. Matou cinco crianças e feriu 23 pessoas. O lojista que vendeu a munição desconfiou e avisou a polícia, que ignorou a denúncia

1927

Bath, Michigan (EUA)

É o massacre em escolas com maior número de mortos: 38 crianças e seis adultos. O agressor, **Andrew Kehoe**, espalhou explosivos pelo prédio. Kehoe era contador da escola e havia pedido falência



1956

Terrazzano, Itália

O ex-paciente psiquiátrico **Arturo Santato e seu irmão, Egidio**, invadiram uma escola com armas, dinamite e ácido e fizeram reféns 96 crianças e três professores. O ataque terminou quando uma professora se atirou com um bandido e a polícia invadiu a sala de aula



1979

San Diego, Califórnia (EUA)

Armada com um rifle, a estudante **Brenda Ann Spencer**, de 16 anos, matou dois adultos e feriu crianças antes de ser dominada. Presa, explicou o ataque: “Não gosto de segunda-feira. Isso anima o dia”. Ela continua presa





CAOS, DOR E HEROÍSMO

No sentido horário: um morador carrega uma criança ferida nos braços; o sargento Alves, que baleou o assassino e impediu mais mortes; o aposentado Luis Alberto, que levou crianças feridas na caçamba da Kombi para o hospital; e uma das vítimas sendo colocada na ambulância. O crime provocou comoção nacional e abriu um debate sobre segurança nas escolas

ses. Eles repetem o que aconteceu no Instituto Columbine, nos Estados Unidos, onde, em 20 de abril de 1999, dois estudantes entraram na escola em que estudavam e mataram 13 pessoas. Lembram os eventos da faculdade Virginia Tech, também nos Estados Unidos, onde em 2007 um estudante sul-coreano abriu fogo e matou 32 pessoas antes de se suicidar. No ano passado, a barbárie aconteceu numa escola da província de Hanzhong, na China. Sete crianças e dois adultos foram mortos (leia o quadro abaixo).

Agora, o mesmo pesadelo de violência, morte e perplexidade se abateu sobre o Brasil. Em janeiro de 2003, na cidade de Taiuva, no interior de São Paulo, o ex-aluno Edmar Aparecido Freitas, de 18 anos, invadiu a escola estadual Coronel Benedito Ortiz, onde acabara de se formar, e disparou contra seis alunos, uma professora e o caseiro do prédio. Apesar de ter mirado na cabeça e no abdome, não conseguiu matá-los. Comeceu suicídio em seguida. Foi uma espécie de ensaio geral para o que viria a ocorrer em Realengo. Na quinta-feira, tendo feito cerca de 60 disparos, Wellington matou 12 alunos e feriu outros 12 antes de ser atingido pela polícia e se matar. Ainda há 11 crianças internadas. Três delas, dois meninos e uma garota, de nomes não divulgados, estavam em estado grave na tarde de sexta-feira.

“É um episódio novo no Brasil. E mais dramático ainda por ter sido em uma escola, um território sagrado”, diz Marlova Noletto, coordenadora de Ciências Humanas e Sociais

da Unesco no Brasil. Embora a violência que atingiu as crianças pareça inteiramente cega, a escolha da escola como alvo não foi aleatória. Nunca é. “É típico dos assassinos ver suas escolas como símbolo de suas próprias feridas psicológicas”, diz o criminologista alemão Frank Robertz, do Instituto para Prevenção da Violência e Criminologia Aplicada, de Berlim. “Eles tendem a ver as próprias escolas como lugares em que enfrentaram momentos difíceis, sobre os quais não tinham controle. Com o massacre, eles querem mostrar que são poderosos. Na sua visão, agora são eles que decidem quem vai morrer e quem não vai.”

Enquanto o assassino disparava na classe de Milena, na sala de Vitória, no 2º pavimento do prédio de quatro andares, o barulho dos tiros chamou a atenção da turma. “Devem ser bombinhas”, minimizou a professora. Mas os estampidos continuaram, seguidos de gritos. Todos correram para a janela. “Vimos duas pessoas caídas no chão e alunos correndo com a roupa suja de sangue”, afirma Vitória. A professora trancou a porta e pediu que colocassem mesas e carteiras na frente. “Não sei quanto tempo ficamos lá, todo mundo deitado no chão, chorando”, diz a estudante. Quando finalmente sua turma foi avisada de que podia sair da sala, desceram em fila, de mãos dadas. Na escada do 2º para o 3º andar, estava o corpo do assassino. “Passamos bem do lado dele”, diz Vitória. Agora ela está com medo de voltar à escola. Isabela da Silva, de 12 anos, também se assustou ao ver o cadáver do assassino ►

uma forma antiga e odiosa de violência, que se repete no mundo todo

1987

De Kalb, Missouri (EUA)

Nathan Ferris, de 12 anos, era um ótimo aluno que sofria perseguição por ser gordo. Cansado das gozações, avisou um amigo para faltar à aula e levou uma pistola para a classe. Matou o aluno que o azucrinava e se matou em seguida

1996

Dunblane, Escócia

O comerciante **Thomas Hamilton** invadiu a escola com quatro armas e matou 16 alunos de 5 e 6 anos e um professor antes de cometer suicídio. Depois do massacre, cresceu a restrição ao uso de armas de fogo no Reino Unido

1999

Columbine, Colorado (EUA)

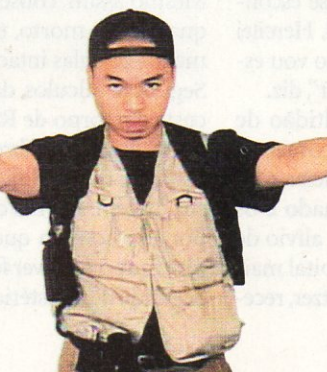
Os estudantes **Eric Harris**, de 18 anos, e **Dylan Klebold**, de 17, mataram 12 estudantes e um professor antes de cometer suicídio. Os dois estavam armados com pistolas e rifles e colocaram bombas que impediram o acesso rápido da polícia ao local



2007

Blacksburg, Virginia (EUA)

O sul-coreano **Seung-Hui Cho** tinha 23 anos quando abriu fogo contra alunos e funcionários da faculdade Virginia Tech. Matou 32 pessoas antes de se suicidar. Deixou vídeos, fotos e um manifesto. Tinha depressão severa



2010

Hanzhong, China

Wu Huanming, de 48 anos, invadiu uma creche com um cutelo e matou sete crianças e dois adultos. Suicidou-se em casa. A China limitou a divulgação da notícia para não incentivar novos casos. Nos meses anteriores, outras escolas haviam sido atacadas



na escada da escola, cenário de todos os seus dias. “As paredes estavam sujas de sangue. Eu só queria fechar os olhos e chorar”, diz. Isabela chorou ainda mais ao saber que Milena estava morta. As duas famílias eram amigas e elas haviam crescido juntas.

Se Vitória e Isabela não tiveram o mesmo destino de Milena, isso se deve à coragem e à rapidez do sargento Alves. Na Rua Piraquara, a dois quarteirões, ele apoiava uma blitz da Polícia Rodoviária quando viu dois meninos feridos, um deles no rosto, usando uniforme. Avisado do que estava acontecendo, correu para a escola, acompanhado de dois colegas. Na entrada, cruzou com professoras e funcionários em pânico. Ouviu tiros, subiu do térreo para o 2º pavimento e deu de cara com o assassino saindo de uma sala no fundo do corredor. “Ele estava carregando a arma”, diz o sargento. “Eu gritei ‘largue a arma, é a polícia’. Ele disparou contra mim e eu fiz dois disparos.” Um tiro atingiu o abdome, e Wellington caiu na escada. “Aí ele se deu um tiro na cabeça”, diz o sargento.

“Só lamento não ter chegado uns cinco minutos antes” à escola. Poderia ter evitado tantas mortes de crianças...” O policial conta que, em 15 anos de carreira, nunca viu tamanho horror. “Chorei”, afirma. Foi apresentado como herói pelo governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral Filho. E abraçado por alunos, agradecidos. Graças a ele, a tragédia não foi maior.

Mesmo com o assassino morto, muitos estudantes ainda ficaram em suas próprias salas, em estado de choque. Alguns mortos, outros feridos, uns com o uniforme sujo de sangue. Vários deles, anestesiados pela adrenalina, não sabiam se estavam feridos de raspão ou apenas haviam esbarrado em algum colega baleado. Na casa em frente à escola, o carteiro Hercilei Antunes, de 44 anos, auxiliava cerca de 20 adolescentes, que haviam batido a sua porta em busca de socorro. O medo era tão grande que alguns se esconderam embaixo da cama do casal. Hercilei carregou seis crianças feridas. “Não vou esquecer essa cena enquanto eu viver”, diz.

Na porta da escola, uma multidão de pais e familiares desesperados começou a se aglomerar em busca de notícias e de suas crianças. O colégio foi fechado e os corpos saíram aos poucos – para alívio de uns e desespero de outros. O hospital mais próximo, o estadual Albert Schweitzer, rece-

beu as vítimas. Mas o centro cirúrgico era insuficiente para tantos baleados. Pelo menos metade foi transferida para outras cinco unidades. Foram usados helicópteros no transporte. Parentes chegavam a todo momento e protagonizavam cenas dramáticas. À tarde, o desespero foi transferido para o Instituto Médico-Legal, no centro da cidade, para onde foram recolhidos os corpos dos que morreram. Alguns parentes chegavam para o reconhecimento e saíam destroçados. Outros vinham em busca de notícias, mas saíam aliviados. Seus filhos não estavam lá.

A comoção tomou conta da cidade e do país. Médicos e enfermeiros trabalharam chorando, segundo relato do secretário estadual de Saúde, Sérgio Cortes, que durante todo o dia fez a ronda nos hospitais. O comandante do 14º Batalhão, em Bangu, área que cobre o bairro de Realengo, Djalma Beltrame, disse que foi a maior tragédia que ele já presenciou na cidade. A chefe de polícia, Martha Rocha, chorou depois de chegar à escola e ver o cenário de horror. A presidente Dilma Rousseff também foi às lágrimas ao falar do crime, discursando num evento no Palácio do Planalto para pequenos empresários. O governador Sérgio Cabral,

abalado na coletiva, concedida na quadra poliesportiva da escola, chamou o assassino de “psicopata” e “animal”. Até o papa Bento XVI enviou mensagem de solidariedade às famílias das vítimas, por meio da Arquidiocese do Rio de Janeiro.

Nas horas seguintes ao crime, muitos se perguntavam por que as autoridades parecem incapazes de impedir que desequilibrados como Wellington promovam esse tipo de carnificina. As razões são várias. No Brasil, esse tipo de crime é facilitado pelo livre acesso às armas. Aos 23 anos, o assassino não tinha sequer idade para pedir porte de arma – a idade mínima legal é 25 anos. Mesmo assim, conseguiu dois revólveres e, quando foi morto, tinha na mochila pelo menos 22 balas intactas e 12 speed loaders. Segundo cálculos da polícia, esse arsenal custa em torno de R\$ 700 no mercado negro. O revólver calibre 38 tinha a numeração raspada, o que dificulta a investigação de sua origem. A arma calibre 32 foi registrada por um homem que já morreu. Seu filho disse que o revólver foi roubado há 18 anos. Segundo o Ministério da Justiça, circulam ▶

COMO FOI O ATAQUE À ESCOLA MUNICIPAL

Em menos de 12 minutos, Wellington feriu ao menos 25 crianças. Baleado por um policial, matou-se com um tiro na cabeça

1 Por volta das 8h15, Wellington Menezes de Oliveira passou pelos portões e se apresentou como ex-aluno. Disse que ia buscar seu histórico escolar a um funcionário, que o deixou entrar.

2 No 1º andar, na biblioteca, ele encontrou uma ex-professora, para quem pediu seu histórico. Ela pediu que Wellington esperasse.

3 Quando ela saiu, o atirador se dirigiu à sala 4, logo em frente, onde uma professora dava aula. Disse estar lá para uma palestra. A professora estranhou, mas, antes que pudesse perguntar qualquer coisa, ele começou a atirar contra as crianças. A professora fugiu com alguns alunos.

4 Wellington teria entrado em quatro salas do 1º andar. A ordem e o número de salas, porém, só devem ser esclarecidos com o resultado da perícia.

5 Os alunos do 7º ano, que estavam no térreo pela falta de um professor, também fugiram ao reconhecer o som de tiros. Duas crianças correram para uma blitz policial a uma quadra da escola, na Rua Piraquara (*leia o mapa*) para pedir ajuda aos policiais.

6 O sargento Márcio Alves se dirigiu para a escola. Quando subia o primeiro lance de escadas, cruzou com Wellington, que subia para o 2º andar. Ele tentou fugir, mas foi alvejado no abdome pelo sargento. Wellington se suicidou com um tiro no lado direito da cabeça

Fontes: Polícia Civil do Rio de Janeiro e testemunhas

Gráfico: Marco Vergotti, Gerson Mora, Maurício Meireles, Alberto Cairo, Rodrigo Cunha e Leticia Sorg

O LOCAL

A escola fica em Realengo, Zona Oeste do Rio de Janeiro



Avenida Pontalina

Avenida Marechal Fontinelli

Escola Municipal Tasso da Silveira

(Rua General Bernardino de Matos)

Praça Bom Conselho

Rua Piraquara
Local onde os policiais foram avisados

Cemitério Jardim da Saudade

1 km

O ATIRADOR

Wellington Menezes de Oliveira, de 23 anos

Mochila

Luva preta meio dedo

Cinto de tecido preto com 13 compartimentos para colocar os carregadores



AS ARMAS

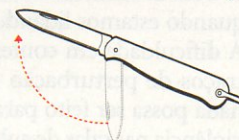
Dois revólveres e 1 canivete com lâmina retrátil



Calibre 32



Calibre 38



A ESCOLA MUNICIPAL TASSO DA SILVEIRA

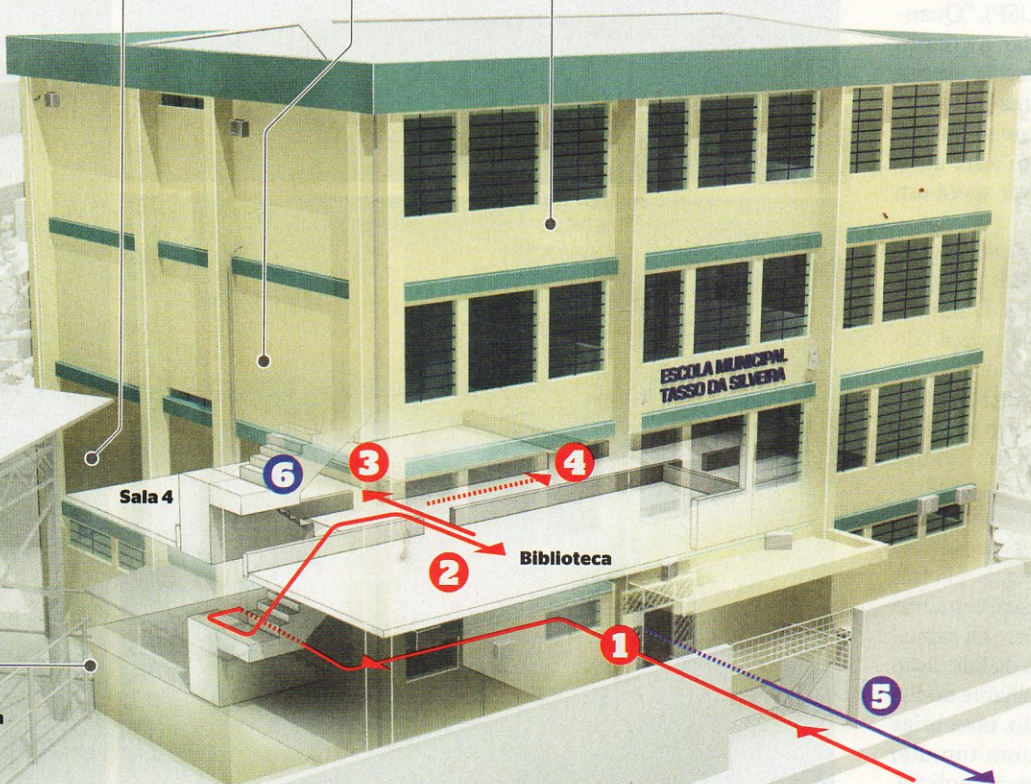
Atende 999 alunos do 4º ao 9º ano. No período da manhã, são 14 turmas e 400 alunos

No térreo ficam os banheiros da escola

O 1º andar tem cinco salas. A da frente do prédio é a biblioteca

O 2º andar tem seis salas, três de cada lado do corredor

No 3º andar, uma das salas é um auditório, onde alunos e professores se refugiaram durante o tiroteio, depois de bloquear a porta com uma barricada de mesas e cadeiras



Sala 4

Biblioteca

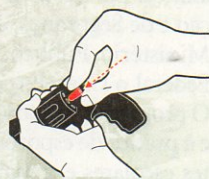
Quadra

Reconstrução da planta interna do prédio baseada em informações de testemunhas

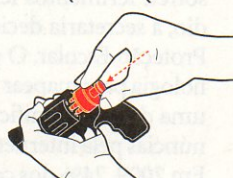
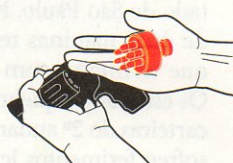
A MUNIÇÃO

Wellington disparou cerca de 60 vezes e ainda tinha 66 balas. Ele pôde disparar rápido graças ao uso de carregadores especiais

Com o **carregamento convencional** os projéteis são inseridos no tambor da arma individualmente, levando tempo



Com o **carregador rápido**, os projéteis são inseridos todos de uma vez na arma. Foram encontrados oito carregadores rápidos (Jet Loader e Speed Loader), cada um com capacidade para seis balas



13

MORTOS
10 meninas
2 meninos



Atirador

12

FERIDOS
3 meninas
9 meninos



Rua General Bernardino de Matos

pelo Brasil 14 milhões de armas de fogo – a metade delas em condições irregulares, como as usadas pelo assassino. O país lidera o ranking mundial de crimes por arma de fogo, com 34.300 homicídios anuais, de acordo com o Ministério da Justiça.

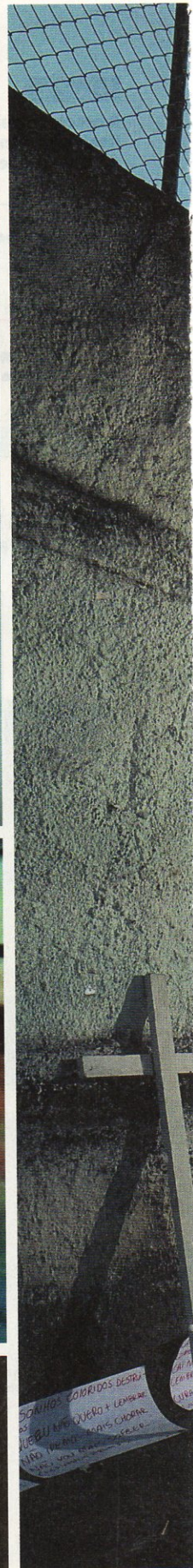
“Por mais segurança que se tenha, sempre vai haver indivíduos que não se ajustam à sociedade e encaram morticínios como uma válvula de escape para suas frustrações”, diz Eugênio Moretzsohn, coronel aposentado do Exército brasileiro, especialista em segurança. “Há como evitar tragédias quando se trata de criminalidade comum. Mas não quando estamos lidando com psicopatas.” A dificuldade em conter criminosos com traços de perturbação não significa que nada possa ser feito para evitar mortes ou violência nas salas de aula. “É preciso investigar como um camarada deste conseguiu chegar aos alunos de uma maneira tão fácil”, afirma o sociólogo Renato Alves, pesquisador do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (USP). “Quando deixa sua casa para estudar, a criança está sob tutela da escola. A escola precisa garantir sua segurança.” É uma pena que esse tipo de desastre aconteça no momento em que as escolas começavam a ser abrir para a comunidade. Pode haver agora um retrocesso dessas iniciativas.

Há algumas iniciativas de sucesso no controle da violência interna, a dos próprios alunos. Em 2002, as secretarias de Educação e de Segurança, com a participação do Ministério Público, criaram no Distrito Federal o Conselho de Segurança Escolar. O programa apostou no incentivo ao teatro e à prática de esportes. Extrapolou os limites escolares e trabalhou com as famílias, muitas vezes a origem da violência. Houve redução nos casos de agressões, uso de drogas e gravidez na adolescência. Há três anos, um quebra-quebra na escola estadual Amadeu Amaral, na Zona Leste da capital paulista, motivou a Secretaria da Educação a implantar um projeto semelhante no Estado de São Paulo. Na ocasião, uma briga de duas meninas resultou num tumulto que terminou com intervenção policial. Os estudantes quebraram vidros, jogaram carteiras do 2º andar do prédio. Um aluno sofreu ferimentos leves. Depois do episódio, a secretaria decidiu criar o Sistema de Proteção Escolar. O projeto aposta na tecnologia para mapear a violência escolar. Em uma de suas ramificações, ele permite denúncias pela internet, com sigilo garantido. Em 2009, 24% dos casos registrados foram



LÁGRIMAS, SANGUE E LUTO

No alto, Isabela da Silva, de 12 anos, sobrevivente do massacre. Ela perdeu sua amiga de infância, Milena. Acima, uma das salas de aula como foi encontrada pela polícia. Ao lado, cruzes colocadas pelos moradores de Realengo no muro da escola Tasso da Silveira, em homenagem aos alunos mortos. Agora começa o período de luto





de vandalismo, 21% de lesão corporal e 1% de porte de armas.

Se nas escolas públicas a prioridade – até agora – era conter a violência interna, nas particulares a ordem é conter delinquentes de fora. No Colégio Bandeirantes, um dos mais tradicionais de São Paulo, há uma equipe com 11 seguranças munidos de rádio para patrulhar as imediações do prédio. Há câmeras por toda parte. Quando os visitantes chegam, são acompanhados por um dos 20 inspetores do colégio. Os pais dos alunos, se querem falar com seus filhos, aguardam fora da sala. “O preço da liberdade é a eterna vigilância”, diz Pedro Fregoneze, diretor pedagógico do Bandeirantes. Depois da catástrofe no Rio, a escola pretende fazer um novo treinamento para inspetores e seguranças, mas ainda não definiu uma estratégia: “Sempre damos uma reorientação quando há alguma ocorrência diferente”.

Há algum tempo os grupos de segurança privados enxergaram nas escolas um novo filão de mercado. A Haganá Segurança tem pelo menos dez clientes nesse nicho, entre colégios dos ensinos fundamental e médio e universidades. Segundo José Antônio Caetano, diretor comercial da Haganá, a tragédia na escola do Rio poderia ser evitada com alguns processos preventivos. As recomendações são relativamente simples. Só entra no prédio quem tem um crachá de identificação. Quando se trata de um visitante, ele precisa ser conhecido de um funcionário ou apresentar um documento. E nunca pode ser liberado sem a autorização de alguém da casa. “Quando o marginal percebe que tem um forte esquema de segurança, fica intimidado”, afirma Caetano. “É preciso um procedimento rígido de controle do acesso e das calçadas da escola.”

Realengo, na Zona Oeste, ocupa a 89ª posição no ranking carioca de IDH, Índice de Desenvolvimento Humano, medido pelo IBGE. Bairro que abriga uma população carente em grandes conjuntos habitacionais, era conhecido nacionalmente apenas por causa da canção de Gilberto Gil “Aquele abraço” – uma referência ao período em que o artista ficou detido numa das prisões militares do bairro, nos tempos da ditadura. Agora, Realengo é sinônimo de uma tragédia que o Brasil ainda não conhecia. E não vai esquecer. ♦

Com Aline Ribeiro, Eliseu Barreira Junior, Hudson Corrêa, Humberto Maia Junior, Leopoldo Mateus, Letícia Sorg, Luciana Vicária, Nelito Fernandes, Marcela Buscato, Rafael Pereira e Rodrigo Turrer

A SOLIDÃO DE UM ASSASSINO

O jovem que massacrou crianças inocentes na escola municipal Tasso da Silveira esteve lá anos antes, como aluno - e não deixou amigos

Hudson Corrêa, Humberto Maia Junior e Marcela Buscato

Em comemoração a seus 40 anos, a escola municipal Tasso da Silveira, em Realengo, convidou ex-alunos para visitar o prédio e contar histórias. Não chamou Wellington Menezes de Oliveira, que lá estudou de 1999 a 2002. Aparentemente, ele não deixou saudade. ÉPOCA teve acesso ao histórico escolar e encontrou o perfil de um aluno mediano, calado e sem amigos. Em vez de jogar bola, preferia acompanhar de longe. Mesmo no verão abafado de Realengo, frequentava as aulas usando calça e camiseta de manga comprida. Ex-colegas de turma contam que ele era chamado de “Suingue”, por andar mancando de uma perna, ou “Sherman”, o personagem do filme adolescente *American pie*. Na Rua Jequitinhonha, em Realengo, onde morava com a mãe adotiva e os irmãos, também não se relacionava com ninguém.

Wellington foi adotado ainda bebê. Vizinhos dizem que sua mãe biológica tinha problemas mentais e tentou se matar. Elba Lira, de 55 anos, moradora de uma das casas mais próximas, diz que o rapaz parecia ser normal. “Embora ficasse muito fechado no quarto, nunca vi nada que chamasse a atenção ou que nos mostrasse que ele era mau”, diz Elba. “Não fumava, não bebia, não se metia em drogas.” Há dois anos, Wellington perdeu a mãe adotiva, Dicéa Menezes de Oliveira, de 72 anos. O pai adotivo, Guido, morreu um ano antes. Foi um duplo baque para o rapaz. Naquela

ocasião, ele morava apenas com a mãe, a irmã Rosilane e o sobrinho Luciano. No ano passado, decidiu ficar ainda mais só. Deixou o bairro de Realengo e foi viver a 30 quilômetros de distância, no bairro de Sepetiba. A casa era herança do pai adotivo. A comunicação com os irmãos e familiares se reduziu a quase zero.

Quando voltava a Realengo, os vizinhos percebiam como ele estava diferente. Uma vez, apareceu de cabeça raspada e tufo de cabelo sobre as orelhas. Em outra, de roupa toda preta e barba comprida – que ele cortou dias antes de atacar o colégio. Já não cumprimentava conhecidos como Tainá Oliveira Campos, de 23 anos, ex-colega da escola Madre Tereza de Calcutá. “Ele passava direto por mim”, diz Tainá.

O último emprego do assassino foi no setor de salsicharia da Rica, indústria de alimentos em Jacarepaguá, também na

Zona Oeste do Rio. Trabalhava no almo-xarifado, sozinho, das 21 horas às 7 horas. Segundo os funcionários da empresa, jamais faltava. Sete colegas de trabalho ouvidos por ÉPOCA elogiaram sua seriedade e eficiência. Wellington se relacionava com poucas pessoas. Falava pouco, e só quando alguém puxava assunto.

Não demorou para que seu jeito introvertido e suas roupas estranhas trouxessem de volta as piadas que ele costumava ouvir nos tempos de escola. “Uma vez, saíamos do trabalho, de manhã, quando passou uma mulher, alguns olharam para ela e perguntaram: ‘Você não gosta, não?’”, diz um funcionário. Ele respondeu que não pensava em mulheres. “Em outra ocasião, soubemos que uma mulher o convidou para ir ao cinema e ele recusou. Foi quando começou a ser chamado de ‘O virgem’”, afirma outro ex-colega de trabalho.

O interesse de Wellington por atos terroristas abismava os colegas. “Ele adorava armas e bombas”, diz um vigilante da empresa que não quis se identificar. “Queria conhecer tudo, me perguntava, pedia para segurar o revólver que eu usava no trabalho. Eu não deixava, claro. Sabia que era meio biruta”, afirma. “Ele contava que navegava muito em sites de homens bombas e islamismo.” Wellington dizia ler o *Alcorão*. “Ele me disse que tinha vontade de destruir um avião, como o outro fez lá nos Estados Unidos”, disse um irmão de criação. ▶

Wellington era conhecido no colégio como “Suingue”, por andar mancando. No trabalho, era “O virgem”



MATADOR
Wellington de
Oliveira em foto
recente. Ele raspou
a barba antes de
atacar a escola

O rapaz pediu demissão da empresa no final do ano passado, depois de dois anos ganhando R\$ 800 mensais, e sumiu. Mudou-se para Sepetiba. A casa de dois andares era velha e em péssimo estado de conservação: há pichações nas paredes, os vidros estão quebrados e o portão, negro, está enferrujado. Dentro, o local parecia um canteiro de obras – e piorou na véspera do massacre. Wellington destruiu tudo que tinha e ateou fogo a seu computador. A polícia disse que tentará recuperar o disco rígido do aparelho, que pode conter informações sobre suas atividades on-line e possíveis conexões ilegais, como as que lhe permitiram comprar e aprender a usar duas armas irregulares.

Em Sepetiba, como em Realengo, ele não conversava com os vizinhos. Seus contatos eram apenas com poucos comerciantes locais. Ele era visto saindo de casa de manhã e retornando no fim da tarde, sempre com uma mochila nas costas. As roupas negras tornaram-se um uniforme de uso diário. Andava olhando para baixo, com os ombros curvados para a frente. Geralmente, pedia comida em casa. Viviam sozinho e nunca era visto acompanhado de amigos ou namoradas. “Não dava bom-dia, ninguém reparava nele, é como se a casa não tivesse morador”, diz a vizinha Maria de Souza. Dono de uma bicicletaria no bairro, Dirley José Pereira, de 56 anos, comentou o andar trôpego do rapaz, olhando apenas para o chão. “Era lerdão, mas não perturbava ninguém. Se me perguntassem, diria que não era capaz de matar uma mosca”, diz.

Em uma carta encontrada pela polícia junto ao corpo, Wellington deu instruções de como gostaria de ser enterrado, ao lado da mãe adotiva. O texto deixa claro que a matança foi premeditada. Ele sabia que não sairia vivo da escola. “Se possível, quero ser sepultado ao lado da sepultura onde minha mãe dorme”, escreveu “Minha mãe se chama Dicéa Menezes de Oliveira e está sepultada no cemitério Murundu.” (*leia a reprodução ao lado*). Assinada de próprio punho, a carta traz referências à forma conservadora como Wellington lidava com questões sexuais. “Nenhum fornicador ou adúltero poderá ter contato direto comigo, nem nada que seja impuro poderá tocar em meu sangue, nenhum impuro pode ter contato direto com um virgem sem sua permissão”, escreveu. Apesar de o assassino ter manifestado simpatia por terroristas muçulmanos, a carta encon-

Primeiramente deverão saber que os impuros não poderão me tocar sem usar luvas, somente os castos ou os que perderam suas castidades após o casamento e não se envolveram em adultério poderão me tocar sem usar luvas, ou seja, nenhum fornicador ou adúltero poderá ter contato direto comigo, nem nada que seja impuro poderá tocar em meu sangue, nenhum impuro pode ter contato direto com um virgem sem sua permissão, os que cuidarem de meu sepultamento deverão retirar toda a minha vestimenta, me banhar, me secar e me envolver totalmente despido em um lençol branco que esta nesse prédio, em uma bolsa que deixei na primeira sala do primeiro andar, após me envolverem nesse lençol poderão me colocar em meu caixão. Se possível, quero ser sepultado ao lado da sepultura onde minha mãe dorme, minha mãe se chama Dicéa Menezes de Oliveira e esta sepultada no cemitério Murundu. Preciso da visita de um fiel seguidor de Deus em minha sepultura pelo menos uma vez, preciso que ele ore diante de minha sepultura pedindo o perdão de Deus pelo o que eu fiz rogando para que na sua vinda Jesus me desperte do sono da morte para a vida eterna.

Eu deixei uma casa em Sepetiba da qual nenhum familiar precisa, existem instituições pobres, financiadas por pessoas generosas que cuidam de animais abandonados, eu quero que esse espaço onde eu passei meus últimos meses seja doado à uma dessas instituições, pois os animais são seres muito desprezados e precisam muito mais de proteção e carinho do que os seres humanos que possuem a vantagem de poder se comunicar, trabalhar para se sustentar, os animais não podem pedir comida ou trabalhar para se alimentarem, por isso, os que se apropriarem de minha casa, eu peço por favor que tenham bom senso e cumpram o meu pedido, pois cumprindo o meu pedido, automaticamente estarão cumprindo a vontade dos pais que desejavam passar esse imóvel para meu nome e todos sabem disso, senão cumprirem meu pedido, automaticamente estarão desrespeitando a vontade dos pais, o que prova que vocês não tem nenhuma consideração pelos nossos pais que já dormem, eu acredito que todos vocês tenham alguma consideração pelos nossos pais, provem isso fazendo o que eu pedi.

Wellington Menezes de Oliveira

Na carta, o assassino pede perdão pelo que estava prestes a fazer e não esclarece os motivos

trada pela polícia não traz menções ao islamismo. Não há, por exemplo, citação a Alá ou ao Alcorão. Pelo texto, Wellington mantinha crença no cristianismo. Cita Jesus e, duas vezes, Deus.

Na carta, o assassino não esclarece os motivos do massacre – e por que voltou-se contra alunos de sua antiga escola. Fala-se numa reação às chacotas de que teria sido alvo. Não é possível ter certeza, mas, tanto na escola quanto no trabalho, Wellington foi ridicularizado. Talvez tenha se senti-

Wellington M. de Oliveira 502

| Componentes Curriculares | 1º bimestre | | | 2º bimestre | | | 3º bimestre | | | 4º bimestre | | | Frequência | |
|-------------------------------|-------------|----|-------|-------------|----|-------|-------------|----|-------|-------------|----|-------|------------|-------------|
| | F | RP | Conc. | F | RP | Conc. | F | RP | Conc. | F | RP | Conc. | RF | Conc. Final |
| Português | | | S | | | RP | | | RP | 6 | | S | S | 06 |
| Educação Musical | | | - | | | - | | | - | | | - | | |
| Artes Plásticas | | | - | | | - | | | - | | | - | | |
| Artes Cênicas | | | S | | | S | | | S | 1 | | S | S | 01 |
| Educação Física | | | S | | | RP | | | S | 2 | | S | S | 02 |
| Francês | | | S | | | S | | | S | 2 | | S | S | 02 |
| Inglês | | | - | | | - | | | - | | | - | | |
| História | | | S | | | S | | | S | - | | S | S | - |
| Geografia | | | S | | | S | | | S | - | | S | S | - |
| Matemática | | | RP | | | S | | | RP | - | | S | S | - |
| Ciências Físicas e Biológicas | | | RP | | | S | | | S | - | | S | S | - |

| | | | | | | | | | | | | | | |
|-------------------|---------------------|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|
| Formação Especial | Educação para o Lar | | | | | | | | | | | | | |
| | Técnicas Comerciais | | | | | | | | | | | | | |
| | Artes Industriais | | | | | | | | | | | | | |
| | Técnicas Agrícolas | | | | | | | | | | | | | |

| Dependência | 1º BIMESTRE | | 2º BIMESTRE | | 3º BIMESTRE | | 4º BIMESTRE | | FREQUÊNCIA | |
|-----------------------|-------------|-------|-------------|-------|-------------|-------|-------------|-------|-------------|------------|
| Componente Curricular | F | Conc. | F | Conc. | F | Conc. | F | Conc. | Conc. Final | % de freq. |
| | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | |

Resultado Final

Promovido: ☒ Sim ☐ Sim: dependência em: ☐ Não: reprovado em:

Deverá ser matriculado na *62* série do ano letivo de *2000*

| Assinatura do Responsável | Legenda |
|--|-------------------------------|
| 1º bimestre <i>Wellington M. de Oliveira</i> | RP - recuperação paralela |
| 2º bimestre <i>Wellington M. de Oliveira</i> | Conc. - conceito |
| 3º bimestre <i>Wellington M. de Oliveira</i> | RI - recuperação interperíodo |
| 4º bimestre | F - falta |
| | RF - recuperação final |

Principais aspectos considerados para a avaliação do aluno:

1. Compreensão das regras e valores individuais e sociais, e sua constante transformação.
2. Relacionamento cooperativo com o grupo (turma e escola).
3. Participação nas atividades, contribuindo com sugestões.
4. Emissão de opiniões durante as atividades.
5. Expressão de idéias com clareza.
6. Compreensão dos conceitos trabalhados e sua relação com a vida.

TRANSFORMAÇÃO

A carta deixada por Wellington (à esq.) antes de ir à escola municipal Tasso da Silveira promover um massacre. A foto de família na infância (ao lado) e (acima) o boletim do mesmo colégio, 11 anos atrás, mostravam um aluno regular e bem-comportado



do perseguido e humilhado. Segundo ex-colegas de turma, uma vez ele foi jogado numa lixeira sob risos gerais. Com poucos amigos e afastado dos irmãos há um bom tempo, é difícil chegar a alguma explicação. "Eu não consigo entender", diz a irmã Rosilane, de 49 anos.

Os especialistas da mente humana – psicólogos, psiquiatras, neurocientistas – ainda não têm condições de desvendar o comportamento de pessoas como Wellington. E, por incrível que pareça,

isso é uma boa notícia. Eles são poucos, muito poucos, a ponto de tornar difícil estabelecer padrões de comportamento e de motivações para um descontrole dessa magnitude. Nos Estados Unidos, o país que concentra o maior número de casos de atiradores em escolas – 85 dos 124 episódios relatados no mundo –, eles estão por trás de menos de 1% do total de assassinatos. Mas de uma coisa os especialistas estão certos: gente normal não faz esse tipo de coisa. Mesmo ter uma per-

sonalidade transtornada não significa ser capaz de agir com tamanha violência. É óbvio, pelas estatísticas, que a quantidade de assassinos é infinitamente menor que a de pessoas problemáticas.

Além da raridade dos eventos, o fato de a maior parte dos atiradores se suicidar torna ainda mais difícil entender a motivação dos crimes. Como fazer um diagnóstico psiquiátrico sem conversar com o paciente e entender seu padrão de pensamento e de reações? Os fragmentos que restam da história de vida desses criminosos, relatados por familiares e conhecidos, estão contaminados pela tragédia. Vistas pelo espelho retrovisor, as atitudes do atirador parecem conduzir inexoravelmente à tragédia em curso. Mas trata-se de uma ilusão.

O psicólogo americano Peter Langman dedicou-se a reconstruir a biografia de assassinos em massa dos Estados Unidos, como Eric Harris, de 18 anos, e Dylan Klebold, de 17 anos, que planejaram o massacre de Columbine. Langman analisou o perfil de 14 atiradores e concluiu que eles podem ser incluídos em três categorias.

A primeira é a de pessoas traumatizadas: vêm de famílias desestruturadas, sofreram abuso físico ou psicológico, um dos pais tem histórico de abuso de álcool ou drogas ou passagem pela polícia. A segunda é a de psicopatas, chamados na literatura psiquiátrica de portadores de distúrbio de personalidade antissocial. São pessoas que exploram as outras em benefício próprio e sentem prazer com o sofrimento alheio. Não entendem ou desprezam os direitos e os sentimentos dos outros. Os psicopatas são o tipo menos comum entre os assassinos em massa, porque é um tipo de crime que exige que eles se exponham, se coloquem em risco – algo inimaginável para uma pessoa que admira a si mesma de maneira doentia. A terceira categoria é a de psicóticos. E é nessa que Wellington parece se enquadrar.

Os psicóticos sofrem de uma perturbação mental que tem relação com a esquizofrenia, uma doença em que há delírios e mania de perseguição. Alguns são realmente esquizofrênicos, doença marcada pela perda de contato com a realidade. Esses vivem em um mundo imaginário. Outros sofrem de um distúrbio que tem características da esquizofrenia, mas nele não há ruptura com a realidade. Eles não surtam. ►


INVISÍVEL

O último lar de Wellington, em Sepetiba. Segundo vizinhos, era como se ninguém morasse ali

O criminoso sabe o que está fazendo. Esses casos são chamados de transtorno de personalidade esquizotípica: pessoas que tendem a se isolar porque não conseguem estabelecer laços íntimos com ninguém, nem com a família nem com amigos. Como são regrados e inflexíveis, costumam se sair bem em trabalhos metódicos. Por causa da rigidez de pensamento, não fazem segundas interpretações. Levam tudo ao pé da letra. Costumam se apegar de maneira fanática a sistemas com regras, como a religião. Eles distorcem o que as pessoas falam e interpretam tudo que ocorre a seu redor como uma grande conspiração contra eles. São excêntricos no modo de vestir e falar. Se os relatos após o massacre são confiáveis, Wellington apresentava muitos desses sintomas. Dos quatro casos de assassinos adultos que agiram em suas escolas, Langman conclui que todos eram psicóticos. Mas não há consenso entre os especialistas.

Para o psiquiatra forense Guido Palomba, Wellington aparentava sofrer de esquizofrenia. “O conteúdo da carta que ele deixou é completamente harmônico com o pensamento de uma pessoa esquizofrênica”, diz Palomba. “Ele divide o mundo entre puros e impuros, uma realidade que

não existe. Há relatos que sugerem que a mãe biológica dele tinha esquizofrenia e essa é uma doença que tem fortes componentes hereditários. Além disso, Wellington também estava na idade em que a doença se manifesta.” Para o psicólogo forense Antonio Serafim, do Programa de Psiquiatria e Psicologia Forense da Universidade de São Paulo (USP), é provável que Wellington sofresse de transtorno esquizoide, no qual não há descolamento da realidade. “Alguém que não rompeu com a realidade consegue fazer um planejamento mais refinado, como parece ter sido o caso de Wellington”, diz Serafim.

Quem tem perturbações mentais não é um assassino em potencial. “A maior parte

das pessoas que sofrem de esquizofrenia e de distúrbio de personalidade nunca será perigosa”, afirma Langman. Assassinos em massa têm características recorrentes — sentimento de falta de aprovação social, falta de perspectivas na vida, poucos laços sociais, inabilidade de lidar com frustrações —, mas, segundo Frank Robertz, criminologista do Instituto para Prevenção da Violência, todas elas podem ser corrigidas. “Esse tipo de crime acontece em nossa sociedade porque não nos importamos o suficiente com as pessoas”, diz ele. “Há tanta violência em nossa vida que algumas pessoas a encaram como uma maneira de deixar uma marca de sucesso e reconhecimento.”

Os pedidos feitos por Wellington em sua carta de despedida não serão cumpridos. O lençol em que ele exigia ser enrolado não foi sequer encontrado. O túmulo de sua mãe, Dicéa, com quem ele desejava ser enterrado, está em uma cova rasa. Não há possibilidade de que venha a receber mais um corpo. O assassinato de Realengo será eternizado apenas na memória, pelo mal que provocou. Seu corpo continua abandonado no Instituto Médico-Legal. Se ninguém o reclamar em 15 dias, será enterrado como indigente numa vala comum. Viveu sozinho. Continua assim. ♦

Pessoas que têm as mesmas perturbações mentais dos assassinos em massa não são criminosos potenciais

**SUPERPROTEÇÃO**

Elifas Pereira Filho, a mulher, Silvania, e os filhos Murilo e Henrique, em 2008. Após a morte de Henrique, Elifas busca Murilo todos os dias na escola

O MEDO DURA ANOS

Um drama como o de Realengo pode ter fortes sequelas - até para quem viu de longe

Camila Guimarães e Eliseu Barreira Junior

Um dia depois do massacre na escola Tasso da Silveira, no Rio de Janeiro, a menina Pamela Ferreira, de 13 anos, disse que não quer mais voltar para a escola. “Tenho medo que aconteça de novo”, afirmou. Pamela não teve contato com o assassino – estava no 4º andar do prédio, para onde conseguiu fugir com outros colegas. Ela não viu ninguém ser morto, mas perdeu uma amiga no tiroteio – Larissa, atingida dois lances de escada abaixo. E mostra sintomas comuns a quem passou por um forte estresse.

Em maior ou menor grau, todos os alunos da escola, e até pessoas que acompanharam o drama à distância, estão sujeitos ao estresse pós-traumático. É como se a in-

tensidade dos sentimentos fosse capaz de fazer os 12 minutos do massacre se arrastar durante anos. Trata-se de um fenômeno já bem estudado, em episódios similares em outros países. Em 2007, oito anos depois de sair ilesa do massacre da escola Columbine, nos Estados Unidos, Regina Rohde deu uma declaração na TV americana sobre como foi sua recuperação. Ela contou que levou muito tempo para parar de imaginar que qualquer pessoa na rua poderia atacá-la. “Demorou anos para eu conseguir retomar a rotina sem constantemente ficar olhando a meu redor. E a sensação de plena segurança nunca mais voltou.”

As sequelas são parecidas com as sofridas por quem passou por um sequestro

ou tenha sido vítima de uma catástrofe natural, como a que matou quase 1.000 pessoas na região serrana do Rio de Janeiro, em janeiro. O medo de voltar para a escola é uma fobia típica de estresse agudo, a resposta mais rápida que algumas vítimas podem apresentar. Medo de que aconteça de novo, medo de que aconteça no trabalho dos pais, no parque, no shopping. Essas fobias podem vir acompanhadas de pesadelos, insônia, dificuldade de concentração, profunda tristeza. “São reações esperadas nos primeiros 30 dias”, afirma Cláudia Sodré Vieira, psicóloga e coordenadora do Instituto Karunã, especializado em atendimento psicológico em situações de emergência. ►

É possível que um acontecimento tão chocante deixe marcas até em quem não o presenciou. Crianças e adolescentes que assistiram ao drama pela TV têm forte empatia com as vítimas. Eles têm a mesma idade, frequentam o mesmo ambiente escolar e podem passar a acreditar que correm o mesmo risco. É preciso ficar atento. “Pode ser que alguns tenham pesadelos e problemas para dormir e que até sintam, por um tempo, tristeza mesmo”, afirma Tai Castilho, terapeuta especialista em relacionamentos familiares. Os pais são fundamentais para ajudá-los a se sentir seguros novamente. A regra de ouro é falar sobre o assunto – em vez de tentar escondê-lo ou minimizá-lo. “A família tem de ser acolhedora”, diz.

Dizer que as reações são esperadas não é o mesmo que dizer que não devemos nos preocupar com elas. Algumas pessoas podem até conseguir superar essa primeira fase do estresse pós-traumático sozinhas, mas, se o trauma passar desse período, vira doença. Os sintomas se tornam mais intensos e podem evoluir para depressão e síndrome do pânico, por exemplo – e durar anos. A publicitária Karina Vadasz, de 33 anos, e suas irmãs fizeram muita terapia para conseguir lidar com a morte de sua mãe, Hermê Luísa Jatobá Vadasz, uma das três pessoas que morreram depois de ser baleadas pelo estudante de medicina Mateus da Costa Meira numa sala de cinema num shopping de São Paulo, em 1999. Karina diz que a perda da mãe é um trauma que nunca será superado. “Ainda sentimos dor e revolta. É difícil aceitar a maneira como ela foi tirada da gente”, diz. Ela conta que demorou um ano para conseguir entrar numa sala de cinema depois da morte da mãe.

É claro que nem todos os sobreviventes seguirão esse mesmo roteiro de reações. A resposta à morte e a uma experiência traumática é muito individual, depende de fatores como ambiente familiar e se a criança já tinha alguma outra patologia que a torna mais frágil. De qualquer forma, a fragilidade emocional é quase inevitável imediatamente após o episódio – e com sentimentos que têm muito a ver com a sensação de falta de segurança.

Elifas Pereira Filho, de 48 anos, perdeu seu filho Henrique de Carvalho Pereira, de 22 anos, em outubro do ano passado. Henrique foi golpeado na cabeça em dezembro de 2009 com um taco de beisebol em uma grande livraria de São Paulo por um rapaz que tem doença mental e escolheu sua víti-

COMO FALAR COM AS CRIANÇAS

Os conselhos de especialistas para abordar a tragédia em casa

CONVERSE

É pouco provável que os maiores não tenham ficado sabendo do que aconteceu. Comece perguntando como a criança se sente e se tem alguma dúvida

SE ELA NÃO SABE, NÃO CONTE

Entre os menores, até 7 ou 8 anos, é possível que a notícia não tenha se espalhado. Você não precisa contar. Fale com a escola para combinar estratégias de protegê-los do assunto

RESPEITE O EXAGERO

Durante a conversa, não minimize a dor ou o sentimento da criança, mesmo que pareça exagero. Não é. Lembre-se de que o ataque aconteceu contra um grupo com o qual ela se identifica

TRANQUILIZE

É importante frisar que o episódio foi isolado e dificilmente acontecerá de novo, por isso não é preciso ter medo. Quantas vezes ela não foi ao parque e se divertiu? Quantas vezes não foi à escola e deu tudo certo?

ACEITE A REPETIÇÃO

É normal que o assunto seja recorrente por um ou dois dias. Se houver atividades relacionadas ao assunto na escola, até uma semana. Tenha paciência e dialogue

EVITE A SUPEREXPOSIÇÃO

Uma maneira de não estender o assunto além do necessário é desligar a TV e evitar que vídeos e fotos do massacre na internet sejam revistos exaustivamente

OBSERVE

Transtornos do sono, dores de cabeça, reclusão, ansiedade e menor rendimento na escola podem ser sinais de trauma. Pense em procurar ajuda especializada

DISCUTA EM SALA

O assunto pode e deve ser tratado em sala de aula. Especialistas dizem que é um bom momento para atividades sobre porte de armas e segurança pública

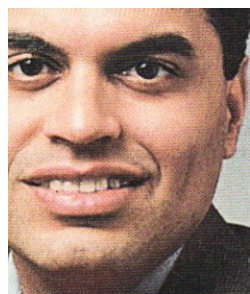
ma aleatoriamente. Após o episódio, Elifas passou a buscar o filho mais novo, Murilo, de 17 anos, todos os dias na escola, que fica em Santo André. “Estamos nos desdobrando até ter um pouco de confiança na vida novamente”, afirma ele. “Dizem que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar, mas eu prefiro não acreditar.”

A sensação de insegurança pode ser insistente e, no pior dos casos, ter forte influência na vida adulta dessas crianças. Isso é particularmente verdade para os menores, crianças de até 11 anos. “Elas ainda estão no período de formação de suas personalidades”, diz Cláudia. “Um episódio como esse mexe nas bases, e elas podem se tornar adultos mais suscetíveis.” Isso significa que elas podem ter maior tendência para desenvolver outras patologias no futuro, já que sua resistência a situações traumáticas foi minada, e podem se tornar pessoas com ansiedade crônica.

Junto com as fobias

podem aparecer casos em que o distúrbio psicológico acabe gerando alterações cognitivas. Muitas das crianças traumatizadas podem apresentar problemas de aprendizado – simplesmente porque estão ansiosas demais para se concentrar. “É preciso observar a reação de cada uma, porque as respostas são diferentes”, diz Suely Guimarães, doutora em psicologia e professora da Universidade de Brasília (UnB). O fato de o episódio traumático ter acontecido justamente na escola ajuda a agravar esse quadro.

Especialistas dizem que é preciso organizar uma intervenção coletiva para quem vivenciou o terror dentro da escola – e também para a comunidade no entorno. Alunos, educadores, funcionários, pais, familiares, vizinhos, quem estava só passando e parou para ajudar. Em níveis de intensidade diferentes, até pais com filhos em outras escolas do bairro podem ter medo de mandá-los para lá nos próximos dias. “Cada um viveu o terror de forma individual. Compartilhar essas histórias ajuda a legitimar o que todo mundo está sentindo”, diz Maria Helena Franco, coordenadora do laboratório de Estudos e Intervenções sobre o Luto, da PUC-SP. Para os alunos que sobreviveram, perceber o apoio da comunidade é importante para superar os traumas. “É a escola que tem de protagonizar esse diálogo”, afirma Osmar Luvison Pinto, psicanalista e supervisor escolar. “Seu papel é devolver aos alunos o espaço de segurança que lhes foi roubado.” ♦



NOSSO MUNDO

Fareed Zakaria

Fareed Zakaria

é colunista da revista *Time* e escreve quinzenalmente em *ÉPOCA*

Os americanos querem ser donos da Líbia?

O PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS, Barack Obama, começou a intervenção militar americana na Líbia prometendo duas características distintas. Primeiro, esse seria um esforço genuinamente internacional, com os EUA na liderança inicialmente, mas depois passando rapidamente a ter um papel de apoio (“em dias, e não semanas”). Segundo, a operação americana direta seria cuidadosamente restrita, “com limites de tempo e alcance”, nas palavras do porta-voz da Casa Branca, Jay Carney.

Mas, três semanas depois, já é possível ver as pressões – principalmente em Washington – para o presidente abandonar os dois procedimentos. Observe a mudança na retórica, das palavras cautelosas no início da operação para o discurso muito mais abrangente no fim do mês passado, com ênfase no papel de liderança dos EUA. Observe que os ataques aéreos às forças do ditador Muammar Khadafi agora estão indo muito além de proteger civis, na esperança de conseguir algum tipo de vitória. Se o governo não tomar cuidado, vai acabar em um lugar muito diferente do que pretendia inicialmente.

O presidente defendeu fortemente a intervenção dos EUA na Líbia, reunindo os melhores argumentos humanitários, estratégicos e políticos pelos quais o país não poderia ter ficado de lado enquanto as forças de Khadafi massacravam os rebeldes. Mas Obama não se esforçou ao tratar da lacuna estratégica central entre os objetivos mais amplos da política na Líbia – principalmente a saída de Khadafi – e os meios militares definidos para isso. Só há duas maneiras de fechar a lacuna: aumentar os meios ou diminuir os objetivos.

Os estadistas americanos sempre tentam usar meios militares limitados para apoiar interesses de política externa importantes, mas não vitais. Nas muitas intervenções ao longo das últimas décadas (Granada, Líbano, Somália, zona de exclusão aérea no Iraque, Bósnia, Kosovo), os EUA frequentemente tentaram encontrar formas de usar suas Forças Armadas, mas sem entrar em uma guerra total. Em algumas vezes foram mais bem-sucedidos do que em outras. Em

todos os casos, porém, a tarefa central era achar o equilíbrio entre os objetivos desejados e os meios que estavam dispostos a empregar. Quando não foram questionados gastos e os meios simplesmente foram aumentados, os EUA acabaram no Vietnã.

A tendência é o presidente ser pressionado para atingir uma vitória decisiva, não importam os custos ou se os interesses em jogo são vitais ou secundários. Os presidentes querem ser

líderes de grandes causas, e a missão na Líbia é, com certeza, uma boa causa. Um comentarista americano de esquerda observou, pesaroso, que as multidões em Benghazi, capital dos rebeldes líbios, gritavam “Sarkozy!” e não “Obama!”. Aparentemente, não basta a Líbia ser resgatada; os americanos precisam ser os salvadores porque o que importa a eles são eles mesmos, não os líbios.

Washington agora está na esperança de que um pouco mais de força militar derrube Khadafi. Mas seria mais sensato, enquanto se espera pelo melhor, planejar-se para outros resultados. A operação militar evitou um massacre. Khadafi pode ser contido por muitos meios, inclusive ajudando a oposição líbia. O governo de Bill Clinton reconheceu nos Bálcãs que

Intervenções limitadas podem ter sucesso limitado, mas também evitam fracassos catastróficos

não estava disposto a pagar o preço que a mudança de regime na Sérvia demandava. Assim, o ditador Slobodan Milosevic sobreviveu às ações na Bósnia e no Kosovo, que ainda são vistas como bem-sucedidas, e mais tarde foi deposto por seu próprio povo. Intervenções limitadas podem ter sucesso limitado, mas também evitam fracassos catastróficos.

Para alguns, isso não é ser duro o suficiente. “Se for preciso tomar Viena, tome Viena”, vociferou o colunista Charles Krauthammer, do *The Washington Post*. Essas palavras são de Napoleão, um ditador egomaniaco que invadiu a maior parte de seus vizinhos e cuja sede por vitória total o levou a dar um passo maior do que a perna, sofrer uma derrota ignóbil e acabar no exílio em uma ilha. Se eu fosse Obama, dispensaria esse exemplo. ◆



NA PRÓXIMA SEMANA:

Christopher Hitchens



O anti-Facebook

Um jovem de 22 anos vira o defensor do anonimato na web - e atrai a atenção de investidores

SEM NOME

Christopher Poole
(à frente) e três
colaboradores. Para ele,
o anonimato aumenta a
criatividade das pessoas

Camila Guimarães e Renan Dissenha

Ele poderia ser considerado apenas mais um rostinho bonito e milionário da internet se não fosse por seu discurso polêmico e inovador. Aos 22 anos, o americano Christopher Poole, fundador do 4chan e do Canv.as – fóruns digitais em que qualquer um pode publicar qualquer coisa, textos ou fotos, sem se identificar –, está ganhando a atenção da mídia e principalmente de grandes investidores por sua defesa do anonimato na internet. Sua mais recente aparição pública foi em março, durante um evento tradicional feito por (e para) gente obcecada por computador. No evento, que acontece anualmente no Texas, Poole enfeitiçou a plateia com suas ideias. “O custo do fracasso é muito alto quando uma pessoa participa de uma rede como ela mesma. Quando se é anônimo, o con-

teúdo se torna mais importante que seu autor”, disse. Em entrevista a *ÉPOCA*, Poole complementou: “Descobrimos que as pessoas ficam com menos medo de participar se deixarmos que elas façam contribuições anônimas. Isso encoraja a participação”.

Boa parte do burburinho causado pelas palavras de Poole vem do fato de que elas atingem diretamente o grande ídolo da internet atual, Mark Zuckerberg, fundador do Facebook, e o maior defensor do não anonimato na web. Dois anos antes, no mesmo evento, Zuckerberg, que então tinha 23 anos, cravava sua visão de como as redes sociais são seguras e amigáveis graças aos perfis reais de quem participa delas. Daí vem, segundo Zuckerberg, mais credibilidade para as informações que circulam na internet.

Para Poole, Zuckerberg está errado em usar nomes reais. “Quando você publica anonimamente, pode se expressar de um jeito criativo sem que isso seja usado contra você, pois as pessoas não sabem quem você é.”

A rixa entre dois nomes de peso da internet ultrapassa o reino da fofoca. A questão da privacidade é uma das mais relevantes para o futuro da rede. Os dados dos usuários das comunidades digitais, bem como seus gostos e opiniões, se transformaram em oportunas listas de preferências para anunciantes. É assim que sites como o Facebook ganham dinheiro. A previsão de receita do site, que tem quase 600 milhões de usuários, é de US\$ 4 bilhões em 2011, de acordo com analistas de mercado.

No mês passado, o Facebook reforçou sua estratégia. Está oferecendo uma ►



ferramenta gratuita de comentários para sites de conteúdo. Como o de uma revista, por exemplo. Para fazer um comentário sobre uma notícia publicada ali, o usuário necessariamente precisa ter um perfil no Facebook – que vai aparecer junto com seu nome verdadeiro ao lado de sua opinião. Para os executivos do Facebook, a identidade dá valor aos comentários. Mas também é mais uma galinha dos ovos de ouro: entrega ao site informações preciosas sobre os visitantes, já que vários comentários incluem informações que podem ajudar a empresa a individualizar seus anúncios. Mais de 17 mil sites adotaram a nova ferramenta do Facebook nos 15 primeiros dias após seu lançamento.

Além da incômoda sensação de que seus passos na web estão sendo observados, registrados e manipulados todo o tempo, há o fator espontaneidade. Esse é o principal ponto de Poole. Ele tinha apenas 15 anos quando, durante as férias do verão de 2003, inspirado em um site japonês chamado 2chan, criou o 4chan. O site funciona como um grande mural de opiniões, a maioria anônima, expressas por texto ou imagem, que não são arquivadas – desaparecem em horas (o que o torna também um pouco anti-Google).

O 4chan é um fórum generoso. Abriga os mais diversos comentários, dos mais desinteressantes, como o de alguém que pede ajuda para fazer as pazes com sua namorada, aos mais obscuros, como os que envolvem pornografia pesada. Por causa de seu conteúdo adulto, Poole se manteve anônimo até mesmo na vida real. Só há dois anos seus pais descobriram o que tan-



LADO ESCURO

Sarah Palin (no alto), e Julian Assange. O anonimato também facilitou ataques de hackers a eles



a entrevista completa
com Christopher Poole
em epoca.com.br

to o filho fazia trancado dentro do quarto, em frente ao computador.

Não foram só os pais que o descobriram. O site explodiu. Hoje, tem 12 milhões de usuários por mês e 800 mil posts por dia, segundo Poole, e se consolidou como uma forte cultura digital. Dele vêm os mais conhecidos “memes” (imagens, vídeos ou informações repassadas de um usuário a outro) da internet – como os Lolcats, imagens de gatos que “falam”, por meio de legendas, um inglês errado. Mas há o lado negro do site. Ele também deu origem ao Anonymous, o grupo ativista de hackers que ficou conhecido por atacar os sites da MasterCard e de outras empresas que se recusaram a fazer pagamentos para Julian Assange, do WikiLeaks, quando estourou o escândalo que o denunciou como agressor sexual, no ano passado. Outro caso famoso foi o de um usuário que anonimamente postou no fórum o passo a passo de como conseguiu entrar no e-mail da então candidata à Presidência dos Estados Unidos Sarah Palin.

Casos como esses já obrigaram Poole a prestar depoimentos e entregar informações sigilosas sobre seus usuários ao FBI, a polícia federal americana. O que ele fez sem hesitação (2 x 0 contra o Google). Poole, que diz ser amigo de Zuckerberg, é um jovem moderado. “As pessoas normalmente compreendem mal minhas ideias sobre identidade. Um monte de pessoas acredita que eu sou apenas a favor do anonimato e que esse é o único jeito de fazer as coisas, o que não é verdade”, diz. “Acredito que o anonimato é valioso, e nós devemos continuar a criar espaços onde as pessoas possam compartilhar suas ideias e outras coisas de forma anônima. Mas pedir sua identidade real faz sentido em várias situações, como em comentários.”

Talvez tenha sido esse jeito equilibrado, sem deixar para trás ideias inovadoras, que atraiu o capital de investidores de risco renomados, como Ron Conway, um dos primeiros a investir no Google, e Joshua Schachter, criador do Delicious, serviço que armazena e classifica links favoritos, comprado pelo Yahoo. Eles financiaram o novo empreendimento de Poole, o site Canva.as, parecido com o 4chan, mas baseado em publicação e modificação de imagens e legendas de forma colaborativa – e, claro, anônima. Falar em anonimato, nesses tempos em que a privacidade na web está em baixa, parece ser um bom negócio. ♦

Mente Aberta

Cinema | Música | TV | DVDs | Games | Internet | Livros | Teatro | Exposições | Ideias | Espetáculos

EDIÇÃO: LUÍS ANTÔNIO GIRON
e-mail: giron@edglobo.com.br



MÚSICA

O rap saiu do gueto

Esqueça a militância política. Os novos astros do gênero querem falar é de amor e amizade

André Sollitto e Mariana Shirai

QUANDO se lembra da primeira vez em que entrou num estúdio de gravação, aos 17 anos, o rapper paulistano **EMICIDA** não se sente muito bem. “Eu era o rapper típico, aquela coisa tradicional: um bicho grilo desconfiado, desagradável e que não falava com ninguém”, diz. A visita ao estúdio na Zona Oeste de São Paulo, uma das regiões com custo de vida mais alto do país, lhe rendeu um estágio não remunerado. “Fui me adaptando. Morava na periferia e foi bom ter de sair dali todo dia”, afirma. Hoje, passados oito anos, Emicida é o destaque maior de um grupo de jovens músicos que tenta romper

Emicida,

25 ANOS

Último lançamento **Emicídio**

O rapper contesta o uso repetitivo do tema da miséria no rap, além de tratar de sua família e da experiência de ser pai

com os clichês sonoros e temáticos do rap nacional para soprar vida nova ao gênero.

Emicida é destaque de festivais nacionais de peso, como o Urban Music Festival, em maio, do Lupa-luna, no mesmo mês, e do Rock in Rio, em setembro. Ele também é um dos participantes da edição atual do Rumos Música do Itaú Cultural, que mapeia novos talentos pelo Brasil. Emicida foi convidado ainda para participar do cobiçado festival americano Coachella neste mês na Califórnia (problemas burocráticos com seu visto, no entanto, podem comprometer sua participação).

Tamanho sucesso é fruto principalmente de uma mudança de atitude em relação ao gênero rhythm and poetry (ritmo e poesia, versos falados a partir de uma base rítmica). Seu segundo CD, *Emicídio*, de 2010, causou um curto-circuito no rap nacional. A certa altura da faixa título, Emicida, até então mais conhecido por sua capacidade “matadora” de vencer concorrentes em batalhas de improviso (daí o apelido), diz: “Quem ganha mais com a miséria? Os políticos, o Datena ou o rap?”. Comparar o rap com representantes corruptos da nação e com um apresentador sensacionalista pode ter criado desconforto. Mas Emicida diz ter recebido a bênção de alguns de seus maiores representantes, que reinaram no rap de protesto social dos anos 90, como Mano Brown, MV Bill, Marcelo D2 e Rappin’ Hood. “O rap estava muito chato. Só falava de problemas sociais, da favela”, diz D2. “O público não quer ouvir falar só disso. Essa nova cena continua falando de consciência social – que nos anos 90 a gente fazia de um jeito meio terrorista –, mas de maneira menos direta e mais poética.”

É o caso do maior sucesso de Rincon Sapiência, rapper paulistano de 25 anos, “Elegância”. A música trata de maneira descontraída e divertida do orgulho de se vestir bem e ser admirado pelas garotas por isso. Não deixa de ser uma música “engajada”: ela fala também da necessidade de não ser confundido com bandidos pela polícia, algo comum para negros da periferia. Para Sapiência, a possibilidade de inserir temas e me-

Rincon Sapiência,

25 ANOS

Último lançamento *Promotrampo vol. 1*

Em 2010 foi indicado ao Video Music Brasil, prêmio da MTV, na categoria rap

Slim Rimografia,

32 ANOS

Último lançamento *Mais que viver*

Em parceria com Thiago Beats, Slim acrescenta embolada, frevo, forró e rock às batidas eletrônicas



Lurdez da Luz,

31 ANOS

Último lançamento *Lurdez da Luz*

Lurdez concorreu na categoria rap do VMB de 2010. Ela faz rimas feministas sobre o amor e outros temas sem os clichês do rap

Rael da Rima,

28 ANOS

Último lançamento *Música popular do 3º mundo*

Integrante do grupo de rap Pentágono, é bem melódico ao inserir no rap ritmos como reggae e soul

Flora Matos,

22 ANOS

Último lançamento *Flora Matos vs. Stereodubs*

Com rimas aceleradas e ritmos dançantes, foi indicada à categoria “aposta” do VMB de 2010

lódias diferentes (ele mescla música eletrônica com sonoridades da capoeira, da umbanda e do candomblé) veio junto com a melhoria de vida nas periferias na última década. “Antes, a vida na periferia era tão ruim que aparecer com um tênis de grife era considerado uma afronta”, diz. “Hoje em dia é um orgulho para a classe C poder consumir coisas que não eram antes da periferia. É o mesmo para a música e para os recursos tecnológicos usados para consumir e produzir arte.”

Emicida também mistura ritmos. Quando ele começou a carreira, isso era uma heresia. “Esse tipo de nicho

menor, como o rap, fecha muito a cabeça para outros tipos de música”, diz. Sua bagagem cultural (música negra americana e brasileira dos anos 70 e 80) ficou... na bagagem. “Teve um momento em que me tornei meio burro.” A ousadia foi quase inconsciente. Ao lançar sua primeira mixtape (compilação de músicas em CD caseiro) *Para quem já mordeu um cachorro por comida até que eu cheguei longe*, Emicida recebeu elogios pela mistura de ritmos. “Estava tudo em mim, e eu nem tinha percebido.” Em *Emicídio*, ele usou ainda mais melodias diversificadas e mudou os temas das composições, inserindo canções



Assista

a Emicida falar sobre suas referências musicais em epoca.com.br

O rap em transformação

Décadas diferentes, maneiras diferentes de rimar

| Anos 90 | ◀◀ ▶▶ | Anos 2010 |
|---|-------------------|--|
| <p>“Meu estilo é pesado e faz tremer o chão/Minha palavra vale um tiro eu tenho muita munição”</p> <p>RACIONAIS MCS, “Capítulo 4, versículo 3”</p> <p>“Na base do desespero/Quero vê cara se o crime compensa, compensa ou não/Ai gente boa Vida bandida culpa da situação”</p> <p>RAPPIN’ HOOD, “Vida bandida”</p> <p>“Fugi da escola com 10 anos de idade/As ruas da cidade foram minha educação/A minha lei sempre foi a lei do cão”</p> <p>THAÍDE E DJ HUM, “Corpo fechado”</p> | Letras | <p>“Eu quero o dom da harmonia, que eu não fui feita pra briga Deus permite que eu prossiga, e quem sabe até consiga”</p> <p>FLORA MATOS, “Viver”</p> <p>“Hoje por vocês eu vim. Meus amigos são tudo pra mim Tamo junto até o fim”</p> <p>EMICIDA, “Velhos amigos”</p> <p>“Tô cansado do mesmo recado rap padronizado/Sugado e mal elaborado na construção/A maioria que ouvia nem sabia que existia/Desconhecia algo que seguia pela contra mão”</p> <p>SLIM RIMOGRÁFIA, “Hinovação”</p> |
| Batidas eletrônicas quase sempre criadas por DJs | Sonoridade | Maior uso de instrumentos ao vivo e de outros ritmos |
| Tipo “gangsta”: roupas largas, correntes grandes, poucas cores | Visual | Antenados com tendências de moda, roupas de grife, mais cores |
|    <p>Mano Brown, Thaíde e Rappin’ Hood</p> | Rappers |    <p>Emicida, Flora Matos e Rincon Sapiência</p> |

de amor e amizade. As duas mixtapes já venderam, juntas, 20 mil cópias.

Emicida já recebeu três contratos de grandes gravadoras. Recusou todos. Seu próximo disco, que ele considera ser o primeiro oficial, deverá sair em 2012, segundo ele com patrocínio de uma empresa multinacional. Emicida não queria perder a autonomia criativa nem passar pelo mesmo tipo de experiência que MC Slim Rimoграфия, de 32 anos. Depois de lançar dois CDs independentes (*Financeiramente pobre*, de 2003, vendeu 4 mil cópias), Slim assinou com o selo inglês Curve, que não o ajudou a lançar nenhum disco por dois anos, mas também não o deixava gravar de forma autônoma. Ele quebrou o contrato para produzir *Mais que existir*, que sai agora. O disco é uma ode ao rap da diversidade e aposta em ritmos brasileiros como o frevo, presente na faixa “Hinovação”. “O rap está quebrando barreiras”, diz Slim. “Essas misturas chegam a mais pessoas.”

“Não temos medo de ser pop”, diz Lurdez da Luz, de 31 anos, que lançou sua primeira mixtape em carreira solo em 2010. “Somos a primeira geração que extrapolou a ideia de que o rap deveria ser feito apenas para quem faz parte do movimento.” Assim como a maioria de seus colegas, Lurdez usa referências da música brasileira dos anos 70 e 80.

Rael da Rima, de 28 anos, que compõe seu rap com o violão, diz que essa diferença pode ser valorizada no exterior. “O rap brasileiro tem de deixar de se espelhar no hip-hop americano. Quando a gente mistura ritmos nacionais, conseguimos muito mais espaço lá fora”, diz. Isso nem é novidade, diz Criolo Doido, de 35 anos, que lançará o CD *Nó na orelha* em maio, com sonoridades que vão do samba ao bolero. “Sempre existiu.” Segundo ele, as misturas ficavam escondidas, e agora a internet facilitou o acesso a elas.

O movimento tem até um eco dos rappers da década de 80. Naqueles tempos, o rap tocava em pistas, antes de ser engolido pelo movimento de protesto dos anos 90. Quem identifica o rap com o estilo gangsta pode se surpreender com os novos artistas. Eles cansaram do “mesmo recado rap padronizado” e agora querem “o dom da harmonia”.



CINEMA

Eles estão entre nós. De novo

EMBORA a paixão dos cineastas de ficção científica impeça que eles saiam de moda, os filmes sobre alienígenas costumam vir em safras de muitos lançamentos, seguidas por longos períodos de calmaria. Na década de 50, o sucesso de *O dia em que a Terra parou* (1951) inspirou uma série de filmes sobre a ameaça extraterrestre, entre os quais se destacam *Guerreiros dos mundos* (1953) e as produções baratas de Ed Wood. No fim dos anos 1970, *Contatos imediatos de terceiro grau* (1977), de Steven Spielberg, inaugurou uma temporada em que o terror era substituído pelo deslumbramento diante da chegada dos alienígenas. *E.T., o extraterrestre* (1982), também de Spielberg, consagrou-se como o principal representante desse subgênero. Mas não foi suficiente para impedir que o temor por aliens ressurgisse em filmes como *Independence day* (1996) e *Tropas estelares* (1997), em que a chegada dos extraterrestres implica a ameaça de extinção da humanidade.

A julgar pelos lançamentos previstos até o final do ano, os E.T.s. estão entre nós novamente – e, desta vez, seu comportamento é imprevisível. Em *Distrito 9* (2009), precursor da atual safra de filmes de ficção científica, sua presença na Terra provoca um sentimento de ambiguidade moral. Ainda que sejam ameaçadores, os aliens podem provocar a empatia do público, e os humanos não são necessariamente bons. *Avatar* (2009) segue a tendência, de maneira um pouco exagerada. A ganância dos humanos os coloca no papel de vilões, ao passo que os habitantes de Pandora, na luta para preservar o meio ambiente de seu planeta, conquistam o coração – e a torcida – da plateia. Mas a crueldade dos aliens continua evidente em filmes como *Skyline* (2010) e o recém-lançado *Invasão do mundo: a batalha de Los Angeles*, em que a invasão alienígena é uma ameaça real aos habitantes da Terra... ou ao menos aos frequentadores das praias de Los Angeles.

A ficção científica adolescente **EU**

BRILHO

Alex Pettyfer interpreta o galã alienígena John em *Eu sou o número quatro*. O ator é candidato a sucessor de Robert Pattinson (*de Crepúsculo*) no coração das adolescentes

SOU O NÚMERO QUATRO, que estreia no Brasil nesta semana, é uma síntese do momento de confusão vivido pelos extraterrestres no cinema atual. O personagem principal, John (Alex Pettyfer), um herói colegial com cara de galã, é um ser de outro planeta. Os vilões do filme, que pretendem exterminá-lo e destruir tudo a seu redor..., também são.

Apesar de tentar levar uma vida normal de adolescente, John é um dos poucos sobreviventes da destruição de Lorien, seu planeta natal. Diante da derrota iminente contra os mogadorians, uma temível raça de predadores intergalácticos, os anciãos de Lorien decidem enviar para a Terra nove crianças com poderes especiais, cada uma acompanhada por um guardião. Quando se tornassem adultos, os nove se uniriam e liderariam a revanche para vingar a morte de seus antepassados. Seria uma boa ideia se os mogadorians não decidissem seguir suas presas até a Terra – e assassiná-las, em ordem, uma a uma. Após a morte de três dos enviados, John, o Número Quatro, se torna a próxima víti-



Leia

a entrevista com Pittacus Lore, autor do livro *Eu sou o número quatro*, em epoca.com.br

ma. Ao mesmo tempo que foge da ameaça de morte, precisa lidar com seus recém-descobertos superpoderes e encontrar seus companheiros de espécie para organizar um contra-ataque. Tudo isso sem descuidar das preocupações mundanas de um colegial, como conquistar a garota mais cobiçada da escola, adaptar-se a um novo colégio e enfrentar a perseguição de valentões do time de futebol americano. É o ponto de partida para uma história leve e divertida, que mistura o romance adolescente a sequências de ação repletas de efeitos especiais.

Produzido por Michael Bay (o “gênio” da série *Transformers*) e dirigido pelo pouco conhecido D.J. Caruso (de *Roubando vidas*), o filme é baseado no livro homônimo de Pittacus Lore (pseudônimo adotado pelos autores americanos James Frey e Jobie Hughes). O romance foi um dos sucessos infantojuvenis do ano passado nos Estados Unidos. É o primeiro de uma série de seis, segundo os autores. “Foi muito emocionante trabalhar com a Dreamworks e com Michael Bay”, diz Pittacus. “Somos grandes fãs deles e foi uma honra vê-los contando nossa história.”

Mesmo distante de alcançar a espantosa bilheteria de *Avatar* ou a profundidade de *Distrito 9*, *Eu sou o número quatro* conta com um apoio importante para conquistar espaço na história da ficção científica: a devoção dos fãs adolescentes, que converteram Harry Potter em uma franquia multibilionária e levaram os vampiros de *Crepúsculo* ao estrelato. Ainda que em menor escala, a história de Frey e Hughes tornou-se uma sensação mundial. No Brasil, o livro tinha 14 fã-clubes antes mesmo de ser lançado. A chegada às telas deverá aumentar o fanatismo. Com sua cabeleira descolorida e seu penteado exótico, o britânico Alex Pettyfer, que vive o herói, é candidato a substituir Robert Pattinson, o vampiro Edward, no coração das adolescentes. Em sua longa trajetória cinematográfica, os extraterrestres já tinham cumprido quase todas as funções possíveis – de predadores implacáveis a salvadores da humanidade. Faltava o papel de galã.

Danilo Venticinqu

Uma invasão de invasões

A temporada de filmes sobre alienígenas já chegou – e deverá durar o ano todo



COWBOYS & ALIENS

Estreia em setembro de 2011

Sinopse: baseado em uma história em quadrinhos de 2006, o filme mostra a chegada de discos voadores a uma pequena cidade do Arizona, em 1873. Índios e caubóis se unem para combater os invasores



INVASÃO DO MUNDO

Em cartaz

Sinopse: uma esquadra de alienígenas em formato de formigas gigantes invade a praia de Santa Monica, em Los Angeles, em busca de água. Um fuzileiro naval à beira da aposentadoria lidera a resistência humana



SUPER 8

Estreia em agosto de 2011

Sinopse: produzido por Steven Spielberg e dirigido por J.J. Abrams (de *Missão Impossível 3* e *Jornada nas estrelas*), o filme narra a história de seis jovens que investigam um acidente de causa misteriosa



SKYLINE: A INVASÃO

Em DVD

Sinopse: em mais uma história de ameaça alienígena em Los Angeles, desta vez cabe ao artista Terry e a sua namorada, Elaine, enfrentar os extraterrestres e fugir das tentativas de abdução

TELEVISÃO

O mito dos Kennedys

EM 1954, sentada na varanda de uma casa de praia, Jacqueline Kennedy revela ao sogro que está cansada dos escândalos sexuais do marido e vai pedir o divórcio. O sogro, o ex-embaixador Joseph Kennedy, tenta argumentar com a nora: caso ela leve a ideia adiante, poderá encerrar a carreira política do marido, o senador pelo Estado de Massachusetts John Kennedy. Pede que Jackie reconsidere, pois ela poderá se tornar a mais jovem primeira-dama dos Estados Unidos. Diante da negativa de Jackie, Joseph sussurra à nora que vai depositar US\$ 1 milhão em um fundo em nome dela. Se o senador não virar presidente, Jackie poderá ter seu divórcio — e o dinheiro.

Os eventos que ocorrem a partir desse diálogo fictício são parte de um dos momentos mais sensacionais, conturbados e decisivos da história americana — e também do apogeu de uma dinastia católica que respirava política e esbanjava predicações físicos, com um estilo de vida e poder conhecido como Camelot (referência à corte do lendário rei Arthur e sua tábua redonda). Com uma família tão carismática, é surpreendente que só agora se tenha produzido uma minissérie sobre ela.

THE KENNEDYS foi lançada no dia 3 na TV americana e será exibida no Brasil a partir de 22 de maio no History Channel. Infelizmente, o retrato do governo de John Fitzgerald Kennedy, o 35º presidente do país, só faz jus ao fenômeno real em um aspecto: a polêmica.

Remexer no passado de ícones presidenciais americanos é sempre tarefa embaraçosa em filmes para o cinema ou televisão. Há o modelo de Oliver Stone, diretor que procura reescrever a história a partir de novas teorias sobre JFK, Nixon e George W. Bush. E há o caminho do revisionismo acadêmico, como fez a rede HBO com o sucesso *John Adams*. *The Kennedys* tentou unir as duas fórmulas, mas acabou escorregando para um folhetim ralo. Nas





CASAL K

O casal John Fitzgerald e Jacqueline Kennedy (acima, em foto de 1960) é interpretado por Greg Kinnear e Katie Holmes na série *The Kennedys*. A família não gostou da abordagem "direitista" da série, com ênfase na incontinência sexual e na truculência política do presidente



Assista

ao trailer da série
The Kennedys em
epoca.com.br

primeiras versões do roteiro original, o presidente confidencia ao irmão suas urgências sexuais: "Se eu não puder ter um rabo diferente a cada dois dias, sofro de enxaqueca".

Com os atores Greg Kinnear e Katie Holmes (mulher de Tom Cruise) nos papéis de JFK e Jackie, *The Kennedys* mostra situações sem base histórica: Joseph passa a mão na secretária na frente dos filhos; Jackie ameaça deixar a Casa Branca durante a crise da invasão da Baía dos Porcos, a fracassada tentativa americana de derrubar Fidel Castro; primeira-dama e presidente – à maneira do cantor Michael Jackson e suas injeções de propofol – recebem visitas de um certo "doutor Feelgood" ("doutor Alto-Astral"), que lhes aplicava injeções no bumbum contra dores musculares. Ao ler o roteiro, o ex-conselheiro de JFK Theodore Sorensen chamou o projeto de "malicioso" e "vingativo".

A "vingativa" ênfase em sexo, pílulas e truculência política viria do fato de o produtor-executivo do programa, Joel Surnow (cocriador da série *24 Horas*), ser conservador e amigo de Rush Limbaugh, comentarista político de extrema-direita. "Se Tom Hanks tivesse produzido esse programa, teríamos tido problemas?", disse Surnow. Entre o topete poço de Kinnear e a robótica interpretação de Katie, é difícil dizer se a série sofre de partidarismo.

Ao custo de US\$ 30 milhões, a série é o programa mais caro do History Channel. Poucos meses antes de lançá-la, a Disney e a NBC/Universal, empresas que controlam o canal, cancelaram a exibição. A família Kennedy, em especial Caroline Kennedy, filha de JFK e Jackie, teria feito pressão. Caroline tem poder de barganha. Ela promete divulgar, em um programa de televisão e um livro, sete horas de entrevistas inéditas gravadas por Jackie logo após a morte de JFK. Como a emissora e a editora que trabalham no projeto são controladas pela Disney, Caroline teria ameaçado abandoná-lo.

Os produtores então levaram o programa para outro canal, o ReelzVideo, obscura emissora a cabo especializada em filmes. Com audiência mensal média de 2 milhões de espectadores, o Reelz viu seu público crescer: 1,8 milhão de pessoas sintonizaram o canal no domingo. O canal teria gastado US\$10 milhões na divulgação da série, incluindo a criação de um aplicativo para o iPad, que oferece a exibição do programa. Mesmo assim, não foi fácil ver Marilyn Monroe cantar o infame "Parabéns a você" ao presidente Kennedy. Na segunda-feira, Henry Kissinger, ex-secretário de Estado americano, disse que estava curioso para ver a série... desde que sua mulher conseguisse localizar o bendito canal.

Marcelo Bernardes, de Nova York

Galeria presidencial

As séries que retrataram a vida, as proezas e as gafes dos presidentes americanos



John Adams

Tom Hanks e Steven Spielberg produziram em 2009 esse grande sucesso sobre a vida do segundo presidente americano. O desempenho de Paul Giamatti como o presidente intelectual e rebelde dividiu a crítica



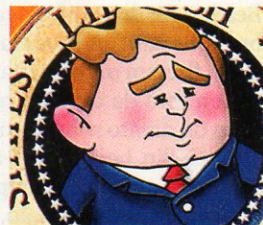
Ronald Reagan

Na série *The Reagans*, o presidente (interpretado por Josh Brolin) é retratado como hostil às minorias sexuais. Conservadores protestaram, anunciantes sumiram e a rede CBS cancelou a exibição do programa



Bill Clinton

Dennis Quaid tenta capturar o carisma de Bill Clinton, assaltando a geladeira da Casa Branca e comendo batatinha frita na cama, no telefilme *Special relationship*, sobre as relações exteriores entre EUA e Inglaterra



George W. Bush

Em *Lil' Bush*, série de animação do canal Comedy Central, Bush é um estudante ginásial e trapalhão. Ele invade a cantina da escola e, no melhor estilo tortura em Abu Ghraib, obriga os atendentes a lhe servir cachorro-quente

Um álbum inédito dos Beatles

OS BEATLES viveram superexpostos ao público em seus oito anos de estrelato, de 1962 a 1970. Cada lugar em que a banda britânica tocou, cada deslize que deu, tudo foi documentado em minúcia. E os registros continuam a sair. O álbum **UM DIA NA VIDA DOS BEATLES** (CosacNaify, 144 páginas, R\$ 69) reúne 92 fotos, a maior parte inéditas, tiradas em um único dia pelo inglês Don McCullin.

Era junho de 1968. O grupo (ainda não havia a palavra “banda”) vivia uma “fase sombria”, nas palavras de Paul McCartney no prefácio do livro. Foi nesse período que, segundo o músico, surgiu o termo “heavy” (pesado) para designar o estado de espírito dominante. A revolta estudantil na França havia sido sufocada, a Guerra do Vietnã e a fome na África estavam no auge. Paul, John Lennon, George Harrison e Ringo Starr trabalhavam no *Álbum branco* – e queriam alterar a imagem e a atitude após a onda psicodélica que geraram pelo álbum de 1967, *Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band*. Segundo Paul, os quatro músicos ansiavam por algo diferente para capas de discos, revistas e promoções. Assim chamaram Don McCullin para o novo trabalho. Ele já era famoso por suas aventuras no Vietnã e na África como contratado pela agência Magnum e pelo jornal *The Sunday Times*. “Pensei que fosse uma brincadeira quando atendi o telefonema da gravadora Apple”, diz McCullin a *ÉPOCA*. “Eles me ofereceram 200 libras para fotografar os Beatles. Eu disse que pagaria 200 libras por isso!” A quantia era alta, e ainda fizeram outra oferta: 500 libras para a foto da capa da revista *Life*, além do direito sobre os negativos.

McCullin, hoje com 75 anos, 20 livros publicados e se recuperando de uma cirurgia no coração, conta que tinha acabado de chegar do Vietnã, onde havia testemunhado as batalhas mais sangrentas. “Eu já era o que sou hoje: um fotógrafo interessado em temas políticos e em denunciar a violência da guerra e a miséria do Terceiro Mundo”, diz. “Não tinha nada a ver com os Beatles. Eu me sentia desconfortável diante de gente famosa.” Mesmo assim, venceu a rejeição e

marcou o encontro para um domingo. “Começamos em um estúdio no prédio do *Sunday Times*”, diz McCullin. “Eles eram rapazes bacanas e atenciosos, embora não deixassem de se comportar com a extravagância das celebridades.” McCullin notou que o quarteto não estava acompanhado por assessores. A exceção foi Yoko Ono, mulher de John, que monitorou de perto o passeio. Fizeram as fotos coloridas para a revista, entre brincadeiras. Em seguida, McCullin levou-os a passear pela cidade.

“Escolhi lugares pouco frequentados, porque senão uma multidão nos cercaria.” Pararam em um parque no norte da King’s Cross, no centro. O fotógrafo propôs depois que se dirigissem ao East End, nas docas, ambiente que lembrava a Liverpool natal dos músicos. “E eu, que queria dirigi-los, acabei dirigido”, diz. “Eles faziam piadas, dançavam, tiravam a roupa. Só precisei clicar.” No bairro de Limehouse, junto a velhas mansões georgianas, McCullin teve um choque: John avisou que ia encenar sua própria morte, atirou-se ao chão e se fingiu de morto por um longo tempo. “Se Paul era um garoto simpático, John parecia agressivo e queria fazer de cada pose uma manifestação. Eu tive medo de contrariá-lo. A cena da morte foi um momento premonitório.” O dia terminou no domo geodésico da casa de Paul. Ali, tomaram chá em companhia da cadela Martha (famosa pela canção “Martha my dear” do *Álbum branco*, lançado em novembro daquele ano). “Eles me trataram bem, mas não sei se agradei”, diz. “Apesar de ter dado o toque pesado que queriam, não fiquei satisfeito com o resultado.” Os 15 rolos de filme foram devolvidos e depositados na agência Magnum em Nova York. No início de 2010, já consagrado por seu trabalho, McCullin teve outra surpresa. Um amigo da Magnum examinou os rolos e sugeriu que virassem livro. “Não dei valor ao material, mas me disseram que era a última longa sessão de fotos da banda. Sem querer me tornei um dos últimos a ter retratado os quatro juntos.”

Luís Antônio Giron

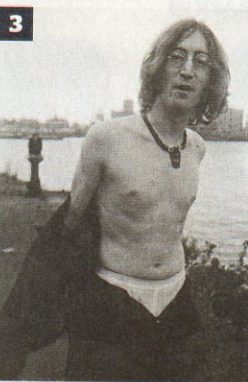


TOUR POR LONDRES EM 1968

1. Ringo, John, Paul e George em um parque ao norte da King’s Cross **2.** John encena a própria morte **3.** A beira do Tâmesa, em Limehouse, John começa a tirar a roupa **4.** Paul imita John e posa sem camisa **5.** O dia termina no domo geodésico da casa de Paul, em St. John’s Wood, na companhia da cadela Martha



2



3



5



4



o depoimento de Don
McCullin e uma galeria
de fotos inéditas dos
Beatles em
epoca.com.br

LIVROS

Best-sellers feitos em casa

O MUNDO da literatura tem uma nova milionária. Após dezenas de recusas de editoras, a americana Amanda Hocking publicou seus livros na internet, ganhou fama... e aí chamou a atenção dos grandes editores. Assinou um contrato de US\$ 2 milhões com a St. Martin Press, um selo do gigante Macmillan, para escrever quatro livros. O gênero não é uma surpresa: Amanda escreve romances de fantasia para

a Barnes & Noble. Os livros, escritos nas horas vagas de seu trabalho em uma clínica para deficientes, ganharam notoriedade graças às avaliações positivas de seus leitores. À medida que seu público crescia, Amanda começou a aparecer na imprensa e enriqueceu: ela fica com 70% do dinheiro pago por seus livros, cujos preços vão de US\$ 0,99 a US\$ 2,99. O sucesso fez com que as principais editoras dos Estados Unidos entrassem em uma disputa pelo direito de publicar seus próximos romances.

Amanda é a principal representante

Com preços entre US\$ 0,99 e US\$ 2,99, os livros de Amanda Hocking viraram febre na internet

de adolescentes, a maior febre do mercado editorial na atualidade. Mas um detalhe a separa de outras revelações da literatura juvenil. Ao contrário de autoras como Stephenie Meyer (*Crepúsculo*) e Alyson Noël (*Os imortais*), ela não precisou de editora para se tornar milionária.

Desde abril do ano passado, os nove romances de Amanda venderam mais de 1 milhão de cópias digitais em livrarias como a Amazon e

de uma geração de escritores que usa as vendas digitais para desafiar a indústria tradicional do livro (*leia o quadro abaixo*). Eles se aproveitam de uma peculiaridade do mercado de livros digitais. Embora dispensem gastos com impressão e distribuição, os e-books das principais editoras são vendidos nas lojas virtuais por preços semelhantes aos de livros de papel. Assim, deixam espaço para que autores inde-

Amanda Hocking

Aos 26 anos, a autora já publicou nove livros juvenis com temática paranormal

1.000.000
de e-books vendidos

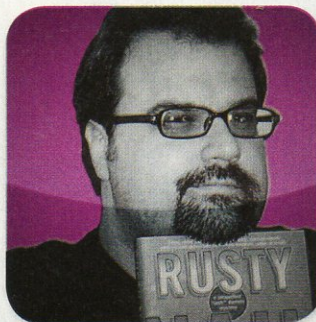
Eles não precisam de editora

Os autores que desafiam a indústria tradicional do livro e vendem milhares

AUTOR



H.P. Mallory



J.A. Konrath



Oliver Pötzsch

QUEM É

No rastro de Amanda Hocking, a escritora se dedica a livros juvenis sobre seres fantásticos

Conhecido por um blog com dicas para escritores, o americano faz sucesso com livros de suspense

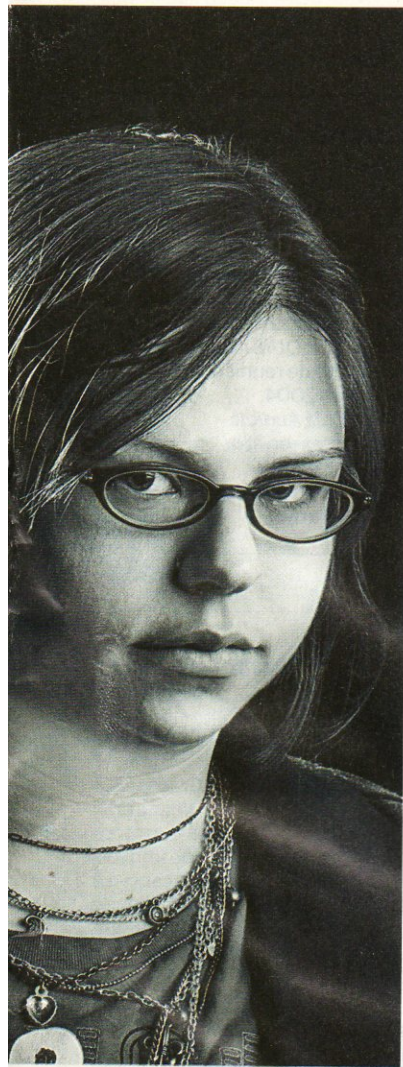
O autor alemão chegou ao topo da lista de mais vendidos da Amazon com suas histórias de mistério

LIVROS VENDIDOS

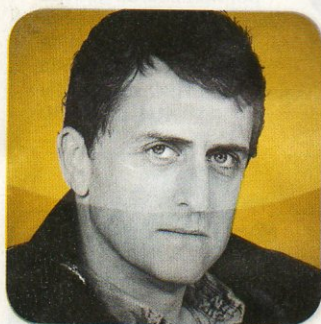
70 mil

100 mil

100 mil



de cópias na internet



Stephen Leather

Autor profissional, o britânico colocou na internet livros recusados por sua editora por serem curtos demais

44 mil

pendentes publiquem seus próprios livros a preços agressivos e ganhem força em um mercado crescente. Em 2010, o número de consumidores de e-books nos Estados Unidos chegou a 20 milhões, segundo o instituto de pesquisas Forrester. As projeções do instituto mostram que o mercado americano de livros digitais movimentará US\$ 3 bilhões em 2015, superando o de livros tradicionais. As dimensões do mercado permitem que autores bem-sucedidos enriqueçam vendendo e-books por US\$ 0,99 – algo impensável entre os autores de livros de papel.

A facilidade de publicar livros independentes na internet impõe um novo desafio aos leitores: descobrir autores que valem a pena. No competitivo mercado tradicional, escritores que contam histórias desinteressantes e cometem erros graves de gramática dificilmente conseguiriam chegar ao público. Nas lojas de e-books, a publicação exige apenas alguns cliques. Para separar autores “injustiçados” pelas editoras dos justamente esquecidos, internautas criaram uma rede de blogs de crítica literária. Eles avaliam o trabalho de autores que, como Amanda, decidem publicar seus livros por conta própria. O trabalho dos críticos amadores ganhou relevância graças à autora independente Jacqueline Howett, que ofendeu blogueiros após receber avaliações negativas. A história motivou comentários de autores consagrados como Neil Gaiman e chegou à imprensa americana, que endossou as críticas ao livro de Howett. O caso chamou a atenção para uma desvantagem dos escritores independentes. Enquanto as grandes editoras bancam a divulgação dos livros e contam com equipes de marketing e relações-públicas, autores que publicam seus e-books por conta própria têm de fazer todo o trabalho sozinho. Foi isso que motivou Amanda a se render ao modelo tradicional e assinar um contrato com uma editora, apesar de fazer sucesso sem elas. “As pessoas falam mal das editoras, mas elas ainda oferecem serviços, e quero ver como eles são”, diz Amanda. “Se acabarem não sendo boas, não preciso continuar com elas.”

Danilo Venticinque

LIVROS

MAIS VENDIDOS

A história agora é pop

O sucesso de *1808* e *1822*, de Laurentino Gomes, trouxe a história do Brasil a um lugar de destaque nas listas de mais vendidos. *Boa ventura!*, do jornalista Lucas Figueiredo, é o mais novo lançamento. O livro narra detalhes da corrida do ouro no Brasil durante o período colonial, entre 1687 e 1810.



Ficção

- 1 **A cabana**, William P. Young (137/2)
- 2 **Querido John - O que você faria com uma carta que mudasse tudo?**, Nicholas Sparks (50/3)
- 3 **Tormenta**, Lauren Kate (4/1)
- 4 **Diário de uma paixão**, Nicholas Sparks (19/4)
- 5 **Água para elefantes - A vida é o maior espetáculo da Terra**, Sara Gruen (2/6)
- 6 **A batalha do Apocalipse**, Eduardo Spohr (33/8)
- 7 **A fúria dos reis - As crônicas de gelo e fogo - Vol. 2**, George R.R. (2/9)
- 8 **Chama negra - Os imortais 4**, Alyson Noel (5/5)
- 9 **A última música**, Nicholas Sparks (44/10)
- 10 **Crescendo - Hush, hush**, Becca Fitzpatrick (6/*)

Não ficção

- 1 **1822**, Laurentino Gomes (28/1)
- 2 **1808**, Laurentino Gomes (153/5)
- 3 **Guia politicamente incorreto da história do Brasil**, Leandro Narloch (60/3)
- 4 **50 anos a ril**, Claudio Julio Tognolli e Lobão (15/4)
- 5 **José Alencar - Amor à vida - A saga de um brasileiro**, Eliane Cantanhêde (1/*)
- 6 **Comer, rezar, amar**, Elizabeth Gilbert (158/2)
- 7 **O discurso do rei**, Peter Conrad (8/6)
- 8 **Boa ventura! - A corrida do ouro no Brasil**, Lucas Figueiredo (1/*)
- 9 **3096 dias**, Natascha Kampusch (9/9)
- 10 **O doce veneno do escorpião - O diário de uma garota de programa**, Bruna Surfistinha (71/*)

Autoajuda

- 1 **Ágape**, Padre Marcelo Rossi (35/1)
- 2 **Deixe os homens aos seus pés**, Marie Forleo (3/2)
- 3 **O monge e o executivo**, James C. Hunter (336/3)
- 4 **Os segredos da mente milionária**, T. Harv Eker (139/6)
- 5 **Por que os homens amam as mulheres poderosas?**, Sherry Argov (87/4)
- 6 **51 atitudes essenciais para vencer na vida e na carreira**, Carlos Hillsdorf (9/*)
- 7 **Casais inteligentes enriquecem juntos**, Gustavo Cerbasi (187/5)
- 8 **De frente com a verdade**, Monica de Castro (8/*)
- 9 **Quem pensa enriquece**, Napoleon Hill (16/7)
- 10 **Encontre Deus na cabana**, Randal D. Rauser (34/*)

Levantamento realizado entre 28 de março e 3 de abril de 2011, nas livrarias: **Saraiva**: São Paulo, Porto Alegre, Curitiba, Rio de Janeiro, Goiânia, Florianópolis, Fortaleza, Brasília, Salvador, Juiz de Fora, Recife. **Livraria Martins Fontes**: São Paulo. **Livraria Nobel**: São Paulo. **Livraria Fnac**: Brasília, Campinas, Curitiba, Porto Alegre, Ribeirão Preto, Rio de Janeiro, São Paulo. **Laselva**: Belém, Belo Horizonte, Brasília, Campinas, Florianópolis, Fortaleza, Foz do Iguaçu, Macelô, Navegantes, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e Vitória. **Livraria Cultura**: São Paulo, Fortaleza, Porto Alegre, Recife e Brasília. **Livraria da Vila**: São Paulo. **Travessa**: Rio de Janeiro. **Livrarias Curitiba**: Curitiba, Florianópolis, Joinville, Londrina, Balneário Camboriú, Blumenau, São Paulo e Porto Alegre. **Livraria Argumento**: Rio de Janeiro. **Leitura**: Campo Grande, Brasília, Goiânia, Belo Horizonte, Jundiaí, Campinas e Vitória. **Gato Sabido e Submarino**. O número à esquerda indica há quantas semanas o livro figura na lista; à direita, sua posição na semana anterior. Consulte listas completas em epoca.com.br